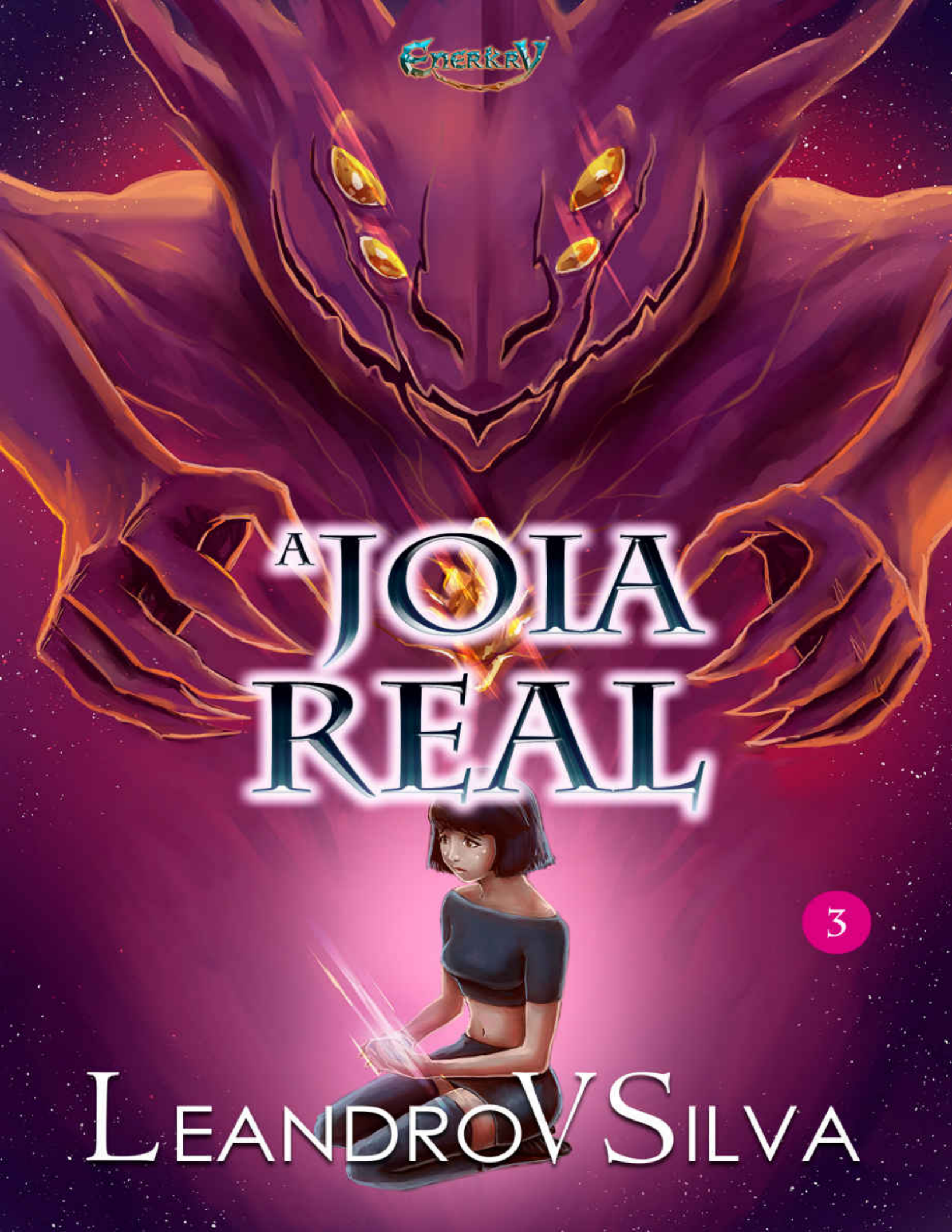




ENERGY

A JOIA
REAL

3

LEANDRO SILVA



LIVRO 3

A JOIA
REAL

Uma série



Copyright © LeandroVSilva® 2018-2023.
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia ou outro, sem a permissão prévia do autor.

ISBN 978-65-999213-9-1

Publicação Independente

www.leandrovsilva.com.br

Para minha joia, Ana Maria.
Minha amada mãe.

O impossível só se torna possível quando tentamos alcançar o infinito.

LeandroVSilva

Joy achava que era especial e única, até encontrar Lando que também é um *Ikihatsunukishisen*.

Ela possui um passado sofrido e está em busca de algo que lhe dê as respostas sobre o que aconteceu com seus pais, que morreram de forma misteriosa.

Joy quer as respostas a todo custo e espera que Lando possa colaborar. Ele, por sua vez, recebeu uma missão e espera que ela não seja uma ameaça.

CAPÍTULO 1 - FUGITIVA

CAPÍTULO 2 - ENCONTRO DE IKIHATSUNUKISHISEN

CAPÍTULO 3 - A JOIA

CAPÍTULO 4 - MÁFIA

CAPÍTULO 5 - VELHO AMIGO

CAPÍTULO 6 - PLANOS

CAPÍTULO 7 - CIDADE MARAVILHOSA

CAPÍTULO 8 - ATRÁS DE MIM

CAPÍTULO 9 - O MUSEU IMPERIAL

CAPÍTULO 10 - MAIS UM

CAPÍTULO 11 - FUGITIVOS

CAPÍTULO 12 - SENTIMENTO INCOMPREENSÍVEL

CAPÍTULO 13 - INTERROGATÓRIO

CAPÍTULO 14 - RESGATE

CAPÍTULO 15 - ORDEM ABSOLUTA

CAPÍTULO 16 - CORAÇÃO PARTIDO

CAPÍTULO 17 - INDECISÃO

CAPÍTULO 18 - ESPERANÇA DO PASSADO

CAPÍTULO 19 - PROPOSTA

CAPÍTULO 20 - PERDA INCALCULÁVEL

CAPÍTULO 21 - MISSÃO PROIBIDA

CAPÍTULO 22 - VINGANÇA

CAPÍTULO 23 - SACRIFÍCIO

CAPÍTULO 24 - MOMENTO OPORTUNO

CAPÍTULO 25 - IKIHATSUNUKISHI X IKIHATSUNUKISHI

CAPÍTULO 26 - ALIADO ENTRELAÇADO

CAPÍTULO 27 - CONFIANÇA

CAPÍTULO 28 - DOIS LADOS

CAPÍTULO 29 - ESCOLHAS

CAPÍTULO 30 - TENTANDO SUPERAR A PERDA

CAPÍTULO 31 - IRMÃOS

CAPÍTULO 32 - SOCIEDADES



CAPÍTULO 1

FUGITIVA

JOY

— Vá! Você não pode mais ficar aqui! — ordenou meu tio Hadrian.

— Tem certeza de que não conseguiu mais nada? — questionei. — Isso não me diz muita coisa.

— Prometi que poderia ficar aqui caso não perguntasse nada sobre seus pais. Já falei demais e isso pode te colocar em risco. Agora você precisa ir.

— Preciso saber o que aconteceu com meus pais! — disse irritada.

— Já lhe disse que não sei de mais nada! Só tenho esses documentos! Agora vá! — ordenou tio Hadrian, ainda mais nervoso.

Estávamos em um *shopping* bem movimentado da *Austrália*.

— Nos acharam — disse, olhando para dois homens que perceberam que eu havia notado a aproximação deles.

Meu tio olhou para eles.

— Vá! Vá! Vou distraí-los!

Acenei com a cabeça e segui para uma saída alternativa do *shopping*. Meu tio foi na direção dos homens sendo parado por eles. Entrei em uma área de funcionários e a última coisa que vi foi meu tio Hadrian sendo pressionado pelos homens estranhos.

Eles pertenciam a uma sociedade secreta que me perseguia há um tempo. Eu estava em busca de respostas sobre a morte dos meus pais. Meu pai era um cientista, engenheiro químico e arqueólogo e minha mãe agente do *Serviço de Inteligência*. Eles foram mortos estranhamente quando eu tinha apenas nove anos.

Meu tio Hadrian, irmão da minha mãe, assim como ela, era ex-agente do *Serviço de Inteligência* e me criou desde então. Lembrava-me do meu pai que dizia:

— Minha pequena joia. Você possui um poder divino.

Depois de um tempo, descobri ser o poder de controlar o *Ikihatsunukishi*. Um objeto que se transformava em uma arma muito poderosa. Já passou pela minha cabeça, por várias vezes, que eu não poderia ser filha deles, devido a esse poder sobre-humano.

Muitas incógnitas me atormentavam, contudo, estava disposta a descobrir as respostas a todo custo. Com o poder do *Ikihatsunukishi* somado às habilidades de agente do *Serviço de Inteligência* que meu tio me ensinou, tinha certeza de que nada poderia me impedir.

Fui até o estacionamento de funcionários e segui para uma área bem movimentada. Com olhar atento para todos os lados, pedi um *transporte rápido* e segui para o aeroporto. No caminho verifiquei os documentos que meu tio havia me entregado. Analisando, vi precisar ir para a *Inglaterra*.

— Coincidência — pensei.

Ele conseguiu a informação de uma das pesquisas do meu pai sobre a descoberta de um cristal raro.

Lina, minha *AI*, providenciou a passagem para eu ir direto para *Londres*. Chegando ao aeroporto, percebi que um carro nos seguiu. Acelerei o passo e fui direto para o embarque. O voo não ia demorar muito para decolar.

Já na área de embarque e só com uma mochila entrei no voo. Sentei do lado da janela à direita e fiquei esperando a decolagem. Mandeí uma mensagem para meu primo que morava na *Inglaterra*. De repente, percebi que um trabalhador do aeroporto olhava fixamente para o avião. Parecia que ele estava olhando para mim. Logo em seguida o avião se preparou para decolar.

Depois de muitas horas de viagem desembarquei no *Heathrow Airport*. Peguei um táxi que me levou até à cafeteria onde eu havia marcado com meu primo Andrew, filho do Tio Hadrian.

Parei na cafeteria e esperei por ele. Pedi um café para tentar relaxar. Estava preocupada olhando para todos os lados. Quando o café chegou, meu primo se aproximou usando óculos escuros e sentou-se na minha frente.

— Você parece nervosa — disse Andrew.

Tomei um gole de café.

— Preciso de sua ajuda. Acho que o tio Hadrian foi...

— Ele vai ficar bem. O que você planeja? Não quero você arrumando problemas por aqui.

Fiquei confusa, mas estava mais preocupada com outra coisa.

— Preciso invadir uma mansão.

Meu primo tirou os óculos e me olhou diretamente nos olhos.

— Você está louca?! Disse que não quero você arrumando problemas por aqui!

— Preciso de algo que está com uma família importante. Uma joia.

— Não! Se for pega, ninguém poderá te livrar.

— Mas preciso arriscar. Preciso daquela joia. Ela tem ligação com a morte dos meus pais.

Andrew ficou pensativo.

— Não posso te ajudar. Adeus! — disse Andrew se levantando.

— Você me deve! Preciso agora!

Ele parou e voltou a se sentar.

— Vou te dar as ferramentas, mas não vou me envolver diretamente e, se for pega, se vire sozinha.

— Obrigada — disse, sorrindo.

— Termine de tomar seu café e vamos.

A bebida estava muito quente ainda, mas terminei rapidamente. Ele pediu um *transporte rápido* e seguimos para a residência dele. Quando entramos no veículo notei que ele começou a ficar inquieto. Andrew tentava não demonstrar, mas ele estava esquecendo que nós dois passamos praticamente pelos mesmos treinamentos com tio Hadrian.

Chegando, entramos em seu apartamento que parecia bem simples. Ele foi até seu quarto e voltou com uma maleta compacta que colocou sobre a mesa.

— Estão aqui uns acessórios que vão te ajudar a invadir a mansão sem ser detectada, pois irão desativar todos os sensores, câmeras e alarmes. Aqui tem uma pequena pistola de cápsulas tranquilizantes. Elas apagam imediatamente a pessoa atingida por trinta minutos, deixando-a com uma dor de cabeça semelhante à de uma ressaca extrema. Mire no pescoço para maior eficácia.

Muitas das coisas que ele me mostrou eu já conhecia, mas algumas pareciam mais sofisticadas do que aquelas que eu já usei.

— Obrigada.

— Você não me disse de qual família importante planeja invadir a mansão — comentou Andrew com um olhar preocupado.

— Mansão da família *Rikarggan*.

Ele permaneceu em silêncio por um curto intervalo de tempo.

— Tenha cuidado.

Eu sorri com seu comentário.

— Quando pretende fazer isso? — indagou Andrew, indo beber água.

— Amanhã.

— Fazer isso em um *domingo* pode não ser legal. Vá lá e estude o comportamento daqueles que frequentam o local e da família. Você devia saber disso.

Ele estava certo. Eu não devia agir como uma amadora, mas, apesar de ter sido treinada para ser agente, eu nunca quis seguir essa profissão.

— Sim, vou seguir suas recomendações.

— O que planeja fazer nesse período? Tem onde ficar? — perguntou Andrew, sentando na poltrona e ligando o *Tab TV*.

— Não pensei ainda onde vou ficar e...

— Fique por aqui — disse Andrew me interrompendo.

Fiquei surpresa com atitude dele.

— Pode ficar aqui enquanto estuda como vai executar seu plano, mas quando o puser em prática não volte aqui. Não importa o que aconteça. Se me decepcionar, não vou hesitar em te entregar — disse Andrew, com um tom sério, enquanto colocava um filme para ver.

— Obrigada — disse, sentando numa cadeira.

— Pode ficar à vontade e o quarto é seu. Ficarei aqui na sala.

— Não precisa. Deixe que eu fique aqui na sala.

— Não.

Ele falou seriamente e eu não o questionei. Peguei minha mochila que não tinha muitas roupas e tomei um banho. Ele me deu roupas de cama que arrumei para poder dormir logo mais. Eram 9:45 da noite de *sábado* e Andrew não gostava de cozinhar. Havia me oferecido para preparar algo, mas a dispensa estava vazia. Ele pediu, por *aplicativo*, algo para nós comermos. Andrew só se alimentava assim, fazendo pedidos de todo tipo de comida por *aplicativos*.

Não demorou muito e sua *AI* o notificou que o pedido estava quase chegando. Em menos de dois minutos a refeição chegou. Era comida chinesa. Ele se lembrou do meu gosto por esse tipo de comida. Comemos e ficamos assistindo filme. Apesar de parecer distraída com as cenas de ação, eu estava concentrada e planejando como iria coletar as informações de rotina da família *Rikarggan*.

— *Hey! Joy! JOYYYY!*

— *Hã! Onde estou?!*

— Estava tendo um pesadelo? — perguntou Andrew, preocupado.

— *Perdão!* — disse, aliviada.

— *Está cedo! Mas já que acordou, vou pedir café da manhã.*

— *Tudo bem!*

Levantei-me e tomei um banho para despertar por completo. Fui para sala e na mesa já estava arrumado um farto café da manhã.

— Parece saboroso — disse, pegando um achocolatado.

Tomamos café vendo *Tab TV*. Estávamos assistindo às notícias locais.

— Você não parece bem — disse Andrew, sem olhar para mim.

Hesitei em responder, mas...

— Está tudo bem. É só o fuso horário.

Ele continuou assistindo às notícias e eu fui para o quarto. Me joguei na cama pensativa. Minha mente foi tomada pelas poucas lembranças dos meus pais. Apesar de tê-los perdido quando era mais nova, eles eram bem ausentes. Eles se dedicavam muito ao trabalho e acabavam me deixando de lado. Apesar disso, eu não tinha raiva deles porque quando meus pais separavam seu tempo para ficar comigo, nossos momentos juntos eram inesquecíveis. Meu pensamento se desligou de repente...

Mãe! Pai! Voltem! Eles entraram em um carro preto e me abandonaram. Um estranho se aproximou. Ele estendeu a mão.

— Venha, eles não te merecem.

Hesitei. Ele ficou com raiva.

— *Entregue-me o Ikihatsunukishi!*

Tentei fugir. O estranho se transformou em um ser macabro que possuía quatro olhos alaranjados. Parecia um demônio. Procurei pelo meu Ikihatsunukishi para me proteger e não encontrei. A criatura me atacou e...

— Calma, Joy! Calma.

— O quê? Andrew — disse, aliviada.

— Você dormiu novamente. O fuso horário realmente está te deixando desorientada — disse Andrew, rindo.

Levantei e fui até minha mochila.

— O que foi? — perguntou meu primo.

Abri a mochila para conferir se meu *Ikihatsunukishi* estava dentro e para meu alívio, estava. Parecia um *chaveiro*. Um *chaveiro* de diamante. Eu possuía o *Ikihatsunukishi* que me dava o poder de controlar os diamantes. Conseguia transformar o carbono à minha volta em diamantes e usá-los para ataques. Era uma pena que os diamantes formados logo se transformavam em grafite. Era desapontante, porque ficava milionária em pouco instantes e voltava a minha realidade logo em seguida.

O dinheiro que tinha era o que meus pais haviam me deixado. Não muito a ponto de me deixar rica, mas era o suficiente para poder viver decentemente por aí. Até tentei rou...

— Já passou muito da hora do almoço. Vou pedir algo para comermos — disse Andrew me olhando estranhamente.

— Tudo bem, mas não vou ficar para comer. Vou sair. Vou até a mansão estudar o comportamento da família *Rikarggan*.

Ele ficou pensativo e logo em seguida pediu:

— Tudo bem. Seja cautelosa.

Logo depois ele saiu do quarto. Peguei minha mochila, coloquei a maleta compacta dentro, me arrumei e saí. Pedi um *transporte rápido* até a mansão da família *Rikarggan*. O casarão ficava à quase uma hora de onde estávamos.

Cheguei e caminhei em frente à mansão. Vi várias seguranças e câmeras espalhadas por todo o local. Seria uma missão bem arriscada. Teria que entrar e coagir algum membro da família que soubesse da joia e forçá-lo a me entregar sem alarmar a segurança. Já havia feito algo parecido, contudo, quase fui pega. Talvez só o dono da mansão soubesse da joia, então não seria uma boa opção.

O ideal seria me infiltrar como um conhecido ou empregado da família, mas isso levaria tempo e não estava disposta a perder tanto tempo assim. Precisava ser objetiva e conseguir aquela joia quanto antes.

Um garoto passou por mim e ficou me observando. Olhei para ele e o vi indo na direção do portão principal. Antes de ele entrar, gritei para ele:

— *Hey! Você é da família Rikarggan?*

— Não, eu trabalho para eles — respondeu o garoto.

— Como faço para falar com o Sr. *Rikarggan*? — disse, pensando em tentar entrar para o grupo de empregados.

— Você teria que marcar uma reunião com ele, mas acho que será difícil você conseguir — respondeu o garoto me olhando de cima a baixo.

Minha vontade de resolver tudo imediatamente, garantindo-me no meu poder, me fez agir sem cautela.

— Você pode me ajudar. Preciso de algo que ele tem.

— Não posso! Eu não tenho acesso direto ao Sr. *Rikarggan*. Se quer falar com ele, te aconselho a tentar por meios legais e burocráticos — disse ele, rindo.

— Então terei que invadir e pegar à força.

Ele me olhou assustado. Havia sido imprudente com minha atitude impaciente. Se ele chamasse os seguranças eu teria sérios problemas.

— Boa sorte então! — disse o garoto, rindo e indo embora.

Lembrei-me dos meus pais e do que precisava fazer para entender tudo o que aconteceu. Sem paciência e irritada com o sarcasmo dele, disse seriamente:

— Talvez o que vá lhe dizer não faça sentido, mas sou uma *Ikihatsunukishisen* e vou pegar o que está lá dentro a todo custo.



CAPÍTULO 2

ENCONTRO DE IKIHATSUNUKISHISEN

JOY LANDO

— O que você disse? — perguntou Lando, surpreso.

— Você é surdo? Disse que vou pegar o que tem lá dentro a todo custo — respondeu Joy, impaciente.

— Não essa parte. É sobre você ser um *Ikihatsunukishisen*.

Joy olhou surpresa para Lando. Ela recuou, pegou o seu *Ikihatsunukishi* e o ativou. O *chaveiro* de diamante se transformou em um tipo de espada.

— Você é da sociedade! Não deixarei que me capturem — disse Joy, nervosa.

— Acalme-se! Sou um *Ikihatsunukishisen* igual a você.

— Mentira! Afasto-se.

Lando pegou seu *Ikihatsunukishi* e ativou.

— Uma espada! Interessante! Mas como?! Não sabia que existiam outros vivos! — disse Joy, confusa.

— Vivos? Como assim?

O local estava pouco movimentado, mas as poucas pessoas que passavam olhavam para eles assustadas. Elas estavam achando que os dois estavam gravando algum filme ou série, contudo achavam estranho, porque não havia ninguém filmando.

— Pelos meus registros existiram outros iguais a mim, mas não constava nenhum vivo.

— Registros? — questionou Lando.

— Não importa! Sei que existiram alguns há muito tempo e morreram!

— Sim, você está certa. Existiram alguns no passado, mas o poder foi herdado pelos precedentes. Sou um dos que herdaram o poder e você provavelmente também o herdou.

— Como assim herdei?

— Diga-me o que sabe sobre o *Ikihatsunukishi* e os *Ikihatsunukishisen* — disse Lando, desativando sua arma.

— Diga-me você o que sabe — ordenou Joy, apontando seu *Ikihatsunukishi* para Lando.

Ele se assustou e ativou o seu novamente, só que direto para o segundo nível.

— Hã! Como? Seu *Ikihatsunukishi* mudou de forma. O que você fez? — perguntou Joy, confusa.

Lando olhou para os lados e desativou novamente seu *Ikihatsunukishi*.

— Não vou lhe fazer mal. Percebi que não sabe de tudo. Calma que vou lhe explicar, mas antes preciso saber o que quer pegar na mansão dos *Rikarggan*.

— Como posso confiar em você?! Como fez para mudar a forma do seu *Ikihatsunukishi*? — disse Joy, receosa.

— Já lhe disse, não vou lhe fazer mal. Sou igual a você e o que você viu foi a segunda forma do meu *Ikihatsunukishi*. Quando ficamos mais fortes, o *Ikihatsunukishi* sofre uma transformação se mostrando mais poderoso. Pelo visto você não sabia disso.

— Não, não sabia. Me diga mais!

— Já disse para você ficar calma. As pessoas estão passando, vendo essa situação e começando a ficar incomodadas. Não chamaremos atenção e se eu quisesse te ferir, já teria feito. Você mesmo viu que sou muito mais forte do que você — disse Lando, sorrindo.

Joy ficou pensativa e olhou para os lados. Ela viu um casal olhando surpreso para eles. Ela disfarçou e desativou o *Ikihatsunukishi*.

— Está bem. Vou tentar confiar, mas se fizer algo que comprometa minha integridade, não hesitarei em atacar com meu *Ikihatsunukishi*.

— Tudo bem. Não farei nada. Só conversaremos. Meu nome é Lando. Para começar, diga-me, o que quer pegar a todo custo na mansão dos *Rikarggan*?

Joy hesitou em responder, mas depois de uns segundos ela revelou:

— Sou Joy. Uma joia. Preciso dela para saber do que ela se trata. Único registro que tenho é que se trata de uma joia muito rara e com um poder especial.

— Joia? Que tipo de joia? — questionou Lando, enquanto pensava que tipos de registros a garota teria.

— Uma joia egípcia. Olhe! — disse Joy, mostrando uma foto dela pelo seu *Tab P*.

— Eu já ouvi falar dessa joia em um documentário de história, mas ela está desaparecida há séculos. Ela foi roubada de um museu no Cairo.

— Sim, ela foi ficou desaparecida por um bom tempo, mas descobri que a joia está com o Sr. *Rikarggan*. Os meus registros mostram que ele a adquiriu no mercado ilegal.

Lando ficou surpreso. O Sr. James *Rikarggan* envolvido com coisa errada. Seria difícil acreditar, mas ele estava mais interessado em saber do que se tratava a joia, então não questionou.

— Entendi, mas o que essa joia tem de especial?

Joy hesitou em falar novamente. Estava pensando nos pais.

— Ela tem alguma ligação com o poder do nosso *Ikihatsunukishi*. O que descobri, foi que a joia é um tipo de Enerkry, mas não sei o que isso quer dizer.

Lando ficou surpreso. Ele abaixou a cabeça, pensativo.

— O que mais você sabe das Enerkry?

— Como disse, não sei o que quer dizer isso. *Hey!* Você sabe o que quer dizer isso? Sabe o que é a Enerkry?

Lando olhou para Joy, seriamente.

— Se existe algo assim com a família *Rikarggan*, provavelmente está no cofre deles, contudo acho que seria impossível abrir, exceto caso façamos refém o Sr James e o forcemos a entregar a joia, mas não conseguiríamos sair livres dessa para encontrar mais respostas.

— Se você me levar até o cofre posso abri-lo sem chamar atenção.

— Hã? Como?

— Confie. Apenas me leve até o cofre.

Apesar de Lando estar interessado pela Joy e seu poder do *Ikihatsunukishi*, ele ainda não estava confiante sobre as atitudes reais dela.

— Tudo bem! Vou te levar para dentro e agimos rápido. Por sorte o cofre se encontra em uma área isolada, porém tem muitos alarmes até seu acesso.

— Tudo bem. Posso desativá-los — disse Joy, confiante.

— E as câmeras?

— Isso que ia te perguntar. Leve-me próximo da área de monitoramento.

— Ok. Não somos autorizados a levar ninguém para dentro sem cadastro, mas tentarei. Vamos!

— Tentar como? Me diga o que preciso fazer para não cometer erros?

— Venha! — disse Lando, indo até a entrada da mansão.

Joy respirou fundo e foi atrás dele. Ela apertou o passo e ficou ao lado de Lando. Já na portaria...

— Vamos esperar um pouco — disse Lando, após mandar uma mensagem para alguém pelo seu *Tab P*.

— Esperar o quê?

— Espere!

Eles ficaram em silêncio aguardando por quase cinco minutos. Quando Joy ia questioná-lo:

— Oi, Lando. O que... precisa — disse Abigail, olhando Joy de cima a baixo.

— Oi, Abigail. Perdoa-me por te trazer aqui depois da nossa conversa, mas preciso de um favor.

— O que precisa? — disse Abigail, desconfiada e sem parar de olhar para Joy.

Lando percebeu o olhar de Abigail.

— Desculpe-me, Abigail. Não apresentei minha prima. Joy. Ela está de passagem pela Europa e veio me visitar.

— Sim, tudo bem, mas o que precisa de mim?

— Só para autorizar a entrada dela. Logo ela vai embora.

Abigail ficou pensativa.

— Tudo bem! Vamos.

Ela autorizou a entrada da Joy. Eles seguiram por caminhos diferentes. Abigail foi para mansão olhando desconfiada para Lando e Joy e eles foram para o *dormitório* dos empregados. Não posso deixar meus pais te verem. Agiremos logo. O que fará para não sermos vistos pelas câmeras?

— Leve-me para o local de monitoramento. Você disse que a área do cofre não tem muito movimento, porém está cheia de sensores. Espelharei uma ilusão da última imagem da câmera, desativar os sensores e então agiremos.

— Esperta. Vamos! — disse Lando, rindo e pensando em como ela adquiriu essas habilidades.

Joy ficou sem entender o comentário de Lando e seguiram até as proximidades da área de monitoramento.

— É aqui.

Antes de Lando falar, Joy já hackeava o sistema de monitoramento.

— Fácil. Eles usam um sistema de monitoramento moderno, mas não sabem que a própria empresa que fornece o sistema tem acesso remoto às câmeras e fazem o que querem com os vídeos. Foi por esse acesso remoto que me infiltrei e modifiquei o monitoramento das câmeras de acesso ao cofre.

— As câmeras de acesso ao cofre? Como, se não te mostrei ainda onde fica?

— Ha! Ha! Fácil. Todo sistema é conectado. Os sistemas de segurança do cofre e de monitoramento são conectados. Quando algo é detectado pelos sensores que dão acesso ao cofre, a *AI* da mansão age e direciona as câmeras com precisão ao local da possível invasão. Todo sistema é interligado com o sistema da polícia daqui. Se acontecer algo aqui, a polícia vem em poucos minutos. Eles realmente não querem que ninguém se aproxime do cofre.

— Incrível. Não achei que existiam humanos assim — disse Lando, surpreso.

— Hã?! Do que está falando?

— Desculpe-me! Nada! Só foi uma piada — disse ele, tentando disfarçar.

— Não! Não!

— O que houve? — perguntou Lando.

— Acho que desconfiaram da minha presença. Vão procurar pela gente. Precisamos sair daqui. Agora!

— Pai! — disse Lando, olhando para o seu *Tab P*. — Vamos, Joy! Acho que arrumamos problemas.

Eles imediatamente tentaram sair dali, mas foram interceptados.

— Abigail? — disse Lando, surpreso.

— Quem é ela, Lando? — perguntou Abigail, furiosa.

— Ela... Você não entenderia.

— Não entenderia o quê? O que sei é que ela não é sua prima. Está mentindo para mim? Diga-me o que está acontecendo? O que fazem aqui perto da área onde não são permitidos?

Seguranças se aproximaram.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou o segurança Mitchell.

— Lando! O que está fazendo aqui? Quem é essa moça? Por que ela não está identificada? — perguntou Ethan acompanhado de Mitchell.

Quando ia tentar responder com alguma mentira.

— É minha amiga — disse Abigail, olhando para Lando seriamente.

Ele ficou surpreso e permaneceu calado.

— O que estão fazendo aqui? Essa área é restrita — perguntou Mitchell.

— Para mim não é restrita — respondeu Abigail.

O segurança Mitchell olhou para ela desconfiado, mas não a questionou.

— Já estamos indo. Só estávamos de passagem — disse Abigail, acenando para Lando e Joy seguirem ela.

— Lando, espere — chamou Ethan quando eles estavam indo atrás de Abigail.

— Vão! Depois encontro com vocês — disse Lando em um tom de voz baixo para Joy e Abigail.

Elas foram embora e logo depois o segurança Mitchell.

— O que está fazendo com a filha do Sr. James? Já lhe disse para não ter mais contato com ela e evitar problemas — disse Ethan, olhando nos olhos de Lando.

— Desculpe-me, pai, mas Abigail que insistiu para eu ajudá-la.

— Ajudar em quê? — perguntou Ethan, desconfiado.

— Ela pediu para eu configurar um aplicativo no *Tab P* da amiga dela. Muita gente aqui acha que sei de tudo. Que sou o *faz-tudo*.

Ethan olhou para o filho tentando entender a situação.

— Tudo bem! Mas evite essas situações. Já tivemos problemas antes e não quero que isso se repita.

— Tudo bem, pai.

— Vou voltar para o serviço. Encontre-me daqui a duas horas para podermos jantar.

— Sim, pai.

Ethan seguiu para seu posto de segurança. Lando disfarçou e depois entrou em contato com Abigail perguntando onde elas estavam. Logo em seguida chegou uma mensagem dela.

Estamos no jardim ao sul.

[7:21 PM]

Lando caminhou tranquilamente até o jardim. No percurso ele olhava para as câmeras de segurança desconfiado. Depois de pouco tempo ele viu as meninas que estavam no jardim, conversando. Lando se aproximou e viu Abigail com olhar de choro e assustada.

— O que houve, meninas? — perguntou Lando, surpreso.

— Quem é você? O que é você? — perguntou Abigail, assustada.

— Como assim, quem sou eu?

— Você mentiu para mim, sobre a Joy e agora descobri que você é um tal de *Ikihatsunukishisen*. O que mais está me escondendo?

Lando olhou para Joy, seriamente.

— O que você disse para ela? — perguntou Lando, furioso.

— Ela nos ajudou. Disse a verdade para ela.

Lando abaixou a cabeça, pensativo.

— Perdoe-me, Abigail. Não queria te envolver nisso. Tudo isso tem sido recente para mim e vejo que pode ser muito perigoso. Não seria justo te dizer a verdade e acabar comprometendo sua segurança. Sou muito apaixonado por você e não me perdoaria se algo lhe acontecesse — disse Lando, sem olhar para ela.

Abigail se aproximou dele.

— Você é um idiota! Não precisa mentir para mim para me proteger. Eu te amo e quero estar com você. Eu que não aguentaria viver caso te perdesse. Não deixarei você se meter em encrencas sozinho. A partir de agora estou com você, independente do que você diga — disse Abigail, seriamente e logo depois sorriu.

Lando olhou nos olhos dela e percebeu que ela não o deixaria em paz.

— Tudo bem, vou te proteger. Tenho poder para isso — disse Lando, confiante —, mas e seu pai? O que vai dizer?

— Vou ter uma conversa séria com ele. De agora em diante, eu que decido o que faço da minha vida. Já passou da hora de eu ser independente — disse Abigail, tentando parecer forte.

Lando sorriu e a beijou.

— *Hey. HEY!* — gritou Joy depois de uns segundos esperando o beijo acabar.

— Me desculpe, Joy. Por um momento esqueci que você estava aí — disse Lando, rindo.

— Tudo bem, eu não ligo, mas é que tem um garoto olhando seriamente para gente — disse Joy, olhando para a direção do menino.

Todos se viraram na mesma direção.

— Max — disse Abigail.

Ele percebeu que foi visto e saiu correndo.

— Ele vai falar com seu pai. Vamos arrumar problemas novamente — disse Lando, preocupado.

— Pode deixar que vou resolver isso, mas não agora. Joy, venha. Você vai passar a noite comigo. Já que somos amigas, não vamos levantar suspeitas e vou aproveitar para te mostrar a joia — disse Abigail.

— Joia? — questionou Lando.

— Sim, a Joy me disse o que iam fazer e o que queriam pegar. Essa joia não está no cofre. Ela está comigo.



CAPÍTULO 3

A JOIA

JOY

— O quê? Então estava com você esse tempo todo! Traga aqui! — disse Lando em tom de ordem.

— Não! Vamos, Joy! Quero entender mais sobre vocês, os *Ikihatsunukishisen* e seus *Ikihatsunukishi* — disse Abigail, sem olhar para Lando.

— Sim — respondi rindo.

— Mas, Abigail...

— Depois conversamos. Precisamos conversar seriamente. Até amanhã — disse ela, indo em direção à mansão.

— Mas...

Abigail o ignorou e eu a acompanhei. Olhei para trás e vi Lando nos observando seriamente. Chegando na enorme mansão, entramos e logo um mordomo se aproximou.

— Com licença, senhorita. Precisa de algo? — perguntou o mordomo.

— Não, Sr. Tobias. Obrigada — respondeu Abigail, gentilmente.

Seguimos para o imenso quarto dela.

— Espaço — disse, olhando para todos os lados.

— Pode ficar à vontade. Parece que vestimos o mesmo número. Vou lhe emprestar umas roupas. Se quiser tomar banho é ali — disse Abigail, apontando para o enorme banheiro anexo ao seu quarto.

— Um banheiro só para você. Legal! — disse, admirada.

Nunca tive acesso aos luxos que estava presenciando. Minha vida foi humilde e triste. A última lembrança feliz foi dos meus pais me levando para passear.

— Você é uma garota de sorte, por nascer numa família assim. Próspera. Não tem que se preocupar com seu futuro.

Abigail mudou sua expressão. Ela fez um olhar triste.

— Sim, mas vou confessar. Não sou muito feliz — disse Abigail, com um olhar de desânimo.

— O que te deixa infeliz? — perguntei, curiosa.

Abigail hesitou uns segundos para responder.

— Meu pai controla demais minha vida, com a desculpa de querer o melhor para mim. Estou cansada disso. Quero decidir o que fazer da minha vida. Quero liberdade. Estou com dezessete anos e quero minha independência. Quero escolher quem quiser para amar.

— Ele... entendi — disse.

— Hã?

— Lando. Você ama o Lando. Demorei a entender que vocês são namorados. Pensei na hipótese no início, mas desacreditei por vocês serem tão diferentes em condições sociais. Contudo, percebi pelo jeito como fala com ele que tem um forte sentimento. Só depois do beijo que me convenci de verdade.

— Sim. Eu o amo — disse Abigail, desviando o olhar.

— Então fique com ele!

— Eu queria. Mesmo meu pai não aprovando, eu ia desafiá-lo e ia ficar com Lando, mas...

— Mas?

— Ele pediu um tempo. Disse que ia embora, mas que ia voltar para ficar comigo. Não entendi muito bem no começo, mas agora entendo que isso pode ter a ver com o fato dele também ser um *Ikihatsunukishisen*. Ainda estou confusa. Como coisas mágicas como essas podem existir? Me diga com mais detalhes. Como vocês têm esses poderes?

— Eu também não sei de tudo. O que sei foi pelos registros que meu pai fazia. Ele era um cientista, engenheiro químico e arqueólogo e foi assassinado.

— Triste. Lamento. E sua mãe?

— Ela também foi assassinada — disse, triste.

Abigail ficou sem palavras.

— Tudo bem. Isso aconteceu quando eu tinha nove anos. Já superei — disse, tentando rir.

Abigail sorriu.

— Mostre-me a joia.

— Ah, sim. Só um instante.

Ela foi até seu imenso guarda-roupa e pegou uma caixa de madeira.

— Aqui! — disse Abigail me entregando um cristal alaranjado.

— Afaste-se — disse pegando meu *Ikihatsunukishi* e ativando.

Abigail me olhava assustada, mas permaneceu em silêncio. Esperei o *cristal* reagir ao meu *Ikihatsunukishi*, mas...

— É falso.

— Hã?

— Essa Enerkry é falsa — disse, desapontada.

— Enerkry? — perguntou Abigail, confusa.

— Sim. Um *cristal* que acredito ser de outro mundo, assim como meu *Ikihatsunukishi*.

— Como assim? Você é uma alienígena? NÃO! LANDO É ALIENÍGENA! — gritou Abigail, assustada.

— Calma! Calma! Não sou alienígena. Eu acho — disse, rindo e desativando meu *Ikihatsunukishi*.

— Como não? Agora tudo faz sentido. Você! Lando! *Ikihatsunukishi*! Esse poder! — disse Abigail, com um olhar pensativo e amedrontado.

— Calma! Até o momento acredito que nasci da minha mãe. *Eu acho!* — sussurrei. — Algumas coisas ainda são confusas para mim, mas estou em busca de todas essas respostas. Foi uma dessas buscas que me trouxe até aqui. Estava atrás dessa joia, que é feita de Enerkry. Que deveria ser — disse, pensativa.

— Compreendo! O que fará então?

— Me diga! Como essa réplica veio parar com você?

— Meu pai me deu há muito tempo. Eu era bem pequena e vi essa joia com ele. Me lembro de ter achado bonita e a pedi. Hum... Por isso que ele me deu. Ele devia saber que era falsa — disse Abigail, pensativa.

Fiquei surpresa com o comentário dela. Realmente ele poderia saber que a joia era falsa e por isso não se importou em dá-la para a filha. Se ele sabia, então provavelmente também sabia da existência das Enerkry. Ia questioná-la sobre o pai, mas talvez ela não soubesse me responder. Eu poderia estar na casa de um daqueles que me perseguia há tempos, mas algumas coisas indicavam que ele era só um colecionador de coisas raras.

— Como você soube que tinha uma réplica dessa tal Enerkry aqui? — perguntou Abigail me olhando fixamente.

Hesitei em responder por um instante.

— Consegui uns registros que diziam que seu pai havia adquirido a joia de forma ilegal.

— Hã!? Forma ilegal?

— Sim. Mercado ilegal! — disse, seriamente.

— Impossível! Meu pai nunca se envolveria com coisas assim — disse Abigail, pensativa.

Fiquei em silêncio pensando sobre o pai dela.

— Estou com fome — disse, com um sorriso.

— Sim! Me desculpe! Pegarei umas roupas para você. Depois disso vamos jantar — disse Abigail, indo novamente até seu imenso guarda-roupa.

Em segundos ela pegou várias roupas que pareciam chiques e me deu. Escolhi uma e fui tomar um banho. Sem demorar muito estava arrumada e seguimos para jantar.

— Boa noite, mãe! — disse Abigail.

— Boa noite, minha filha. Então essa é sua amiga! Prazer! Sou a senhora Ashley — disse a mãe dela me cumprimentando.

— Olá, meu nome é Joy! — disse, tentando ser educada.

— Sentem-se, meninas. Pedirei para lhes servirem.

Logo chegou e fomos servidas com um farto banquete. Tentei ser educada, mas estava com tanta fome que nem me importei.

— Então, Joy. Fale-me sobre você — disse Sra. Ashley.

Hesitei por um instante.

— Ela é minha amiga de internet. Já nos falávamos há muito tempo e hoje que estamos nos conhecendo. Ela estava de passagem e a convidei para vir até aqui — disse Abigail, tentando passar credibilidade.

— Amiga de internet. Interessante esse mundo moderno — disse Sra. Ashley, com um olhar desconfiado.

Abigail sorriu e continuou comendo delicadamente.

— Compreendo. Perguntei porque Abigail nunca trouxe ninguém até aqui — disse Sra. Ashley, olhando para ela.

Abigail continuou com sua refeição. Permaneci quieta e terminamos de comer.

— Com licença, mãe. Vamos, Joy.

Nos levantamos e eu o acompanhei. Um garoto passou pela gente. O mesmo garoto que nos observou mais cedo. Ele me olhou de cima a baixo com um olhar de desconfiado. Assim que entramos no quarto dela, perguntei sobre o menino.

— Aquele garoto, novamente? Ele me olhou desconfiado. Quem é ele?

— É meu irmão. Eu devia... Deixa! Não se importe com ele — disse Abigail, indo ligar seu enorme *Tab TV* e colocando uma série policial.

Fiquei admirada com o tamanho da tela e por um instante fiquei concentrada na série que estava começando.

— O que planeja fazer daqui para frente? — perguntou Abigail, tirando minha concentração.

— Hã? Como assim?

— Você não encontrou o que queria aqui. O que vai fazer, então?

— Vou tentar localizar o paradeiro da verdadeira joia.

Abigail ficou pensativa.

— E o Lando? O que pretende fazer com ele, já que vocês têm essa coisa poderosa que chamam de *Ikihatsunukishi*?

— Andei pensando... Vou chamá-lo para vir comigo. Seu poder pode ser de grande ajuda — disse, pensando nos perigos que certamente iríamos enfrentar dali em diante.

Abigail me olhou.

— Posso ir com vocês?

Fiquei surpresa com a pergunta dela, mas logo percebi que ela não ia deixar Lando vir comigo sem ela estar por perto. Óbvio. Ela o amava.

— Sim, pode, mas vou lhe avisando: isso vai ser perigoso.

Ela abaixou a cabeça.

— Não me importo. Preciso trazer um sentido para minha vida — disse Abigail, com olhar determinado.

Eu sorri para ela e acenei com a cabeça. Abigail correspondeu com um sorriso e pegou seu *Tab P*. Continuei vendo a série policial e pensando sobre o próximo passo que teria que tomar a respeito da busca da joia.

— Idiota! — disse Abigail, com raiva depois de um tempo.

— O que houve? — perguntei.

— É o Lando. Eu lhe disse que iria nessa busca com você, mas ele não está aceitando.

— Não se preocupe, amanhã vou convencê-lo.

Abigail olhou para mim surpresa. Ela ia perguntar algo, mas permaneceu quieta. Depois de algumas horas assistindo série, coisa que não fazia há muito tempo, peguei no sono sem preocupação.

Estava sozinha. Tentei correr, fugindo de algo que não sabia. Percebi uma sombra. A sombra tomou forma de uma criatura. Vi meus pais.

— Como? — questionei.

Tentei correr até eles, mas minha visão foi consumida pela escuridão. Gritei desesperada.

— O que houve, Joy? Teve um pesadelo? — perguntou Abigail, assustada.

Estava trêmula.

— Foi, sim. Me desculpe por ter te acordado.

Abigail levantou e pegou no seu frigobar um copo de água gelada e me deu.

— Obrigada — agradei, ainda assustada.

Ela voltou a deitar e eu fiquei horas pensando em mil coisas até conseguir pegar no sono novamente.

Acordamos quase ao mesmo tempo. Era manhã de *segunda-feira*. Nos arrumamos e descemos para tomar café. Estava preparada uma mesa farta e lá já estava o garoto estranho que me olhou de cima a baixo. Sentamos a mesa.

— Você não vai me apresentar sua amiga? — perguntou o garoto, sem olhar para gente.

— Bom dia, Max — disse Abigail, grosseiramente.

Ele me olhou seriamente, mas logo desviou o olhar e se levantou. Abigail ameaçou falar algo com ele, mas desistiu. Olhei para ela e levantei os ombros,

mostrando que não entendi a atitude dele. Abigail fez cara de nojo para ele e começou a tomar café. Eu a acompanhei na refeição. Ela olhou seu *Tab P*.

— Lando quer nos encontrar — disse Abigail, com olhar de insatisfeita.

— Sim. Vou convencê-lo.

Ela me olhou confiante. Terminamos o café e seguimos ao encontro dele.

— Não vou permitir — disse Lando, parecendo nervoso.

— Você não ordena o que vou fazer! — disse Abigail, furiosa.

— Parem com essa briguinha de casal. Se ela quer ir com a gente, ela vai. Por mais que você a ame, Lando. Você não tem que mandar na vida dela. Vamos parar, porque se não é comigo que você terá problemas. Acho que você não vai querer brigar com alguém que tenha o mesmo poder que você — disse, seriamente.

Lando me olhou nervoso. Ele olhou para Abigail.

— Sim, você pode até querer ir, mas seus pais não permitirão — disse Lando, com olhar convencido.

— Pode deixar que eu me viro com meus pais — respondeu Abigail.

— Se já se resolveram, escutem-me. Tenho uma pista por onde começar. Precisamos ir até as pessoas que venderam a joia falsa para o Sr. James. Podemos encontrá-los na *Itália*.

— Tudo bem, mas eu não entendi. Abigail me disse que a joia é falsa e que planeja ir atrás da verdadeira, mas como você sabe onde ela pode estar? — perguntou Lando, com olhar de suspeita para mim.

— Acessei o sistema central da casa e tive acesso a algumas informações.

Abigail e Lando me olharam surpresos. Apesar de ter tido acesso ao sistema central, não consegui descriptografar muita coisa devido ao forte nível de segurança. O Sr James estava querendo esconder algo a todo custo, mas o mais estranho era que as informações sobre a compra da joia não estavam protegidas, contudo...

— Vão ficar me olhando ou vamos seguir até esses vendedores do mercado ilegal? — perguntei.

— Vai ser perigoso, não quero te perder nova... — disse Lando, parecendo pensativo e olhando para Abigail.

Ela me olhou como se não tivesse entendido.

— Somos dois *Ikihatsunukishisen*. Acho que nada pode nos ferir se trabalharmos juntos — disse, confiante.

Lando continuou pensativo por mais alguns segundos.

— Tudo bem! Vou arrumar minhas coisas e partimos, mas...

— Mas? — perguntei.

— Não tenho recursos para acompanhar vocês nessa jornada — disse Lando, desapontado.

— Por isso que estou aqui. Vou bancar o que for preciso — disse Abigail, sorridente.

Lando aparentava não estar satisfeito com a situação de Abigail nos acompanhar, mas ele sorriu para ela e pegou na sua mão. Ela se aproximava para beijá-lo quando foram interrompidos.

— Você não aprende! Quantas vezes vou ter que dizer que não é para ficar perto da minha irmã?



CAPÍTULO 4

MÁFIA

LANDO

— Maldição! Max — pensei, irritado.

— Ontem eu ia tomar uma atitude, mas hesitei. Dessa vez eu não vou hesitar — disse ele, seriamente.

Segurei a mão de Abigail preocupado com que tipo de atitude irresponsável Max poderia ter.

— Já esqueceu o que aconteceu da última vez, Abigail? Afaste-se dele — tentou ordenar ele.

Abigail largou minha mão e se aproximou do Max decididamente:

Plaft

Ela deu um tapa no rosto do irmão com toda sua força.

— Por quê? Isso não ficará assim! Ele pagará pelo que você fez! Vou falar com o papai e a mamãe — disse Max, chorando.

Ele correu, indo embora envergonhado. Foi prazeroso ver a cena. Ela fez o que eu estava me segurando para não fazer há um bom tempo. Quando ia questionar Abigail...

— Tudo bem! Ele já estava merecendo. Depois me resolvo com meu irmão. Vamos nos preparar para partir. Você perguntou se meus pais iriam deixar. E os seus, Lando? Vão aprovar sua partida? Se bem que você havia me dito que iria partir, antes de tudo isso acontecer. Para onde iria? — perguntou Abigail, com olhar sério.

— Depois conversamos sobre isso. Vou me preparar. Encontro vocês na saída da mansão.

— Tudo bem. Vamos! — disse Joy para Abigail.

Abigail pareceu insatisfeita com minha resposta. Estava muito receoso com a ida dela junto. Não iria me perdoar se algo acontecesse, mas também não podia ser um superprotetor. Se eu pudesse ver o futuro...

Segui até meu *dormitório*. Abigail disse uma verdade. Não havia pensado ainda no que falar para meus pais para convencê-los a aprovarem minha partida da mansão. Chegando eu os vi ainda dormindo. Era uma surpresa, pois eles viviam

emendando escala. Peguei meu *Ikihatsunukishi* e fiquei olhando para ele pensativo. Minha mãe acordou.

— Tudo bem, meu filho? Bom dia!

— Bom dia, mãe — disse, escondendo o *Ikihatsunukishi*.

— Bom dia, filho — disse meu pai, sonolento.

— Bom dia — respondi, desanimado.

— Já estou atrasado. Minha pulseira me acordou em cima da hora — disse meu pai, reclamando.

Eu ia arrumar minhas coisas, mas...

— Preciso falar uma coisa séria com vocês.

— Sim, meu filho. Pode dizer — disse minha mãe se levantando.

Hesitei um pouco.

— Preciso seguir minha vida. Meu destino não é aqui.

— O que está dizendo? Você tem um futuro aqui — disse meu pai, seriamente.

— Vocês não entenderiam, mas preciso partir.

— Partir para onde? Você não pode abandonar suas responsabilidades aqui — disse meu pai, mudando o tom de voz.

Já sem paciência, peguei meu *Ikihatsunukishi* no bolso e ativei.

— HÃ! O QUE É ISSO? — gritou meu pai, nervoso.

Minha mãe não pareceu assustada.

— Então você o tirou da pedra! — disse ela, com olhar de admiração.

— HÃ?! DO QUE ESTÃO FALANDO? O QUE É ESSA ESPADA, LANDO?

— ACALME-SE, ETHAN! DEPOIS CONVERSAMOS! — gritou minha mãe, sem paciência.

Meu pai recuou para o canto e minha mãe se aproximou.

— Tudo bem, meu filho. Pode partir, mas cuidado. Não deixe de se comunicar com a gente.

— Hã? Posso? Você já sabia? — questionei, confuso.

— Como assim? Ele pode partir para onde? — perguntou meu pai, assustado e confuso.

— CALADO, AMOR! JÁ DISSE QUE EXPLICO DEPOIS!

— Vai, meu filho! E acesse sua conta depois. O Sr. George deixou um presente para você — disse minha mãe baixinho no meu ouvido e depois me beijou na bochecha.

Fiquei surpreso e confuso com o que ela havia me dito. Então ela sabia de tudo desde o começo. Queria fazer um monte de perguntas, mas resolvi ir arrumar minhas coisas e partir quanto antes. Ela foi até meu pai para conversar. Arrumei minhas coisas e quando estava saindo vi meu pai chorando parecendo confuso e assustado, enquanto minha mãe o confortava.

Não olhei mais para trás e segui meu caminho.

— Então o momento chegou!

— Hã?! Vovô! Então o senhor também sabia — disse sem tanta surpresa.

Ele acenou com a cabeça e se aproximou de mim me abraçando e eu retribuí ao abraço, emocionado.

— Vovô, o senhor...

— Cuide-se, meu neto. Agora preciso ir. Tenho uns afazeres a concluir — disse ele me interrompendo e sorrindo.

Também sorri para ele e acenei com a cabeça. Vovô foi embora e eu fiquei por uns segundos observando-o, distraído. Lembrei-me de Abigail e fui para a portaria.

Saí da mansão e esperei pelas meninas que estavam demorando. Enquanto esperava por elas, verifiquei minha conta, para saber do que minha mãe havia falado sobre o presente que o Sr. George havia me deixado.

— NÃOOO! — gritei em pensamento quando vi a conta.

— Lando! Estamos prontas! — disse Joy, que estava bem arrumada e com uma mochila nas costas.

Olhei para ela surpreso. Joy estava tão bonita quanto Abigail.

— O que foi, Lando? Vamos! — disse Abigail com uma pequena mala na mão.

— Sim, vamos. Como ficou a situação com seu irmão?

— Tudo bem! Ele não vai se meter mais com a gente — disse Abigail, rindo.

— E seus pais? — perguntei.

— Falei para minha mãe que ia viajar de férias com a Joy e meu pai está viajando a negócios.

— Interessante! — disse.

— E os seus? — questionou Abigail me olhando nos olhos.

— Tudo resolvido com eles. Vamos!

Ela ia dizer alguma coisa, mas hesitou.

— Por onde começaremos? — perguntou Abigail logo em seguida, parecendo empolgada.

— Pelos dados que consegui ontem, vamos até aos vendedores da joia — disse Joy, olhando para seu *Tab P*.

Abigail olhou para ela desconfiada. Logo percebi que Joy havia aproveitado a aproximação e coletou o máximo de dados que podia.

— Então... para onde vamos? — perguntou Abigail, com olhar suspeito.

— Vamos para a *Itália* — respondeu Joy, sem tirar os olhos do seu *Tab P*.

— Tudo bem! Passem-me seus dados. Vou providenciar as passagens — disse Abigail, tentando se mostrar prestativa.

— Tem certeza que vai bancar? — perguntou Joy, olhando seriamente para ela.

Abigail deu a ordem para sua *AI* providenciar as passagens.

— Vamos! Passem-me seus dados! — tentou ordenar Abigail.

Por um instante queria dizer que estava milionário, mas resolvi manter essa informação comigo. Queria evitar questionamentos. Passamos os dados para Abigail e depois de poucos minutos...

— Tudo pronto. Minha *AI*, *Lucy*, conseguiu um voo próximo. O voo decola daqui a duas horas. Vamos! O táxi está próximo.

— Táxi? — disse Joy.

— Sim, *Lucy* pediu. Para nos levar ao aeroporto. Ia pedir para o motorista da família nos levar, mas não queria levantar suspeitas.

— Tudo bem — respondeu Joy, olhando para trás como se estivesse procurando por algo.

— O que foi? — perguntei.

Por um instante, Joy pareceu ter ignorado minha pergunta, mas...

— Não é legal ficar parado esperando. Onde está esse táxi? — perguntou Joy, com um olhar de preocupação.

Assim que ela perguntou, o *táxi* chegou. Pegamos e em poucos minutos já estávamos no aeroporto aguardando a partida.

Chegamos à *Itália* e pegamos um *transporte rápido*. Joy passou o destino para o motorista, que não aceitou nos levar. Abigail ofereceu um extra para ele, contudo o motorista só aceitou nos levar até um local próximo ao destino que Joy havia pedido.

Imaginei que devia se tratar de uma área perigosa e cheia de criminosos já que estávamos atrás de pessoas que trabalhavam no mercado ilegal.

Chegando, o motorista nos deixou e foi embora rapidamente. Ficamos surpresos, pois a área que ele nos deixou era residencial de luxo. A rua estava deserta e caminhamos até a casa que Joy estava nos indicando.

— Estamos sendo monitorados — disse Joy, olhando para seu *Tab P*.

— Como sabe? — perguntou Abigail, olhando para todos os lados.

— Acho melhor voltarmos — disse, após ter visto alguém se aproximando, armado com fuzil.

Outros homens armados surgiram e nos cercaram.

— *Cosa stai facendo qui?* — disse um homem barbudo parecendo ser o líder do grupo.

Joy imediatamente respondeu em *italiano*:

— Nos leve para seu chefe, Rico.

Todos os homens armados riram. O homem barbudo disse algo e acenou para que nós os acompanhássemos.

— O que ele disse? — perguntei.

— Eles vão nos matar — disse Abigail, apavorada.

— Você fala italiano? — perguntei para ela.

Abigail confirmou com a cabeça, quase chorando. Aproximei-me dela e segurei na mão.

— Tudo bem! Vou te proteger, custe o que custar — sussurrei no ouvido dela.

Estava preparado para ativar o *Ikihatsunukishi* a qualquer momento, contudo parecia que Joy tinha algum plano, porque ela estava muito calma. Fomos conduzidos até a casa mais luxuosa do bairro proibido. Entramos e ficamos de frente com um homem jovem, que estava sentado numa poltrona. Ele parecia ser o mais jovem de todos que estavam na sala fortemente armados. Comecei a ficar preocupado, porque mesmo com o poder que tinha, talvez não conseguisse me livrar da mira de tantas armas. Ter lutado com homens armados com espadas e arcos e flechas foi fácil comparado ao que teria que enfrentar nessa sala.

— Quero negociar — disse Joy, com uma voz autoritária.

O jovem homem olhou para ela seriamente e se levantou.

— Quem pensa que são? Como ousam entrar sem serem convidados? — questionou ele no nosso idioma.

— Sr. Rico, como disse, vim negociar — disse Joy, olhando nos olhos dele.

— Como sabe meu nome? Identifiquem-se! Quem dá as regras sou eu! — ordenou Rico.

Joy se apresentou e eu e Abigail só dissemos nossos nomes.

— Sei que venderam uma joia rara para James *Rikarggan*. Descobrimos que a joia era falsa. Nos diga, onde conseguiu essa cópia? — perguntou Joy.

— *Rikarggan*? Quem faz as perguntas sou eu! A vida de vocês me pertence agora, pela audácia que tiveram de vir ao meu encontro sem permissão...

— Pagamos pela informação! — disse Joy, interrompendo-o.

Rico olhou para ela desconfiado.

— Como? Como moleques irão pagar?

— Sim, vamos pagar, mas antes preciso ir ao banheiro.

Rico ficou pensativo, mas por fim permitiu que ela fosse. Joy foi guiada até a porta do banheiro por quatro homens.

— Se tentar alguma gracinha, seus amigos pagarão — disse Rico, olhando para mim.

Depois de menos de dois minutos, Joy saiu do banheiro com uma pequena bolsa na mão. Ela se aproximou do Rico. Todos os comparsas dele apontaram suas armas para ela.

— Afaste-se — ordenou Rico.

Joy estendeu a mão para entregar a bolsa para ele.

— Pegue — disse Joy, com olhar confiante.

Rico pegou a bolsa da mão dela cautelosamente e foi para perto da janela.

— Interessante — disse ele, olhando um diamante que tirou da bolsa — vamos ver se são verdadeiros.

Ele foi até uma estante próxima, pegou um mini binóculo e analisou o diamante.

— Surpreendente. Onde conseguiram? — questionou Rico.

— Apenas queremos a informação e partiremos — disse Joy, seriamente.

Rico olhou para ela desconfiado, mas por fim falou:

— Me lembro dos registros do meu pai, que foi pago para roubar uma joia. Isso faz muito tempo. Roubamos de um ricaço em *Portugal*. Sr. Ivo Gaspar. Agora vão! Se os vir por aqui novamente, não terá diamante que pagará por suas vidas — disse ele, guardando a pedra preciosa que analisou na bolsa com as muitas outras que já estavam dentro.

— Pagos para roubar? — questionou Joy, confusa.

— Vão! — ordenou Rico.

Fomos conduzidos até a saída.

— É só seguirem até o final da rua. Conhecem o caminho — disse um dos comparsas, que voltou para dentro da casa.

Joy pegou um *dispositivo eletrônico* e correu para perto de um carro preto:

— Venham, não teremos muito tempo! — disse Joy, desesperada.

Acompanhamos ela. Joy desbloqueou o carro e entrou.

— Vamos logo! Eles virão atrás da gente!

— Como assim? Por quê? — perguntou Abigail, nervosa.

— Entre, Abigail! — disse, entrando no carro.

Ela entrou desesperada.

— Você os enganou com os diamantes — disse, rindo.

Joy *hackeou* o carro e partiu.

— LÁ ESTÃO ELES! — gritou um dos comparsas, apontando para a gente.

Eles dispararam em nossa direção.

— VÃO NOS ATINGIR! — gritou Abigail, nervosa.

— Calma! O veículo é blindado — disse Joy.

— Eles estão vindo atrás — disse.

Começou uma perseguição de carro. Joy dirigia habilidosamente. Abigail gritava desesperada no banco de trás. Passamos por uma viatura policial, mas ela ignorou os carros que atiravam contra gente. Joy evitou ruas movimentadas e quando parecia que íamos nos livrar deles, fomos cercados por vários carros.

Muitos homens armados saíram dos veículos para atirar. Antes que dessem o primeiro disparo, desci do carro com meu *Ikihatsunukishi* na mão, ativei e lancei as pedras que formavam a rua antiga onde paramos, contra todos eles. Um disparo passou de raspão no meu braço. Vi rapidamente quem atirou e o derrubei com uma pedra. Mais homens chegaram de carros e Rico estava com eles. Com meu *Ikihatsunukishi*, controlei pedras pequenas e acertei a perna de todos, derrubando-os. Alguns caíram de joelho no chão e um deles foi Rico. Fiz pedras orbitarem as cabeças de todos, pronto para perfurá-las como papel.

— O que são vocês? — questionou Rico, com olhar de assustado.

Quando eu ia responder...

— Vamos! Vamos embora! — disse Joy me chamando para entrar no carro.

Entrei no veículo e com a porta aberta, continuei apontando meu *Ikihatsunukishi* para os mafiosos. Joy fugiu do local. Já distante desativei o *Ikihatsunukishi* e seguimos de volta para o aeroporto.

— Até que você agiu rápido — disse Joy, parecendo aliviada.

— Você que foi esperta, nos levando para uma rua antiga feita de pedras — disse, rindo.

— Acho que não vou aguentar isso! — disse Abigail, apavorada.

Por um instante havia me esquecido dela. Fui para o banco de trás e a abracei.



CAPÍTULO 5

VELHO AMIGO

JOY LANDO ABIGAIL

— Tudo bem! Vai ficar tudo bem — disse Lando para Abigail, pensando em mandá-la de volta para casa.

— Me perdoem pela minha fraqueza. Me descontrolei. Não vou mais ficar assim. Na próxima serei mais forte — disse Abigail, enxugando as lágrimas.

Lando tocou no rosto dela. Ele permaneceu calado por uns segundos, mas...

— Abigail! Acho... Acho melhor você...

— Abigail! Providencie nossas passagens para *Portugal*. Estamos a caminho do aeroporto — disse Joy, interrompendo Lando.

— Sim! — respondeu Abigail, pegando seu *Tab P*.

Lando ia dizer algo, mas permaneceu quieto e pensativo. Por um instante, lembrou-se do dinheiro que passou a ter e pensou que forma iria contar isso para elas.

— Passagens adquiridas. Voo para daqui a duas horas — disse Abigail, tentando se manter confiante.

— Perfeito! — disse Joy, acelerando.

Depois de um tempo, eles chegaram ao aeroporto e abandonaram o carro em um local próximo.

— Vamos nos encontrar com mais mafiosos? — perguntou Lando, preocupado.

— Dessa vez não. O homem que encontraremos é um ricoço, mas não tem envolvimento com coisas suspeitas. Pelo menos é o que mostram agora os registros que consegui dele.

Lando ficou pensativo e ainda mais preocupado. No fundo, ele queria que Abigail voltasse para casa porque estavam ficando perigosas as coisas. Eles continuaram o percurso até a área de espera em silêncio. Era quase cinco horas da tarde. Eles esperaram pelo voo e partiram.

Chegando a *Portugal*, depois de quase três horas de voo, eles decidiram ir para um hotel descansar.

— Vem, Abigail! Você dorme comigo — disse Joy, indo para o quarto.

Abigail deu um selinho em Lando e seguiu com Joy. Ele ficou olhando-as indo para o quarto e logo depois seguiu para o dele pensativo.

— Você precisa ser forte, caso queira continuar — disse Joy, seriamente.

Abigail hesitou.

— Vou tentar! Não, eu vou ser! Preciso ser! — disse Abigail se segurando para não chorar.

— Ele vai te proteger e se algo fugir do controle estou aqui — disse Joy, sorrindo.

Abigail se aproximou dela e a abraçou.

— Obrigada — agradeceu ela, chorando.

Joy, não esperando a reação de Abigail, ficou uns segundos pensando no que dizer ou fazer.

— Tudo bem! — disse Joy, retribuindo ao abraço.

Abigail se afastou.

— Obrigada, Joy! Obrigada por ser uma amiga tão compreensível!

Joy sorriu e foi tomar um banho. Abigail foi um tempo depois. Elas pediram ao serviço de quarto que trouxesse algo para elas comerem. Não demorou muito e um banquete farto chegou.

— Você exagerou, Abigail — disse Joy, olhando para a comida cheia de fome.

— Venha, coma! — disse Abigail, preparando seu prato.

Joy imediatamente pegou um frango frito e comeu com a mão mesmo.

— Joy, se eu fizer uma pergunta, você vai ser sincera?

Ela, com a boca cheia, balançou a cabeça confirmando. Abigail parou de comer e abaixou a cabeça.

— Meu pai. O que mais meu pai fez de errado? Até agora não estou acreditando que ele era envolvido com a máfia italiana — disse Abigail, com um olhar triste.

Joy engoliu um pedaço de torta.

— Ele esconde algo. Algo que não consegui rastrear. Ele não está envolvido só com a máfia italiana. Acho que tem algo muito maior. Ainda estou confusa sobre seu pai — disse Joy, com olhar sério e pensando no que Rico havia dito para ela.

Abigail começou a chorar.

— Me perdoe pela indelicadeza, mas não sei por quê. Para você não consigo mentir. Você até o momento foi a amiga mais próxima. Na verdade, a única amiga que tive até o momento — disse Joy, com o olhar cheio de lágrimas.

Abigail se aproximou dela e a abraçou. Joy retribuiu o abraço e elas voltaram a comer.

— Preciso descobrir quem é meu pai de verdade.
— Vou te ajudar. Preciso saber por que ele estava atrás da joia — disse Joy.
— Será que meu pai fez sua fortuna com o crime? — perguntou Abigail em voz alta para si mesma.

— Não posso confirmar tudo, mas pelos registros que consegui, boa parte dos seus investimentos são de fontes confiáveis e tudo feito de maneira honesta. Muita coisa estava oculta com criptografia que nem mesmo eu, com meus equipamentos de ponta, consegui decifrar, mas o mais estranho era que a única coisa suspeita que descobri facilmente foram os dados do seu fornecedor, Rico. Era para ser uma informação protegida. Parece até que ele queria que alguém descobrisse facilmente o que ele estava escondendo.

Abigail parou de comer e pegou seu *Tab P* que soou uma notificação de mensagem.

— O que foi? — perguntou Joy
— É o Lando. Não! — disse Abigail, respondendo à mensagem furiosa.
— O que houve, menina? O que o Lando quer?
— Ele quer que eu volte para casa — disse Abigail, com lágrimas nos olhos. Joy ficou pensativa.
— Por que ele não te disse isso pessoalmente? Covarde!
— Ele disse que não suportaria me perder de novo! Ele está ficando louco — disse Abigail, confusa.

— Deixa ele comigo! Você vai fazer o que decidir fazer! — disse Joy, furiosa.
— Ele falou que se eu continuar, ele que vai embora.
Joy socou a mesa fazendo uma maçã rolar até cair.
— Manda ele vir até aqui — ordenou Joy.
Abigail mandou a mensagem que Joy pediu e aguardou.
— Ele não quer. Disse que depois conversamos.
— Covarde! — resmungou Joy.
Abigail abaixou a cabeça e uma lágrima escorreu no seu delicado rosto.

— Talvez ele tenha razão. Eu não tenho poderes, igual a vocês e posso ser um fardo em uma situação de perigo — disse Abigail, lembrando-se da perseguição de carro.

— Sim! Mas você não pode deixar ninguém ordenar o que você faz da sua vida. Se está decidida a descobrir sobre seu pai, eu vou te ajudar e te proteger até encontrar as respostas, mas se não tem certeza do que quer, realmente sugiro voltar para casa.

Abigail permaneceu em silêncio por um tempo. Joy terminou de comer e foi se preparar para dormir.

— Boa noite! — disse Joy, indo deitar.

— Vou descobrir!

Joy olhou para Abigail, sorrindo.

— Sou forte e vou descobrir o lado podre do meu pai e te ajudar na sua busca — disse Abigail, tentando demonstrar confiança.

Joy acenou com a cabeça aprovando a atitude de Abigail e logo em seguida se virou para dormir. Não demorou muito e Joy apagou. Abigail ainda permaneceu por um tempo pensativa sobre o seu futuro, mas depois de um tempo, dormiu.

Ela acordou bem cedo e pediu café da manhã. Joy acordou logo em seguida.

— Que animação é essa? — perguntou Joy, ainda com sono.

— Acho que dessa vez vou ser mais útil, olha o que descobri — disse Abigail mostrando umas informações em seu *Tab P*.

— Nossa, interessante! — disse Joy, surpresa com a coincidência.

— Vamos sair que horas?

— Logo! Vamos pedir café da manhã.

— Já pedi — disse Abigail, sorrindo.

Não demorou muito e o café chegou. Elas comeram, se arrumaram e saíram do quarto.

— Estranho! Lando não me respondeu — disse Abigail, confusa.

— Já ligou?

— É o que vou fazer... Hã?! Não acredito!

— O que houve, Abigail?

— Acabei de receber uma mensagem dele. Ele foi embora. Falou que vai seguir sua jornada sozinho — disse Abigail quase chorando.

— Idiota!

Joy pegou seu *Tab P* e conectou a um dispositivo avançado de rastreamento.

— Fácil! Vamos! Chame um *transporte rápido*. Ele não está muito longe.

Elas arrumaram suas coisas e saíram do hotel. Abigail chamou e em menos de dois minutos o motorista chegou. Joy foi ditando o caminho para o rapaz e em quase oito minutos encontraram Lando. Elas desceram furiosas do carro. Ele as percebeu e parou.

— O que pensa que está fazendo seu idiota? Apesar de você ser de grande ajuda, se for preciso, faremos tudo sozinhas. Sempre me virei sozinha e não será agora que vou depender de alguém, por mais que tenha poderes como eu! Pare de ser covarde e nos diga na cara! — disse Joy, nervosa.

Abigail ia dizer algo, mas permaneceu em silêncio olhando desapontada para Lando.

— Como me rastre... Entendi! — disse Lando, rindo.

— Está debochando da gente? Você...

— Calma! — disse Abigail, entrando na frente da Joy.

Ela foi à frente de Lando e o tocou no rosto.

— Não minta mais para mim! Diga-me. Do que tem tanto medo?

Lando tocou na mão dela.

— Vivi um pesadelo que não parecia ter fim. Parecia um sonho, mas muito real, onde te perdia toda vez que vivia esse sonho do início. Ainda não entendo tudo o que está acontecendo comigo e não suportaria te perder mais uma vez. Não sei se sou capaz de te proteger — disse Lando, deixando uma lágrima escorrer.

Abigail secou sua lágrima.

— Eu te amo! Eu não quero ser um fardo para você, mas preciso que entenda que estou nessa missão também porque preciso descobrir quem é meu pai! É importante para mim. Não suportaria voltar para casa e viver sabendo que meu pai esconde algo terrível. Você é forte e eu quero ser forte junto contigo — disse Abigail, olhando fixamente para os olhos de Lando.

Ele ficou emocionado e confirmou com a cabeça que compreendia.

— Me perdoe pelo meu egoísmo — disse Lando, com olhar triste.

— Eu perdoo, mas não minta mais para mim. Não me esconda mais nada.

Lando sorriu e eles se beijaram.

— *Hey!* Já terminaram? — disse Joy.

— Vamos! — disse Abigail, solicitando o *transporte rápido* para levá-los a mansão do Sr. Ivo Gaspar.

Joy se aproximou de Lando e disse em tom de voz baixo.

— Pare de ser covarde! Respeite o amor dela.

Lando ia responder, mas preferiu ficar quieto.

O *transporte rápido* não demorou e eles partiram. Depois de um tempo chegaram e próximo da entrada principal, Lando, Abigail e Joy ficaram observando a enorme mansão.

— A segurança deste local é surpreendente — disse Joy, enquanto analisava o local com um mini drone de reconhecimento.

— A missão é falar com esse Sr. Ivo, então vamos até a portaria e solicitamos — disse Abigail.

— Ha! Ha! Você acha que um ricoço vai querer nos receber — disse Lando, sarcasticamente.

— A mim, sim — disse Abigail, com olhar sério e indo até a portaria.

— *Hey*, Abigail — disse Lando.

Joy riu e a acompanhou. Chegando à portaria, Abigail se apresentou, aguardou e em menos de dois minutos eles foram autorizados a entrar. Ela riu para Lando e ele ficou sem graça.

— Você também fala português — disse Lando, surpreso.

— Já era para você saber! — respondeu Abigail, sem olhar para ele.

Eles entraram acompanhados de vários seguranças. Joy olhava para todos os lados, analisando o posicionamento de possíveis câmeras de segurança, mas não localizou nenhuma. Logo ela percebeu que poderiam ter minicâmeras espalhadas por todo local. Eles foram conduzidos até a imensa sala de hóspedes e aguardaram. Depois de 5 minutos um senhor se aproximou. Ele foi diretamente até Abigail.

— O que a filha do meu ex-amigo James faz aqui? Em que posso lhe ser útil? — perguntou Ivo calmamente na língua deles.

— Há quanto tempo o senhor me conhece? — perguntou Abigail.

— A última vez que lhe vi, você era apenas uma menininha. Você cresceu e se tornou uma bela moça.

— Obrigada, Sr. Ivo — agradeceu Abigail, envergonhada.

— Então! O que esses três jovens fazem de importante aqui?

Joy, Abigail e Lando trocaram olhares.

— Espero que não nos entenda errado, mas é que sabemos sobre a joia roubada do senhor — disse Joy olhando para Lando.

O Sr. Ivo ficou pensativo por uns segundos.

— Duarte! Traga algo para nossos convidados — pediu o Sr. Ivo ao seu mordomo.

Lando olhou para Joy e Abigail sem entender nada. Ele ia dizer algo quando o Sr. Ivo exclamou:

— A Enerkry!

Lando, Joy e Abigail olharam para ele surpresos.

— O que o senhor sabe sobre a Enerkry? — perguntou Lando.

— Que é uma joia cobiçada.

— Cobiçada por quem? — perguntou Joy.

Quando ele ia responder, o mordomo regressou com uma bandeja enorme.

— Obrigado, Duarte! Podem se servir — disse o Sr. Ivo.

O mordomo havia trazido um banquete farto de guloseimas. Eles se sentaram. Abigail e Lando estavam sem fome, mas Joy não dispensou. Ela comeu uma rosquinha recheada. Logo ela se encheu, pois havia pouco tempo que tomou café da manhã.

— Como essa garota consegue comer tanto e ser magra? — pensou Abigail.

— Sr. Ivo, com licença, mas o senhor não respondeu à pergunta da Joy — disse Lando.

— Sim! São cobiçadas por poderosos e por aqueles em busca de poder — disse o Sr. Ivo, mudando sua expressão para mais sério.

— Quem seriam esses? — perguntou Joy.

— Por que querem essas informações? Como descobriram que a joia foi roubada de mim? — questionou o Sr. Ivo.

Joy olhou para Lando e se levantou.

— Se o senhor sabe da Enerkry, então deve ter conhecimento disso — disse Joy pegando seu *Ikihatsunukishi* e ativando.

O Sr. Ivo olhou para a arma dela sem demonstrar espanto. Duarte ficou surpreso e os dois empregados que estavam na sala ficaram assustados. Ele pediu que eles se retirassem.

— Faço parte de uma sociedade que tem conhecimento da existência de vocês — disse o Sr. Ivo, seriamente.

— Sociedade? — disse Abigail.

— Exatamente! — respondeu olhando nos olhos de Abigail.

— O senhor não é um deles... — disse Joy, nervosa apontando o *Ikihatsunukishi* para ele.

— Acalme-se. Somos diferentes — disse o Sr. Ivo, calmamente.

Joy recuou, mas ficou receosa e atenta.

— O que o senhor e essa sociedade sabem sobre nós? — perguntou Lando se levantando.

— Nós? — questionou o Sr. Ivo.

Lando pegou o seu *Ikihatsunukishi* e ativou. O Sr. Ivo olhou surpreso para ele e disse:

— Fabuloso!

Ele e Joy desativaram seus *Ikihatsunukishi*.

— Uma grande ameaça condenará esse planeta um dia e vocês são a chave para a salvação da humanidade — disse o Sr. Ivo.

— Que ameaça? — perguntou Abigail, assustada.

— Uma ameaça que chegará do céu.

Todos trocaram olhares preocupados. Lando ia falar sobre o Sr. George, mas hesitou.

— A joia! Ela era falsa. Onde está a verdadeira? — perguntou Joy.

— Sim, realmente era falsa. Eu quis que a roubassem. Queria descobrir quem mais sabia sobre ela — disse o Sr. Ivo, olhando para Abigail.

Ela desviou o olhar.

— Então onde está a verdadeira? — tornou a perguntar Joy.

— Possivelmente no *Brasil* — respondeu o Sr. Ivo.

— Onde no *Brasil*? — perguntou Lando.

— Após anos de pesquisa concluí que a joia verdadeira pode estar com o tesouro da antiga família *Real Portuguesa*. Hoje ela está no *Museu Imperial, no Rio de Janeiro, Brasil*. Ia contratar gente especializada para pegá-la para mim, mas desisti.

— Obrigado, Sr. Ivo! Vamos, já temos a resposta que precisávamos — disse Joy.

— Calma! O Sr. Ivo pode ter algumas das respostas que procuro — disse Lando.

— Eu também preciso de uma resposta e o senhor pode tê-la — disse Abigail para o Sr. Ivo, que olhou depois, seriamente, para Lando e ela. — O senhor disse que me conhece desde pequena. Qual era a verdadeira relação do senhor com meu pai? — perguntou Abigail.

— Éramos sócios de uma transportadora internacional. Há muito tempo ele decidiu desfazer a sociedade e saiu da empresa. Desse dia em diante nunca mais nos falamos. Foi no ano em que te vi pela última vez. Passou pouco tempo e descobri estarem querendo me roubar. Queriam a Enerkry. De alguma forma acharam que eu poderia ter uma, mas eu nunca a tive. A fim de descobrir quem queria a joia, criei uma falsa e deixei que roubassem. Depois de um tempo encontrei quem havia roubado e quem foi o mandante — disse o Sr. Ivo olhando para Abigail.

Lando e Joy também olharam para ela.

— Infelizmente foi ele. Meu antigo sócio e ex-amigo, James *Rikarggan*.



CAPÍTULO 6

PLANOS

JAMES ABIGAIL

Há 12 anos (2011)

— Sim! Preciso disso quanto antes! — disse James ao telefone.

— Abigail! Cuidado com seu irmão! Ele é um bebê ainda — disse a Sra. Ashley.

— Não, Keanu. Não posso permitir. Terei que agir quanto antes — disse James, desligando a chamada.

— Querido! Vou levar as crianças para minha mãe. Volto logo mais — disse a Sra. Ashley.

— Tudo bem, meu amor — disse James, com olhar preocupado.

Ele deu um beijo na cabeça dos filhos. Abigail tocou no rosto dele sorrindo. A Sra. Ashley deu um beijo no marido e saiu com as crianças. James ficou um tempo olhando para o telefone e depois de uns segundos fez uma ligação.

— Olá! Jairus, preciso de um favor.

— Já está em mãos, James — disse Jairus.

— Perfeito. Venha até mim. Estou lhe aguardando — disse James.

Ele encerrou a ligação e esperou que Jairus chegasse com o que ele o havia pedido. Depois de algumas horas, Jairus chegou e eles foram para sala de reunião.

— Está aqui! Um amigo conseguiu — disse Jairus entregando uma caixa de madeira para James.

Ele pegou, abriu e retirou uma joia de cor laranja, mas que em certo ângulo parecia verde. James ficou observando por um tempo.

— Perfeito! Vou levar para Kairell analisar — disse ele.

— Tenho outra missão! Preciso ir — disse Jairus se despedindo.

— Obrigado — disse James, colocando o cristal de volta na caixa.

— Se precisar de algo mais, é só me avisar. Uma última informação... achei estranho... quem conseguiu pegar o cristal o fez de modo muito fácil, como se tivesse sido facilitado.

James permaneceu quieto e pensativo.

— Tudo bem! Ótimo que foi fácil e não gerou problemas — disse James, com olhar de preocupação.

Jairus foi embora. James pegou seu celular e ligou para Kairell.

— Olá. Precisamos nos encontrar imediatamente.

James explicou o que precisava e pediu uma análise do cristal. Kairell era cientista e engenheiro químico. Ele providenciou um voo para levá-lo ao *Egito*.

Chegando ao local combinado com Kairell, James entregou o cristal para ele, que imediatamente começou as análises.

— Lamento, James! É falsa — disse depois de pouco tempo de testes.

James fez um olhar de desapontado.

— Tudo bem! Vou voltar!

Kairell devolveu o cristal falso para James. Ele voltou para casa, pensativo. James concluiu que alguém estava vazando informações. Informações que só um membro de alto escalão da sociedade poderia saber.

Chegando em casa ele foi recepcionado pela família. Era noite e eles foram jantar. Depois de um harmonioso momento juntos, a Sra. Ashley foi com os filhos para o quarto. James seguiu para seu escritório, pegou a caixa em que estava o cristal e sentou em sua poltrona favorita. Ele tirou o cristal de dentro da caixa e ficou olhando para ele, pensando sobre a falsificação do mesmo.

— Será que...

James se assustou com a presença de alguém.

— Minha filha! O que faz aqui! Onde está sua mãe?

— Ela contou uma história para gente e dormiu — disse Abigail, com um doce sorriso.

James colocou-a em seu colo.

— Papai, o que é isso? — perguntou Abigail, apontando para o cristal.

James pareceu ignorar sua filha, mas segundos depois entregou o cristal para ela. Abigail ficou muito feliz com o presente. Ela deitou no peito do pai e enquanto James acariciava a cabeça dela, Abigail não tirava os olhos do cristal. Minutos depois ela adormeceu. James a levou para seu quarto e a Sra. Ashley acordou assustada. Ele a colocou na cama.

— O que é isso na mão dela? — perguntou sua esposa.

— Nada, só uma pedrinha acrílica colorida — respondeu James em um tom de voz baixo.

Eles saíram do quarto das crianças e foram para o deles descansar.

Era tarde da noite e James recebeu uma ligação.

— Olá, Keanu.

— Olá, James! Tivemos que agir, algo fugiu dos planos.

— O que houve? Era só para cancelar a exploração deles. Estavam chegando muito próximos e não podíamos arriscar que as possíveis descobertas se espalhassem.

— Exatamente! Foi planejada a destruição da área de exploração em que eles estavam. Foi tudo calculado, mas algo foi precipitado e o local foi explodido com eles ainda lá. Estamos apurando o que aconteceu, mas temos suspeitas de alguém fora dos nossos ideais, infiltrado na nossa organização.

— Compreendo! Todos são suspeitos até que seja resolvido esse caso. E o que fizeram com os corpos?

— Resgatamos dos escombros e estão sendo enviados para a família. Foi dito que ocorreu um acidente. Nevaeh e Dylan tinham uma filha.

— Triste — disse James, pensando em Abigail.

— Já foi tudo acertado. A criança ficará com a tia, irmã de Nevaeh.

— Perfeito. Mantenha toda a assistência necessária. Preciso ir agora! Tenho uma reunião com *Eles* dos *Estados Unidos*.

— Tudo bem, James. Te mantereii informado.

Há 3 dias

— Não aguento mais essa vida! Preciso tomar uma atitude — disse Abigail, impaciente.

Ela pegou seu vestido preto e se arrumou para o jantar. Abigail saiu do seu quarto e caminhou pensativa até a área de recepção dos convidados. Ela parou na beira da escada, olhou para baixo e viu Lando, que a olhava admirado. Seu coração acelerou. Quando Abigail ia descer para falar com ele, sua mãe a chamou.

— Aqui, minha filha!

Elas se posicionaram na entrada para recepção dos convidados. Foi um momento entediante para Abigail, mas ela manteve a postura, contudo, desesperada para sair correndo a qualquer momento. Poucos minutos depois que todos chegaram, iniciou-se o jantar. Tudo ocorreu calmamente com conversas diversas sobre as empresas das quais os convidados eram sócios.

Logo depois do jantar os acompanhantes foram para uma área de relaxamento. Abigail foi para o jardim ao sul encontrar Lando e James acompanhou os sócios para uma sala reservada.

Todos sentaram e iniciou-se uma reunião.



CAPÍTULO 7

CIDADE MARAVILHOSA

JOY LANDO ABIGAIL

Abigail queria chorar, mas se conteve. Lando se aproximou dela e a abraçou.

— Então, se o senhor faz parte de uma sociedade que tem conhecimento sobre a gente, o pai de Abigail também deve saber. Vocês eram amigos! Se ele roubou o cristal, com certeza ele sabe — disse Joy, pensativa.

O Sr. Ivo olhou para ela seriamente e depois de uns segundos sorriu. Joy continuou pensativa a respeito das intenções de James *Rikarggan*. Abigail olhou para o Sr. Ivo e perguntou:

— O meu pai é um criminoso?

Ele demorou uns segundos para responder.

— Éramos amigos de longa data e algumas divergências de pensamentos fizeram nossa amizade acabar.

— Espera! Como disse? Então, ele ou o senhor fazem parte do grupo que está atrás de mim faz tempo — disse Joy, olhando nervosa para Abigail.

— Como assim atrás de você? — perguntou Lando.

— Tem um grupo que há tempos me persegue. Eles querem o meu poder! Esclareça! O que o grupo do senhor quer com a gente? Também querem nossos poderes? — perguntou Joy, ativando o *Ikihatsunukishi*.

O Sr. Ivo mudou de expressão e postura. Ficou totalmente sério.

— Como já disse, somos uma sociedade que acredita que vocês são a chave para a salvação da humanidade. Não queremos o poder de vocês. O que queremos é que vocês se unam para somarmos conhecimento e darmos uma chance para a humanidade se salvar.

— Então o senhor sabe que existem outros! — disse Lando.

— Sim! — disse o Sr. Ivo.

— Diga-me onde eles estão? — perguntou Lando.

— Vão e me tragam o verdadeiro cristal que está no *Brasil*. Ele está em um museu e não será difícil conseguir pegar. Com as habilidades da Joy, não terão problemas.

— O QUE SABE SOBRE MIM? — questionou Joy em um tom de voz alto e apontando o *Ikihatsunukishi* para o Sr. Ivo.

— Sei que foi bem treinada e sei sobre seus pais — disse o Sr. Ivo, com olhar sério.

Joy ficou surpresa e com coração acelerado.

— Me diga tudo que sabe! — ordenou Joy.

— Vão e me tragam a joia. Voltem e eu lhes conto tudo. Conto sobre a missão da nossa sociedade e sobre o papel importante que terão para a salvação da humanidade.

Lando se aproximou de Joy e abaixou a mão dela que segurava o *Ikihatsunukishi*.

— Vamos! — disse Lando.

Joy estava nervosa a ponto de arrancar à força as informações do Sr. Ivo, contudo ela se acalmou e desativou o *Ikihatsunukishi*.

— Tudo bem, vamos! Se o senhor estiver mentindo, não vou hesitar em usar meu poder — disse Joy, seriamente para o Sr. Ivo.

— Vão meus jovens! Eu os aguardo.

Joy, Lando e Abigail partiram sem muitas despedidas. Pablo, um dos motoristas do Sr. Ivo, foi designado a levá-los para o aeroporto.

— Estou providenciando as passagens — disse Abigail.

Lando e Joy permaneceram calados pensativos.

— Tudo pronto! Voo para daqui a duas horas e vinte minutos — disse Abigail, desanimada.

Em pouco tempo eles chegaram ao aeroporto e aguardaram para embarcar.

— Esse velho está muito suspeito! Não estou confiando nele — disse Joy, pensativa.

— Também não! Mas ele tem as respostas que procuro. Precisamos dele — disse Lando.

— Sim! Também quero respostas — disse Joy, abaixando a cabeça triste.

— Vamos seguir em frente — disse Lando.

— Por que ele quer que a gente pegue o cristal? Por que ele não fez isso já que disse ser fácil? — questionou Joy.

— Suspeito, mas vamos concluir quanto antes essa missão e voltamos para esclarecermos tudo — disse Lando.

— Mas não faz sentido! As informações que consegui, são de que James *Rikarggan* adquiriu a joia, comprando no mercado ilegal. Rico falou que foi pago para roubar e Sr. Ivo disse que se deixou ser roubado. Alguém está mentindo nessa história e tenho quase certeza que é seu pai, Abigail — disse Joy, olhando para ela desconfiada.

Abigail ia dizer algo, mas hesitou.

— Realmente as informações estão dispersas, mas acredito que o Sr. James *Rikarggan* não seja uma má pessoa, a ponto de fazer parte de uma sociedade que persegue pessoas com poderes. Se fosse, ele teria descoberto... — disse Lando e depois interrompendo.

— Descoberto o quê? — questionou Joy.

Lando hesitou em responder, mas...

— A mim! — disse Lando, evitando contar detalhes.

— Faz sentido! Há quanto tempo trabalha para a família dela? — perguntou Joy.

— Nasci lá. Minha família serve há anos os *Rikarggan*.

Abigail desviou o olhar triste de Lando.

— Compreendo! É estranho! Não consigo conectar as informações. Acho que estou ficando enferrujada — disse Joy, rindo.

Lando não entendeu de imediato o comentário dela, mas logo depois associou Joy e suas habilidades, adquiridas com treinamento de algum militar ou agente. Ele lembrou o que o Sr. Ivo havia dito, dela ter sido bem treinada e ficou pensando sobre. Lando ia questioná-la a respeito, mas evitou o assunto.

— Vou comprar algo para beber. Vocês querem? — perguntou Abigail se levantando.

— Vou com você — respondeu Lando.

Joy permaneceu sentada na área de espera. Lando e Abigail seguiram para a praça de alimentação e compraram suco.

— Joy tem razão. Meu pai está envolvido.

— Pare, Abigail! Vamos esclarecer tudo da melhor forma possível. Tudo parece obscuro, mas não podemos tirar conclusões precipitadas. Esse Sr. Ivo também é muito suspeito — disse Lando a interrompendo.

— Também? Então concorda que meu pai está envolvido com coisas erradas — disse Abigail, triste.

— Não! Sim, mas não. Acho que ele tem seus motivos e descobriremos o porquê. Como já comentei, se ele fosse uma pessoa má, talvez eu não estivesse aqui agora. Mas será que...

— Mas o quê? — questionou Abigail.

Lando pensou na hipótese do Sr. James já saber dele e nunca ter falado. Não era coincidência o Sr. George estar lá esse tempo todo e o Sr. James nunca ter desconfiado.

— Só pode ser! Não teria outra explicação! Minha mãe! Sr. George! — pensou Lando. — Abigail, assim que voltarmos dessa missão vamos ao encontro do seu pai. Preciso falar com ele.

— Sim! Também quero ter uma conversa séria com ele — disse Abigail sem olhar para Lando.

Ele ia explicar o que queria com pai dela, mas se manteve quieto. Eles voltaram até onde Joy estava.

— Onde ela está? — perguntou Abigail.

Lando olhou para todos os lados procurando por Joy. Alguém tocou no ombro dele.

— Estavam me procurando? — perguntou Joy.

— Onde estava? — questionou Lando.

— Fui ao banheiro.

— Quando for assim, espera a gente voltar ou manda mensagem — disse Lando, sério.

— Eu sei tomar conta de mim, pode ficar tranquilo — disse Joy, esnobando-o e sentando.

Lando engoliu em seco e se sentou com Abigail. Eles ficaram mexendo em seus *Tabs* enquanto aguardavam o voo. Depois de uma espera entediante, eles embarcaram rumo ao *Brasil*.

Eles desembarcaram no *Aeroporto Internacional do Galeão, Rio de Janeiro*. Depois de uma viagem de quase dez horas, Lando decidiu que queria ir direto ao *Museu Imperial de Petrópolis* pegar a joia. Ele queria finalizar quanto antes essa missão e voltar para tratar dos assuntos que não saíam de sua cabeça.

— O museu fica em Petrópolis e já deve estar fechando — disse Joy.

— É melhor! Invadimos à noite e pegamos — disse Lando, impaciente.

— Não! Não vamos invadir com risco de sermos pegos, sem ter certeza se a joia realmente está lá. Vou analisar melhor, pensar em um plano e tentar evitar imprevistos.

Lando ia questionar, mas mudou de ideia.

— Ela tem razão e eu também quero conhecer um pouco do *Rio de Janeiro*. Estou reservando um hotel perto da praia de *Copacabana* — disse Abigail, parecendo empolgada.

Ela pegou na mão de Lando.

— Vamos, chamei um *transporte rápido*.

Logo o transporte chegou e eles seguiram para o hotel. Abigail estava deslumbrada com a paisagem. Lando olhava para fora, parecendo estar admirando também, mas sua mente estava em outro lugar. Ele queria voltar quanto antes para casa e ir falar com Sr. James. Joy estava sonolenta e com fome.

Eles chegaram e seguiram para seus quartos. Joy ficou no mesmo quarto de Abigail e Lando em outro. No caminho, Abigail voltou e chamou Lando.

— Encontre-me aqui às oito horas da noite. Vamos jantar juntos — disse Abigail, bem baixo, no ouvido de Lando e logo em seguida o beijando na bochecha.

Ele sorriu e ficou observando as meninas irem para o quarto delas. Logo depois ele foi para o dele. O quarto de Lando era bem confortável e ele foi imediatamente tomar um banho. Após relaxar debaixo da água quente, pensativo, ele se jogou na cama e ligou o *Tab TV*. Nenhuma programação local o chamava atenção. Ele se arrumou e desceu bem adiantado em relação ao horário que havia combinado com Abigail. O hotel ficava de frente para a praia de *Copacabana*. Ele seguiu para a beira da praia e permaneceu por ali, olhando as estrelas, pensativo.

Enquanto isso, no quarto das meninas:

— Vou descansar. Já estou com tudo planejado para amanhã. Depois passo todos os detalhes para vocês — disse Joy, saindo do banho.

— Sim! Vou descer daqui a pouco. Jantarei com Lando.

— Estou com sono e com fome.

— Imaginei! Já pedi que trouxessem uma refeição para cá.

— Obrigada, Abigail.

Joy foi se vestir e logo depois se jogou na cama. Abigail havia solicitado um serviço de vestuário e foi se arrumar para ir ao encontro de Lando.

— Um encontro romântico! Está bonita! — disse Joy, rindo.

— Achei que estivesse dormindo.

— A comida está demorando. Estou com sono, mas a fome é maior.

— Realmente está demorando. Acho que a *AI* do hotel não me entendeu. Vou entrar em contato com...

A campainha tocou. Abigail atendeu.

— Com licença, senhorita. Desculpe a demora. É que o cardápio solicitado foi bem peculiar e com um hóspede como a senhorita, não podíamos admitir que não tivéssemos de pronta entrega — disse o funcionário do hotel.

— Tudo bem! Acho que exagerei — disse Abigail, rindo. — Pode deixar ali.

— Com licença — disse o funcionário do hotel, deixando um farto banquete.

— Qual é o seu nome? — perguntou Abigail quando ele estava saindo.

— Gustavo, senhorita.

— Obrigada, Gustavo.

Ele foi embora. Abigail pegou seu *Tab P* e acessou o sistema do Hotel. Ela concedeu uma boa gorjeta para o rapaz.

— Quanta comida — disse Joy se levantando.

— Exagerei, não foi?

— Um pouco — disse Joy, pegando um pedaço de costela e, ao mesmo tempo, beliscando o salmão assado.

— Você vai ter que aproveitar sozinha. Vou descer.

— Tudo bem.

Abigail desceu e não encontrou Lando. Ela imediatamente entrou em contato com ele por mensagem e não demorou um segundo para ele responder.

Estou na praia em frente ao hotel.

[7:09 PM]

Ela saiu e foi em direção à orla.

— O que está fazendo aqui fora? — perguntou Abigail abraçando Lando.

— Vim só admirar o local.

— Veio sem mim.

— É... que...

— Tudo bem. Vamos a um restaurante. Você deve estar faminto — disse ela e logo em seguida deu um beijo rápido nele.

Ele sorriu.

— Sim, vamos.

Sem mostrar para Lando, a *AI* de Abigail indicou um dos restaurantes mais chiques da cidade. Era bem perto do hotel e eles foram caminhando.

— Você está linda — disse Lando, sorrindo.

— Obrigada — disse Abigail, apertando a mão dele.

— Me desculpe por não estar arrumado ao seu nível. Espero que o restaurante não seja chique — disse Lando, sarcasticamente.

Abigail mudou a expressão, mas decidiu manter o planejado.

— É chique, então — disse Lando, admirado, ao chegarem.

— Se não estiver à vontade, podemos voltar, mas...

— Tudo bem! Vamos.

Assim que entraram, eles foram recepcionados e o gerente os encarou com um olhar de surpresa. Abigail imediatamente se conectou a *AI* do restaurante e uma notificação diferente foi direcionada ao gerente. O Sr. Moisés, o gerente, constatou a notificação e imediatamente os direcionou uma equipe exclusiva para atendê-los. Eles foram levados para uma área mais reservada e com uma bela vista externa.

— Que a noite dos jovens seja prazerosa. Sintam-se à vontade — disse o Sr. Moisés.

— Obrigada — disse Abigail, sorridente.

— Nunca pensei que estaria em um lugar assim e ainda mais com você — disse Lando, admirado com Abigail.

Ela sorriu.

— Você sabe que renunciaria a tudo isso por você — disse Abigail, fazendo os pedidos pela mesa interativa.

Lando desviou o olhar.

— Sim, eu sei, mas... mas as coisas mudaram. Fico preocupado com o que pode acontecer com você. Esse poder. Essa busca. Tudo muito perigoso...

Foram lhes servido algo para beber.

— Compreendo, mas não posso ser fraca. Preciso descobrir a verdade sobre meu pai e, pelo que me parece, só estando com vocês terei a chance de obtê-la. Depois que tudo isso acabar, vamos casar e seguir nossas vidas juntos e longe de tudo isso.

Lando quase se engasgou com a bebida.

— Seria perfeito. Foi com o que sempre sonhei, mas... mas não sei o que o futuro me reserva. Eu quero o seu bem e...

— O meu bem é estar com você. Eu te amo! Difícil compreender isso? — questionou Abigail, começando a chorar.

Lando ia dizer algo, mas a *entrada* chegou. Abigail se serviu. Eles comeram em silêncio. Depois de um tempo.

— Lembrei-me de uma coisa que me esqueci de te perguntar. Você disse que queria falar com meu pai. O que quer falar com ele? — perguntou Abigail, sem olhar para Lando.

Ele demorou uns segundos para responder.

— Vou dizer que sou um *Ikihatsunukishisen*. Quero saber o que ele sabe sobre tudo isso.

O prato principal chegou.

— Quem é meu pai? — questionou Abigail para si mesma com olhar triste.

— Perdoe-me pelo meu egoísmo e preocupação exagerada. Gostaria que você fosse comigo quando eu for falar com ele. Vamos colocar um ponto final nessa história e sobre nossa situação. Ele vai...

— Ele o quê?

— Vamos comer. Parece saboroso — disse Lando, olhando para o salmão que parecia suculento.

Abigail ia continuar questionando, mas deixou de lado para não estragar a noite. Eles saborearam a comida e depois da sobremesa jogaram na mesa interativa. Abigail fechou a conta. Lando se sentiu incomodado com ela pagando e ia revelar estar rico, mas decidiu esperar por outra oportunidade.

Ele e Abigail voltaram calmamente de mãos dadas para o hotel. No caminho, Lando percebeu que alguém estava seguindo-os. Ele colocou a mão no bolso e pegou o seu *Ikihatsunukishi*. Lando se virou bruscamente, ficando na frente de

Abigail é um garoto aparentando ter uns vinte anos, cabelos negros lisos e pele escura, parou.

— Afaste-se! — ordenou Lando.

— Ele não fala sua língua — disse Abigail.

— Sei o que você é! O que vieram fazer aqui? — disse o garoto, sem olhar para eles.

— Então fala minha língua — disse Lando. — Afaste-se!

O garoto deu um passo à frente. Lando ouviu um barulho vindo das suas costas. Ele olhou para trás ativando o *Ikihatsunukishi*, mas nada viu e quando olhou para frente o garoto havia desaparecido.

— Maldição! O que ele queria? O que ele quis dizer ao falar que sabe o que eu sou? — se perguntou Lando em voz alta.

— Vamos voltar para hotel — disse Abigail, assustada.

Lando desativou o *Ikihatsunukishi* e eles seguiram para o hotel a passos largos. Rapidamente chegaram.

— Boa noite, Abigail. Amanhã seguiremos com a missão. Se algo de suspeito acontecer, fique perto da Joy e entre em contato comigo.

— Tudo bem! — disse ela, dando um beijo na bochecha de Lando.

Eles seguiram para seus quartos. Lando entrou no dele e foi para o banheiro. Quando ele tirou a camisa, a campainha tocou.

— Quem será a essa hora? Não pedi serviço de quarto.

Ele olhou para uma pequena tela na porta que exibia a imagem da câmera externa mostrando o corredor. Para sua surpresa era Abigail.

Lando imediatamente abriu.

— O que houve, Abigail? Acontece...

Ela o agarrou e o beijou. Eles entraram no quarto aos beijos e Lando com o pé fechou a porta.



CAPÍTULO 8

ATRÁS DE MIM

JOY

Há 11 anos (2012)

— Minha filha, cuidado — disse mamãe, correndo até mim.

— Deixe ela se divertir — disse papai.

Era uma tarde de *sábado* e eu subia nas árvores do parque. Fazíamos um piquenique. Subi até o topo da árvore mais alta. Não era tão alta, mas mamãe me olhava preocupada.

Meu papai, que preparava algo para comer, a chamou. Ela foi até ele, mas sem tirar os olhos de mim. De repente um homem de terno se aproximou deles. Minha mamãe parou de olhar para mim. Tentei ver o que estava acontecendo, mas para o lado que foram as árvores não me deixaram enxergar. Minha mamãe gritou e eu fiquei assustada. Tentei descer desesperada e caí. Por sorte alguém me segurou. Foi o mesmo homem de terno.

— Cuidado, mocinha! — disse o homem de terno.

— Minha mamãe! — disse, assustada.

— Vai ficar tudo bem! Ela está no carro. Venha comigo!

Queria gritar e sair correndo, quando vi meu papai de longe. Ele olhou para mim e entrou em um carro preto. Ele acenou com a cabeça. Não entendi o que ele quis dizer.

— Minha mamãe! Quero minha mamãe!

— Venha! Vou levá-la à sua mãe.

Acompanhei o homem de terno e ele me colocou em outro carro preto. Ele entrou junto comigo.

— Minha mamãe! Você disse que ia me levar até ela!

— Ela está em outro carro e logo você a verá.

Comecei a chorar, assustada. O homem de terno me ofereceu um doce.

— Não posso aceitar coisas de estranhos — disse, lembrando da minha mãe.

— Menina esperta — disse o homem, comendo o doce. — Você se chama Joy. Eu me chamo Keanu.

Fiquei quieta. Não havia entendido o nome dele. Olhei pela janela do carro e voltei a chorar.

— Pelo que me falaram, você vai fazer oito anos e ainda fala como uma menininha de quatro anos. Garotinhas inocentes como você deveriam evoluir quanto antes, pois o mundo não é um conto de fadas e seus pais não estarão por perto para sempre.

Olhei para ele assustada e com vontade de chorar mais alto, mas engoli o choro.

— Quem falou que vou fazer oito anos? — perguntei, tentando demonstrar maturidade.

— Estamos quase chegando — disse o homem assustador me ignorando.

— Quero a minha mamãe.

O homem não me respondeu. O carro parou e descemos. Seguimos para um enorme prédio. Olhei para todos os lados, procurando pelos meus pais. Estava ficando desesperada. O homem me guiou para dentro do prédio e pegamos um elevador. Ele me mandou entrar numa sala e esperar sentada no sofá.

— Quero minha mamãe. Não quero ficar sozinha.

Ele ligou a *TV* que havia na sala e colocou em um canal de desenho.

— Minha mamãe — disse, chorando.

— Daqui a pouco você estará com ela. Aguarde aqui, quietinha.

Logo em seguida, ele saiu e fechou a porta. Fiquei vendo o desenho, mas não passou muito tempo, levantei e tentei sair. A porta estava trancada. Voltei para o sofá, chorando e deitei. Olhava para a *TV*, mas não prestava atenção no desenho animado. Meus olhos se fecharam sem eu perceber.

— Minha filha — disse minha mamãe me acordando e me pegando no colo.

— Quero ir embora — disse, feliz e assustada.

— Sim, vamos!

— Vai ficar tudo bem! Eu disse que poderia confiar neles, mas precisa esquecer sobre a morte de Dylan e Nevaeh — disse meu papai.

— Por quê? Ainda tenho minhas dúvidas. As circunstâncias das mortes deles não ficaram claras — disse mamãe.

— Sim, mas deixa isso para lá. Sei que pedi para investigar, mas não tem mais necessidade. Isso não os trará de volta — respondeu papai.

— Realmente. Vamos embora — disse minha mamãe, sorrindo para mim.

Saímos do prédio acompanhados do mesmo homem de terno. Meu papai o agradeceu e entramos em um carro preto. Não desgrudei da minha mamãe. Depois de um tempo chegamos na nossa casa e eu abracei meu ursinho de pelúcia favorito.



CAPÍTULO 9

O MUSEU IMPERIAL

LANDO

Noohtoro foi totalmente dominado. Os poucos sobreviventes começaram uma nova vida, em outra galáxia, depois de uma fuga que quase falhou. Muitos anos se passaram e com medo de novas ameaças, alguns se espalharam pelo Universo em busca delas...

— Hã? Abigail? — acordei, assustado.

Levantei desesperadamente, peguei meu *Tab P* e fiz uma chamada de voz para ela. Não demorou muito e Abigail atendeu.

— Bom dia, eu...

— ONDE VOCÊ ESTÁ? O QUE HOUE? — disse em voz alta, preocupado.

— Calma! Estou com a Joy na área de refeição do Hotel, tomando café.

— Você foi embora e nem me avisou. Que bom que está tudo bem! Daqui a pouco estou descendo — disse, aliviado.

— Tudo bem! Beijos.

— Beijos.

Sentei na cama e fiquei olhando para o *Tab P*, pensando na noite que tivemos. Deitei e sorri. Logo depois levantei e fui tomar um banho. Não demorei e já estava descendo. Na área de refeição do hotel imediatamente as vi.

— Bom dia. E como foi a noite? — disse Joy, rindo.

Olhei para Abigail e ela continuou comendo fruta, sem olhar para mim.

— Foi ótima — disse, tentando disfarçar minha felicidade.

— Imagino — disse Joy, olhando para o lado.

Abigail sorriu, parecendo envergonhada.

— Vamos para o *Museu Imperial*! Precisamos voltar quanto antes — disse me sentando e pegando um pão doce.

— Vamos com calma, garoto. O museu é mapeado internamente e por *Di-Eyes*, fiz uma visita. A joia está lá. Mande os detalhes do plano para seus *Tabs P*. O museu abre às onze da manhã, mas só vamos atuar depois de 1 hora da tarde, quando o local deve estar mais movimentado. É o que mostra o registro de movimentação de visitantes.

— Ótimo. Até agora você não me disse como adquiriu essas habilidades — falei.

Ela me ignorou e comeu um pedaço de queijo branco. Joy não estava sendo sincera em alguma coisa, mas não quis questioná-la na frente de Abigail e no momento, só estava interessado em completar a missão para voltar quanto antes. Continuei a comer o café da manhã em silêncio.

— Vamos partir às dez horas. Vou para o quarto — disse Joy se levantando logo depois.

— Tudo bem! Daqui a pouco vou encerrar nossa estadia e quando partirmos eu solicito o *transporte rápido* — disse Abigail. — Vocês e esses poderes de outro planeta me fazem sentir-me inferior. Que bom que posso ajudar de alguma forma — continuou Abigail, sorrindo com lágrimas nos olhos.

Sentei-me do lado dela e a abracei. Ia aproveitar o momento e dizer estar rico, mas mudei de ideia.

— Logo vamos terminar isso e voltar quanto antes para casa. Estive pensando e se eu estiver certo sobre seu pai, ele jamais vai admitir que fiquemos juntos.

— Meu pai não tem que decidir nada sobre a gente. Minha vida quem decide sou eu. Eu que vou ter uma conversa séria com ele. Não vou admitir que um criminoso dê ordens na minha vida.

— Calma! Coisas precisam ser esclarecidas. Não vamos tirar conclusões precipitadas.

— Mas a Joy disse. Ele é um ladrão.

— Sim, mas... ainda não confio nela por completo. Ela esconde coisas.

— Hã? Como assim? Eu confio nela! Se ela estivesse escondendo algo, minha intuição feminina já teria detectado — disse Abigail mudando de expressão.

— Sim, mas...

— Confio nela!

Desisti de conversar. Não queria contrariar Abigail. Também desisti de dizer estar rico, para não desanimá-la no que ela estava se achando útil. Uma hora teria que ser sincero e minha razão estava dizendo que ela não iria aceitar bem.

Estava ficando dividido. Ficar com Abigail ou seguir com a missão de buscar pelos outros. Meu coração dizia para fazer os dois, mesmo que fosse desafiado pelo pai dela. O medo ainda persistia. Temia perdê-la nessa missão que poderia ficar cada vez mais perigosa. Abandonar Abigail não seria uma solução, pois pelas últimas atitudes dela, ela iria fazer de tudo para me encontrar e tendo ajuda da Joy, eu não teria paz.

— Joy! — pensei.

Uma hora precisaria conversar seriamente com ela. Querendo ou não, ela é uma *Ikihatsunukishisen* e necessitava dela comigo, assim como os possíveis outros.

Estava me questionando se ela estaria escondendo algo, mas ainda não tinha revelado a minha missão de encontrar esses possíveis outros.

— Vou para o quarto arrumar as coisas para partirmos. Nos encontramos às 10 — disse ela, que logo depois me deu um beijo no canto da boca e se levantou.

Continuei sentado, pensativo. Comi dois pães de queijo e levantei. Fui para o quarto, mas depois de dois passos, voltei e peguei mais dois pães de queijo.

— Que coisa maravilhosa — pensei.

Voltei para o quarto, arrumei minhas coisas e esperei dar a hora. Passou das dez horas e quando ia mandar uma mensagem para Abigail...

— Vamos! O *transporte rápido* já está nos esperando — disse ela.

Joy estava logo atrás e seguiu para o carro sem dizer nada. O caminho foi feito em silêncio e quando chegamos iniciamos o plano.

— Vamos ser rápidos — disse Joy.

O museu não possuía muitos seguranças à vista, mas era fortemente monitorado e isso que ia facilitar nossa missão. Bastava quebrar o sistema de segurança, onde Joy detectou várias falhas.

Entramos. Colocamos um calçado sobre o nosso, para não danificar o chão antigo do museu. Caminhamos, olhando discretamente para as câmeras de segurança. Para colaborar, o museu estava bem movimentado. Adentramos a sala das joias da *Família Real Portuguesa*. Era um local pouco iluminado e perfeito para pôr em prática o plano.

Olhei para Joy e acenei com a cabeça. O plano dela era acionar o alarme incêndio para esvaziar o local. Imediatamente ela desativaria os alarmes e congelaria as câmeras. Em segundos pegaria a joia e estaríamos no meio da multidão para sairmos do local.

Ela pegou seu *Tab P* e iniciou. As luzes se apagaram e o alarme soou. Segui para saída calmamente. Funcionários do museu guiavam as pessoas para as saídas de emergência. Vi Abigail de longe e me aproximei dela. Ela me deu a mão e saímos do museu. Nos afastamos da entrada principal e ficamos aguardando a Joy.

— O museu já foi evacuado. Algo deu errado! — disse, preocupado.

— O que faremos? — questionou Abigail.

— Tenho que tentar entrar.

— Espere! Se pegaram ela, você pode ser preso também — disse Abigail me segurando.

— Maldição!

Recebi uma mensagem de texto.

— Joy?! Como? — disse, surpreso.

— Joy? Onde ela está? O que aconteceu com ela? — perguntou Abigail, preocupada.

— Ela mandou uma mensagem pedindo para nos encontrar.

— Hã? Onde?

— Venha, por aqui.

Caminhamos por uns três minutos e aguardei perto do *Obelisco de Petrópolis*.

— Onde ela está? O que está acontecendo, Lando?

— Ela pediu para virmos para cá. Também não sei o que está acontecendo — disse, preocupado.

De repente alguém tocou no meu ombro. Quando me virei...

— VOCÊ! — disse em voz alta. — Joy? O que faz com ele? Afaste-se dela.

Abigail foi para trás de mim.

— Calma, Lando. Pode confiar nele — disse Joy, calmamente.

— O que está dizendo? Esse cara foi o que nos abordou em *Copacabana*!

— Como assim? Vocês já se encontraram antes? — perguntou Joy olhando para o garoto.

Ele acenou com a cabeça, confirmando e desviando o olhar.

— Por que não me disse nada, Lando? — questionou Joy me olhando com raiva e logo depois olhou para Abigail.

— Por que está com ele, Joy? O que aconteceu? Como você saiu do museu?

— Saí por uma área de acesso a funcionários. Ele trabalha no museu.

Fiquei surpreso com o que ela acabara de dizer.

— O que você quer com a gente? Por que nos abordou ontem à noite? Quem é você? — perguntei, seriamente.

— Fique calmo, Lando. Pode confiar nele. Ele é um de nós. Um *Ikihatsunukishisen*.



CAPÍTULO 10

MAIS UM

JOY LANDO ABIGAIL

Joy acenou com a cabeça para Lando. Ela pegou seu *Tab P* e iniciou o plano. As luzes se apagaram e o alarme de incêndio soou. Lando se dirigiu para a saída e imediatamente ela foi até a joia. Alguém segurou no braço dela.

— Para que você quer essa joia sem valor?

— Hã? Me solte! — disse Joy, tentando se afastar.

A pessoa desviou e uma luz saiu da mão dela, se revelando um machado de madeira.

— Como é possível? — disse Joy, pegando seu *Ikihatsunukishi* e ativando.

— Não sou um inimigo, mas preciso que me acompanhe.

— Você é igual a mim. O que quer comigo? — questionou Joy.

— Vamos sair daqui e conversamos.

Joy pegou a joia da vitrine e por um instante parou.

— O que houve? Vamos sair daqui porque senão estaremos encrencados.

Ela colocou a joia no lugar e eles saíram pelo acesso de funcionários.

— Quem é você? Como sabia que eu estaria aqui? — perguntou quando já estavam do lado de fora.

— Sou Miguel. Pude senti-los e estava de olhos em vocês, mas foi uma surpresa para mim vocês virem até aqui.

— Hã? Sentir? Como assim?

— Senti a presença de vocês.

— Mas como?

— Tem coisas que eu não sei explicar — disse Miguel, tentando passar credibilidade, contudo, não olhava nos olhos de Joy.

Ela ficou desconfiada.

— Trabalha aqui. Coincidência — disse Joy, pensativa.

— Realmente. O que queria com aquela joia? Ela não tem nenhum valor.

Joy fez um olhar de frustração.

— É uma longa história.

— Estou disposto a ouvir. Apesar de senti-los, nunca encontrei pessoalmente outros iguais a mim. Minha mentora sempre proibiu essa aproximação, mas tenho ultimamente pensado em outras coisas.

— Mentora?

— Também é uma longa história — disse Miguel, tentando rir.

— Já ia me esquecendo de algo. Um instante, por favor — disse Joy, pegando seu *Tab P* e mandando uma mensagem.

Miguel olhava para Joy, mas quando ela olhava para ele, Miguel desviava o olhar.

— Vamos! Vou te apresentar a outro *Ikihatsunukishisen*.

Ele deu um sorriso forçado e a acompanhou. Chegando ao *Obelisco de Petrópolis*, ela avistou Lando.

— São eles — disse Joy para Miguel.

Ele caminhou até Lando e o tocou no ombro.

— VOCÊ! — disse Lando, em voz alta. — Joy? O que faz com ele? Afaste-se dela.

Abigail foi para trás de Lando.

— Calma, Lando. Pode confiar nele — disse Joy, calmamente.

— O que está dizendo? Esse cara nos abordou em *Copacabana*!

— Como assim? Vocês já se encontraram antes? — perguntou Joy olhando para o garoto.

Ele acenou com a cabeça, confirmando e desviando o olhar.

— Por que não me disse nada, Lando? — questionou Joy olhando para ele com raiva e logo depois olhou para Abigail

— Por que está com ele, Joy? O que aconteceu? Como você saiu do museu?

— Saí por uma área de acesso a funcionários. Ele trabalha no museu.

Lando ficou surpreso com o que ela acabara de dizer.

— O que você quer com a gente? Por que nos abordou ontem à noite? Quem é você? — perguntou Lando, seriamente.

— Fique calmo, Lando. Pode confiar nele. Ele é um de nós. Um *Ikihatsunukishisen*.

— Não é possível — disse Lando, surpreso. — Está parecendo ser mais fácil do que imaginava encontrá-los — pensou ele.

Miguel fez uma expressão de dúvida.

— O que houve, Joy? Onde está a joia? Não conseguiu?

— Até consegui, mas...

— O que houve? — perguntou novamente Lando, já impaciente.

— Ela também é falsa.

— Maldição! Mas como? Alguém mais sabe sobre essa joia e não quer que a encontremos — disse Lando, irritado.

— Pensei nessa possibilidade, mas o Sr. Ivo deu certeza que estaria aqui. Está tudo muito confuso e suspeito. Precisamos voltar e ter uma conversa séria com ele. Nos arriscamos por nada. Até parece que ele está nos usando para alguma coisa.

Todos ficaram pensativos.

— Vou providenciar as passagens, então — disse Abigail.

— Isso — disse Joy.

— Vocês parecem interessantes. Sempre tive vontade de conhecê-los. Não esperava serem jovens como eu — disse Miguel.

— Venha com a gente. Estamos em buscas de algumas respostas sobre nossos poderes e eu estou querendo saber como meus... Você será de grande ajuda.

Miguel pensou.

— Minha mentora não aprovaria, mas...

— Mentora? — questionou Lando.

— É uma longa história que também quero saber — disse Joy, rindo. — Vamos. Graças a Abigail, dinheiro não será problema. Aposto que tem coisas sobre seu passado que gostaria de descobrir. Seu poder. Nosso poder. Meu passa... Eu não sei como possuo isso e gostaria de descobrir. Exceto caso você tenha essas respostas, sobre a origem dos *Ikighatsunukishi* e *Ikighatsunukishisen*.

— Também não sei. Sempre fui orientado a não ter contato com outros que sentia. Minha mentora dizia que vocês poderiam ser perigosos, mas como disse, tenho ultimamente pensado diferente.

— Sentir? — questionou Lando em pensamento. — Será de grande importância sua presença — disse Lando.

Todos fixaram olhar em Miguel enquanto ele pensava.

— Tudo bem. Vou com vocês, mas preciso ir em casa pegar minhas coisas para poder viajar, mas isso seria suspeito e minha mentora poderia descobrir minhas intenções.

— Só precisa dos seus documentos e passaporte. O resto improvisado — disse Abigail.

— Passaporte e documentos digitais estão Ok. Já viajei muito — disse Miguel, sorrindo discretamente.

— Então podemos partir? — perguntou Joy.

Ele acenou com a cabeça, concordando. Abigail providenciou *transporte rápido* que chegou em dois minutos.

Eles seguiram para o *Aeroporto Internacional Galeão*. No caminho, Abigail recebeu uma notificação.

— Não! — disse ela.

— O que houve? — perguntou Lando.

— Minha mãe pediu para eu voltar para casa. Ela disse que é uma emergência.

— Que emergência? — questionou Joy.

— Ela não disse, só pediu para eu voltar.

— Então você deve voltar! Vamos seguir para *Portugal* e depois voltaremos para a *Inglaterra* e nos encontramos — disse Lando sem olhar para Abigail.

— Mas...

— Ele tem razão, volte e nos espere. Não demoraremos em *Portugal*. Só vou pedir para providenciar nossas passagens de lá para sua casa — disse Joy, meigamente.

Abigail abaixou a cabeça, desanimada.

— Tudo bem! E não demorem — disse ela olhando para Lando.

Ele sorriu e acenou com a cabeça. O trânsito estava engarrafado, mesmo no caminho de acesso exclusivo do *transporte rápido* e eles demoraram para chegar ao aeroporto. Depois de uma cansativa viagem, eles pararam para comer.

— O voo de vocês é daqui a uma hora. O meu é daqui a 20 minutos — disse Abigail, terminando de comer.

Antes de partir, Abigail adquiriu e entregou uma mochila com roupas para Miguel. Eles se despediram dela e aguardaram o voo para *Portugal*. Todos embarcaram e partiram.

— Quase dez horas de voo. Isso me traz algumas lembranças — disse Miguel, olhando pela janela do avião.

Lando não prestou atenção, porque estava pensativo olhando para Joy, que havia acabado de dormir.

— O que você disse? — perguntou Lando.

— Vocês não me disseram seus planos. O que farão em *Portugal*?

— Vamos até um senhor que tem conhecimento sobre os *Ikihatsunukishi* e os *Ikihatsunukishisen*. Esclareceremos alguns fatos que estão em desacordo. Da primeira vez que gente o encontrou, ele não revelou muito do que sabia e disse que falaria assim que voltássemos e trouxéssemos a joia para ele.

— Entendi. A joia que Joy queria pegar no museu.

— Exatamente, mas Joy disse que era falsa. Queríamos a Enerkry. O Sr. Ivo queria que a levássemos para ele e assim nos revelaria tudo que sabe.

— Compreendo. Enerkry? Essa palavra é familiar, mas não sei... o que seria isso?

— A joia que estávamos em busca é uma Enerkry. Mesmo cristal de que é feito nossos *Ikihatsunukishi*. Joy chegou até mim porque estava atrás dessa Enerkry e... espera! Joy, Sr. Ivo... Ambos querem a Enerkry. Será que? Não, está confuso...

— Será o quê? Confuso? — questionou Miguel.

— Nada, me equivoquei.

Lando ficou ainda mais pensativo.

— Para que a Joy realmente quer a Enerkry? Acho que não é só para entender a origem dos nossos poderes. E o Sr. Ivo? Para que ele quer, também, a Enerkry? — se questionou Lando.

Ficou um silêncio, por uns instantes.

— Mas, me fale sobre você. O que você sabe sobre nós, os *Ikihatsunukishisen*? — perguntou Lando.

— Não sei muita coisa. Sei que existem outros e é a primeira vez que encontro um. Um não, dois. Não, acho que mais — disse Miguel, pensativo.

Lando ficou surpreso.

— Coincidência. Estou em busca... Na noite que nos abordou você disse que sabia o que eu era. Como sabia? Como soube onde me encontrar?

— Já disse! Posso senti-los, como se estivéssemos conectados. Senti até um diferente recentemente. Uma essência maligna. Minha mentora disse que devia me manter afastado, mas quando percebi estarem vindo para cá, pensei diferente e fui ao seu encontro. Bom que não são uma ameaça, como ela dizia.

— Estranha essa habilidade. Parece até que você está *entrela*... Eu não consigo sentir ninguém — disse Lando, desapontado.

— Minha mentora me ensinou a bloquear a conexão. Assim posso sentir os outros, sem me sentirem. Ela disse que poderia ter outros que sintam minha presença e isso seria perigoso. Minha mentora a todo momento fala que sou especial. Ela também sente os que estão conectados com o *Ikihatsunukishi*, mas não como eu, que sinto muitos outros.

— *Hey!* Como assim, ela também sente? Quem é sua mentora?

Miguel ficou absorto por uns segundos e quase hesitou em dizer a verdade.

— É minha mãe! Ela que me passou o *Ikihatsunukishi*. Minha mãe é a *Ikihatsunukishisen da madeira*.



CAPÍTULO 11

FUGITIVOS

MARIANA MIGUEL

Há 20 anos (2003)

— *Estaremos bien* — disse Mariana para Maria.

Maria deu um beijo na testa do pequeno Miguel, que Mariana segurava no colo.

— Agora vá! Cuide bem desse bebê. Eu resolvo as coisas por aqui — disse Maria.

Mariana saiu somente com uma bolsa. Partindo do *México*, ela pegou o primeiro voo com destino para um país da América do Sul. *Argentina*. Ela foi para casa da prima, Ana.

— Deve estar cansada. O quarto é improvisado, mas fique à vontade — disse Ana.

O marido de Ana, José, olhava com desaprovação para Mariana e seu bebê.

— Me perdoe, mas não tinha para onde ir.

— Sem problemas. Descansem. Qualquer coisa me chama.

Mariana e o filho acomodaram-se no pequeno quarto que mal dava para uma cama. Na madrugada do dia seguinte, Miguel não parava de chorar. Mariana levantou com o bebê no colo para beber água.

— VOCÊ É UMA IMPRESTÁVEL. NÃO É VOCÊ QUE MANDA AQUI — disse José, no quarto deles, em voz alta.

— Não será por muito tempo. Logo eles irão embora.

— DÊ SEU JEITO PARA ISSO ACABAR LOGO, PORQUE SE NÃO...

Mariana voltou para o quarto em prantos. Miguel já não chorava mais. Ela o colocou do lado na cama e passou o resto da madrugada pensativa.

Na manhã seguinte, Mariana se aprontou com o bebê e saiu.

— Para onde está indo? Nem tomou café — disse Ana na porta de casa.

— Vou arrumar um trabalho. Não quero ser um fardo para vocês.

— Deixe Miguel comigo.

Mariana ficou pensativa e virou as costas para a prima. Deu dois passos e se voltou.

— Promete que vai cuidar dele?

— Sim, Mariana.

Ela entregou o filho à prima com delicadeza.

— Logo mais estarei de volta. Obrigada, Ana.

Mariana seguiu sem rumo. Ela entrou em várias lojas se oferecendo a fazer qualquer tipo de serviço. Passaram horas de tentativa e nem o mais ingrato dos trabalhos ela conseguia. Estava anoitecendo e ela saiu de um supermercado no qual tentou um trabalho sem sucesso. Mariana viu umas moças que abordavam homens e pensou na possibilidade, mas logo tirou isso da cabeça.

Um rapaz, que aparentava ter uns quarenta anos, deixou cair uma bolsa de compras e frutas rolaram pelo chão. Ela prontamente o ajudou a recolher as coisas. O rapaz agradeceu e quando estava indo para o estacionamento puxou assunto.

— Olá! Parece perdida — disse o rapaz.

— Um pouco — disse Mariana, envergonhada.

— De repente posso ajudar.

— Não sei. Estou há pouco tempo aqui e estou à procura de um trabalho. Qualquer trabalho que dê para me sustentar e ao meu filho.

— Compreendo — disse o rapaz, pensativo.

— Com licença. Preciso ir.

Quando Mariana já estava indo.

— Qualquer trabalho?

— Hã? Me desculpe, mas não sou...

— É que moro sozinho e preciso de uma empregada. Quase não tenho tempo para me dedicar às coisas de casa. Se aceitasse...

— Sim! Quando começo?

— Ótimo. Pode ir à minha casa amanhã. Moro perto daqui. Tem como anotar meu endereço?

Ela procurou na sua bolsa por papel e caneta, mas só encontrou papel. O rapaz percebeu que nem um *telefone celular* a moça tinha.

— Acho que no meu carro tem caneta. Vamos até o estacionamento.

Mariana o acompanhou e ele passou seu endereço.

— Te aguardo amanhã às oito da manhã, mas me diga pelo ao menos seu nome!
— falou o rapaz, rindo.

— Mariana.

— Prazer, sou Fernando. Amanhã às oito horas.

Ela confirmou com a cabeça. Ele deu ré com o carro e foi embora. Mariana voltou para casa, sorridente. Ela estava morrendo de fome. Só havia comido um pequeno pacote de biscoito o dia todo.

— O que houve, Ana? Quem fez isso com você? — perguntou assustada, assim que chegou na casa.

— Ele ficou bem. Dormiu agora — disse Ana, com o olho roxo, entregando Miguel para ela.

Mariana logo percebeu que a agressão vinha do marido. Ela foi direto para o pequeno quarto e colocou Miguel na cama. Pegou no meio das coisas do seu filho, o *Ikihatsunukishi* e apertou com força, pensando em usar e vingar sua prima. Ela pensou no motivo que a fez deixar o *México* às pressas e se segurou para não cometer o mesmo erro.

Mariana aproximou o *Ikihatsunukishi* do seu filho e o pequeno cristal brilhou. Ela começou a chorar, pensando na maldição que ela carregava e que provavelmente o seu filho herdaria.

Na manhã do dia seguinte, Mariana se arrumou e decidiu levar seu filho junto, para seu primeiro dia de trabalho. Passando pela cozinha, ela viu José e Ana, que interromperam a conversa assim que a viram.

— Estou indo trabalhar — disse Mariana para Ana.

— Conseguiu um trabalho? Nem me disse ontem. E Miguel?

— Ele vem comigo. E... Vou pagá-los pela estadia temporária. Em breve vou alugar algo para mim — disse Mariana lançando um olhar de fúria para José.

Ele comeu uma banana, olhando desconfiado para elas e saiu.

— Me perdoe pelo transtorno que estamos causando — disse Mariana.

— Tudo bem! Cuidado com ele. Ah! Pegue — disse Ana entregando-lhe uma marmita.

— Obrigada.

Elas se despediram e Mariana foi para o trabalho. Ela pegou um *transporte público* e seguiu para a casa de Fernando.

— Acho que é aqui...

— Bom dia — disse Fernando, aparecendo atrás dela, com uma sacola de pão quente.

Ela se assustou.

— Bom dia, Sr. Fernando. Perdão por aparecer assim no primeiro dia, mas não tinha ninguém que pudesse ficar com ele e...

— Tudo bem. Entrem.

Fernando entrou com eles e apresentou a casa, que era grande.

— Acho que terá muito trabalho — disse ele, rindo.

Mariana sorriu, agradecida.

— Um salário e meio. Prefere receber por mês ou dividido por semana?

— O que ficar melhor para o senhor.

— Tudo bem. Tem um quarto de hóspedes onde poderá deixar seu bebê. Fiz anotações de umas coisas que gostaria que mantivesse. Qualquer dúvida, estarei trabalhando no meu quarto.

— Sim, senhor.

Mariana imediatamente começou e, feliz, realizou cada tarefa tentando ser a mais perfeita possível.

Depois de três semanas, Mariana já havia arrumado um lugar para morar. Ela preparava o almoço na casa de Fernando quando ele se aproximou.

— Humm! O cheiro está ótimo!

— É costeletas de carneiro, seu preferido.

Fernando se aproximou e abraçou Mariana por trás.

— Fique! Venha morar comigo.

— Tem certeza? Não quero ser um incômodo.

— Já tivemos essa conversa. Vocês não são um incômodo.

Mariana se virou, olhou nos olhos de Fernando e logo depois o beijou.

Passaram-se sete anos. Mariana fazia faculdade e faltava um ano para se formar em Administração. Fernando era herdeiro de uma ótima fortuna e trabalhava com investimentos na bolsa de valores.

— #*%@, estou perdendo muito dinheiro. O mercado financeiro está %*#%@
— disse Fernando, nervoso.

— Preciso ir à escola, Miguel arrumou confusão de novo — disse Mariana se arrumando.

— Esse garoto tem problemas. Os psicólogos já disseram que ele é especial. Você devia admitir isso.

— Até — disse Mariana, saindo.

Chegando na escola, a diretora a atendeu, levando-a até Miguel.

— Acho que deveria mudá-lo de escola. Uma escola que saiba trabalhar com as diferenças dele. Ele tem dificuldade de relacionamento. Não olha nos olhos de ninguém. Ele precisa de uma atenção especial — disse a diretora.

Mariana pareceu ignorá-la e foi até o filho.

— Olá, meu filho. Está tudo bem? Estou aqui. Vamos para casa.

Miguel a abraçou.

— Senhora! Acho que...

— Tudo bem. Até — disse Mariana indo embora.

Já em casa, Miguel organizava seus carrinhos por cor. Um carrinho de duas cores deixou com dúvida a mente dele, de onde deveria ficar. Do lado dos carrinhos verdes ou do lado dos carrinhos vermelhos? Ele se irritou e bagunçou tudo.

Pacientemente ele juntou e começou a organizar novamente. Miguel ouviu sua mãe falando alto e foi para a porta do quarto dela e se sentou.

— #*%@, estou perdendo tudo. A culpa é sua.

— Você que não está sendo sensato nas operações financeiras. Está arriscando tudo de uma vez. Você devia...

Plaft

— Só porque está fazendo administração acha que entende de mercado financeiro. Você é uma %*#@ que achei perdida. Preciso beber algo! — disse Fernando, saindo do quarto.

— O que está fazendo aqui, garoto retardado? Vai para a cama!

Fernando seguiu para seu escritório, pegou um *whisky* e foi beber, revoltado consigo mesmo.

— Meu filho, o que faz aqui? Vamos — disse Mariana levando Miguel para seu quarto.

Ela o colocou na cama e contou uma história. Ele dormiu e Mariana foi procurar por Fernando. Ela o viu dormindo na poltrona do seu escritório. Mariana preferiu não acordá-lo. Ela foi para o quarto, pegou uma caixa de metal no guarda-roupa e sentou na cama.

Mariana pegou o seu *Ikihatsunukishi*, apertou com força e ele ativou se transformando em um tipo de lança de madeira. Logo em seguida ela desativou e chorou. Miguel olhava para ela através da porta entreaberta. Mariana se assustou com um barulho e foi até a porta. Ela não viu nada e fechou a mesma.

No dia seguinte, Mariana teve que ir à escola novamente, por causa de Miguel.

— O seu filho não poderá mais frequentar a escola. Já tomamos as medidas necessárias e...

— Vamos, meu filho — disse Mariana, interrompendo a diretora e indo embora com Miguel.

Em casa, enquanto menino brincava com seus bloquinhos de montar, Mariana discutia com Fernando na cozinha. Miguel ficou inquieto. Ele correu até o quarto deles e depois apareceu na cozinha.

— Sua %*#@...

Plaft

Mariana desmaiou com o forte tapa que levou de Fernando.

— Garoto retardado. O que faz aqui?

Miguel segurou o cristal, que pegou do quarto da mãe, com força. Era o *Ikihatsunukishi* que se transformou em uma pequena faca de madeira.

— O que é isso, retardado? Que #*%@ é essa?

O menino apontou a pequena faca para Fernando. Ele se aproximou de Miguel, passando por cima de Mariana.

— Me dê isso, garoto retardado.

A pequena faca aumentou de tamanho bruscamente, criando vários espinhos finos de madeira que cresceram da mesma e atravessaram o corpo de Fernando como se fossem palitos de dente perfurando um papel.

Ele caiu e antes que seu rosto tocasse o chão, seu coração já havia parado. O *Ikihatsunukishi* desativou e Miguel sentou do lado da mãe. Depois de quase uma hora ela acordou.

— Hã? Meu filho? O que aconteceu? Meu Deus! — disse Mariana olhando para o corpo ensanguentado de Fernando.

Ela viu o cristal na mão do garoto e logo deduziu o que havia acontecido. Mariana tirou o *Ikihatsunukishi* da mão dele e o abraçou. Ele estava agitado e confuso. Ela o levou para seu quarto e ligou para a prima Ana, que imediatamente foi ao seu encontro.

— O que faremos? — questionou sua prima.

— Ele não era uma figura pública e não tem parentes próximos. Não sentirão a falta dele, contudo, vou embora com Miguel.

— Vamos resolver tudo por aqui e vocês vão quanto antes.

— Obrigada. Me desculpe por ter que te envolver nisso.

— Não tem que se desculpar por nada.

Elas se abraçaram e depois agiram para se livrar do corpo de Fernando. Mariana arrumou suas coisas e as de Miguel, cortou o cabelo, deixando-o curto, se despediu da prima e seguiu para um dos países mais acolhedores da América do Sul. *Brasil*.



CAPÍTULO 12

SENTIMENTO INCOMPREENSÍVEL

MIGUEL

Há 13 anos (2010)

— Miguel, vamos! — chamou Mariana.

Uma estrela, duas estrelas, três estrelas, uma estrela...

— Vamos! — disse Mariana pegando Miguel no colo.

— Para onde vamos? — perguntou Miguel, agitado.

Mariana ignorou a pergunta do filho. Ela estava cansada e irritada.

Mamãe está nervosa. Uma estrela, duas estrelas, três estrelas, uma estrela...

Miguel apontava para as estrelas de um lindo céu noturno. Eles haviam acabado de desembarcar no *Aeroporto Internacional de Guarulhos* e pegaram um táxi para um apartamento que Mariana havia alugado.

Mamãe, não tem mais papai. Mamãe sem papai que bate. Mamãe sem...

Ele dormiu ao colo de Mariana. Eles chegaram ao apartamento e se acomodaram. Como Miguel passou a viagem inteira acordado, logo caiu um sono profundo.

Há 12 anos (2011)

— Ele é especial. Precisa colocá-lo em uma escola de pessoas como ele. Seu aprendizado é atrasado e...

— Ele é inteligente. Vocês que não estão sabendo lidar — disse Mariana, com sotaque estrangeiro, interrompendo a diretora da escola.

— Sim, mas a senhora...

— Vamos, Miguel. Vamos procurar uma escola que compreenda sua inteligência — disse Mariana puxando pelo braço seu filho, que olhava para o chão.

Eles não querem ser meus amigos. Por que eles não querem? Mamãe fala que tenho que me concentrar para ter amigos. Preciso me concentrar. Preciso me concentrar.

Mariana ignorou a orientação da diretora da antiga escola do Miguel e o matriculou em uma nova escola. No seu primeiro dia de aula.

— Miguel, preste atenção aqui no quadro! — ordenou a professora.

— Estou concentrado — disse Miguel, olhando para seu caderno.

Ele desenhava algo estranho.

Preciso me concentrar. Preciso me concentrar.

— MIGUELL! — gritou a professora indo até ele.

Preciso me concentrar. Preciso me concentrar. Preciso me concentrar. Preciso me concentrar.

— Você está desenhando e não está prestando atenção na aula. Me dê isso aqui! — disse a professora furiosa e arrancando o caderno da mão dele.

— Mamãe disse para me concentrar — disse Miguel, balançando a perna de forma ritmada.

A professora percebeu o jeito estranho dele e resolveu ignorá-lo.

— Que garoto retardado — cochichavam os outros alunos, rindo.

— Todos em silêncio, vamos continuar. Prestem atenção — ordenou a professora.

Preciso me concentrar. Preciso me concentrar. Estou me concentrando como mamãe falou. Estou conseguindo mamãe.

Miguel continuou com seu desenho estranho em outro caderno e depois de um tempo tocou o sinal da hora do recreio. Ele foi o último a sair de sala. A professora ia chamá-lo para conversar, mas desistiu.

Preciso me concentrar. Preciso me concentrar para ter amigos. Luz do sol está forte. Vou sentar. Vou sentar aqui. Vou comer, mamãe. Vou comer tudo, mamãe. Eles estão vindo, mamãe. Eles estão vindo, mamãe. Vou me concentrar para ter amigos. Meus amigos estão vindo.

— Olha esse retardado — disse um dos alunos da turma de Miguel.

Os outros alunos que o estavam acompanhando riram do comentário do amigo.

— Ei, retardado! Me dá esse lanche! — disse o garoto pegando o sanduíche da mão de Miguel.

Preciso me concentrar. Preciso me concentrar. Preciso me concentrar. Preciso me concentrar.

— Não fala nada, retardado — disse outro aluno batendo no ombro do Miguel.

Preciso me concentrar. Preciso me concentrar. Preciso me concentrar. Preciso me concentrar.

Um outro aluno deu um tapa na cabeça do Miguel.

— Preciso me concentrar — disse Miguel, parecendo agitado.

— O que você disse, retardado? — questionou o aluno que pegou seu lanche.

Todos começaram a bater na cabeça de Miguel. Ele se levantou e deu um soco no rosto do aluno que pegou seu lanche, fazendo-o desmaiar. Os outros alunos ficaram assustados e saíram correndo.

Preciso me concentrar. Preciso me concentrar. Não me concentrei, mamãe. Não fiz amigos. Meus amigos foram embora. Não tenho amigos. Não tenho amigos.

Os inspetores correram até Miguel e o levaram para a direção.

— Ele não pode mais ficar nessa escola. Conforme conversei com a professora dele, sugiro colocá-lo em uma escola especial.

Mariana se levantou e ignorou a diretora.

— Vamos, Miguel. Você não merece estudar nessas escolas daqui.

Miguel acompanhou sua mãe resmungando algo.

Vou me concentrar, mamãe. Vou me concentrar, mamãe. Não é sua culpa. Não é sua culpa.

Há 9 anos (2014)

— Muito bem, meu filho. Está indo bem. Concentre-se.

Estou me concentrando, mamãe. Ela está ficando orgulhosa. Ela está. Estou sentindo algo.

— Mamãe, estou sentindo. São os outros — disse Miguel, empolgado.

— Concentre-se. Não deixe que o sintam. Você pode fazer igual à mamãe.

Preciso me concentrar. Preciso me concentrar. Consegui me concentrar. Vejo eles e eles não me veem.

— Eles não me veem, mamãe — disse Miguel, sorrindo.

— Muito bem, meu filho. Agora desative o *Ikihatsunukishi*.

Preciso me concentrar. Preciso desativar. Preciso desativar. Não estou conseguindo, mamãe.

— Não estou conseguindo, mamãe — disse Miguel, agitando-se.

Mariana se aproximou rapidamente e tirou o *Ikihatsunukishi* da mão do seu filho. Miguel abriu os olhos e em um momento raro, olhou nos olhos da mãe, mas logo desviou o olhar.

— Desculpa, mamãe. Não me concentrei o suficiente.

Preciso me concentrar mais. Preciso me concentrar mais. Mamãe não pode ficar desapontada. Ela não pode ficar desapontada.

— Tudo bem, meu filho. Você está indo bem. Agora chega de *Ikihatsunukishi* e vamos estudar Matemática.

Estudar matemática. Estudar matemática. Todas as fórmulas. Sei todas as fórmulas. Eu não desaponto a mamãe com a matemática. Eu não desaponto. Matemática eu sei.

— Matemática eu sei — disse Miguel de cabeça baixa.

— Sim, meu filho. Você é mais inteligente e em breve será mais forte que a mamãe — disse Mariana se aproximando do filho e dando um beijo em sua testa.

Há algumas semanas. (2023)

Esse é diferente. Diferente. É maligno, mãe.

— É maligno, mãe. Ele vai nos achar — disse Miguel, assustado.

Mariana agiu rapidamente e tirou o *Ikihatsunukishi* da mão de Miguel.

Não consegui. Não consegui. Preciso me concentrar mais. Vou me concentrar mais da próxima vez.

— Vou me concentrar mais da próxima vez. Me perdoe, mãe — disse Miguel de cabeça baixa.

— Tudo bem, meu filho. Como sua mentora do *Ikihatsunukishi* é meu dever te proteger. Eu te ensino, pois pode ser que aconteça algo comigo e eu não consiga te ajudar, mas enquanto eu estiver por aqui te protegerei com minha vida — disse Mariana indo abraçar o filho.

Miguel não retribuiu o abraço.

Preciso me concentrar. Abraçar a mãe como ela ensinou. Ela é minha amiga. Ela é minha amiga. Ela me ensinou a ter amigos. Estou quase tendo amigos no trabalho. Consegui trabalho porque sou especial. É só me concentrar e comunicar com paciência. Concentrar.

Miguel sem jeito, a abraçou.

Raio. Era do Raio. Raio maligno.

— Era um *Ikihatsunukishi* do raio e com uma energia maligna. Você tinha razão. Os outros podem ser maus.

— Sim, meu filho! Nunca se envolva com eles.

Mas têm bons também. Tem, sim. Já senti. A mãe pode estar enganada. A mãe, minha mentora, pode estar enganada.

— Mas já senti energias boas. A senhora pode estar enganada sobre todos.

— NÃOOOO! EU NÃO ME ENGANO.

Ela se irritou. Ela se irritou. Todos são maus. Todos são maus.

Miguel abaixou a cabeça assustado.

— Me perdoe, meu filho.

Ela o abraçou novamente e ele imediatamente retribuiu ao abraço.

Ela se irritou. Ela se irritou. Não posso irritá-la. Mas ela disse que preciso enfrentar o medo. Preciso enfrentar o medo. Enfrentarei o medo sem ela saber. Mas ela disse para não mentir. Mas preciso enfrentar o medo. Preciso ser forte. Preciso ser forte.

— Preciso ser forte, mãe.

— Sim, meu filho. Você precisa ser forte a todo custo. Você já é um homem, muito inteligente, com um emprego e quase independente, só falta dominar por completo o *Ikihatsunukishi* e assim se defender de qualquer ameaça.

Viu, ela disse que preciso ser forte a todo custo. Então posso desafiar suas ordens. Preciso enfrentar o medo sem irritá-la. Preciso encontrar os outros fortes e bons sem ela saber.



CAPÍTULO 13

INTERROGATÓRIO

JOY LANDO MIGUEL

— Qual é o nome dela? — perguntou Lando

— Mariana — respondeu Miguel, olhando para baixo.

— Mariana, preciso conhecê-la — disse Lando, pensativo.

O silêncio predominou por quase dois minutos. Lando ficou analisando Miguel e percebeu que ele evitava olhar nos olhos das pessoas.

— Miguel, se eu te fizer uma pergunta, você não vai se ofender?

Lando foi ignorado por uns segundos.

— A viagem vai ser longa, vou dormir — disse Miguel, fechando os olhos.

Ele, que ficou sem graça, continuou pensativo, sobre achar Miguel especial e sobre como estaria Abigail. Após uns vinte minutos ele pegou no sono.

— Acorde! Acorde! Lando? Acorde — disse Joy sacudindo-o.

— Hã? O que houve? — disse Lando, acordando assustado.

— Já pousamos! Rápido!

— Rápido, não. Você que apagou — disse Joy, sorrindo. — Levante, vamos. É de madrugada. Vamos para um hotel.

Lando olhou para o lado e não viu Miguel.

— Cadê ele?

— Ele está logo ali na frente — respondeu Joy.

Lando o viu, se levantou e acompanhou Joy que se dirigiu para saída. Assim que saíram do avião, inspetores da SEF “*Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*”, foram na direção deles, se comunicando por rádios. Miguel foi o primeiro a ser abordado. Eles foram cercados.

— Nos acompanhem — ordenou o inspetor chefe da equipe.

Somente Miguel entendeu a ordem, dita em *português*.

— O que eu fiz? — perguntou Miguel, começando a ficar nervoso.

— O que está havendo? O que querem com a gente? — questionou Joy.

— Nos acompanhem! — ordenou o inspetor chefe no idioma dela, alterando o tom de voz.

Joy ia retrucar, mas Lando a segurou pelo braço e balançou a cabeça, dizendo que não. Ele olhou para Miguel, que parecia inquieto. Os inspetores os levaram para uma sala reservada da SEF. Nessa sala havia seis portas. As coisas deles foram retidas. O inspetor chefe os separou, colocou cada um em uma e ordenou que se sentassem de frente a uma mesa, que havia em cada sala. Eles esperaram por horas, até que um inspetor entrou.

Lando

O inspetor analisava uma documentação em seu *Tab Work*, onde ele acessou os dados de Lando.

— O que foram fazer no *Brasil*? — perguntou o inspetor.

Lando demorou uns segundos para responder.

— Turismo.

— Por que um residente do *Brasil* veio com você para *Portugal*? Qual sua relação com ele?

Ele demorou a responder, novamente.

— Amigo.

— Seu amigo! Ele abandonou o emprego no *Brasil*. Um emprego em um museu. Por que ele não notificou desligamento?

Lando não soube o que responder e se manteve em silêncio.

— Não quer colaborar! Tudo bem. Está preso por tentativa de roubo ao *Museu Imperial* no *Brasil*. Repense o que irá falar. Voltarei em breve — disse o inspetor se levantando.

— Gostaria de ter acesso a um advo...

O Inspetor saiu, ignorando-o.

Joy

Outro inspetor sentou na frente dela.

— O que eu fiz? Por que estou aqui? Exijo que me soltem — disse Joy, nervosa.

— Não está em posição de exigir nada.

— O que querem comigo? Por que nos prenderam?

— O que foram fazer no *Brasil*? — perguntou o inspetor.

— Estava de passagem. Fui visitar um amigo.

— Por que um residente do *Brasil* veio com você para *Portugal*? Qual sua relação com ele?

— Como disse. Fui visitar um amigo. Ele é meu amigo brasileiro.

— Seu amigo! Ele abandonou o emprego no *Brasil*. Um emprego em um museu. Por que ele não notificou desligamento?

— Ele estava de saco cheio do emprego e resolveu abandonar. Teria algum problema isso? — questionou Joy, olhando nos olhos do inspetor.

— O que realmente foi fazer no *Brasil*? O que queria no museu?

Joy se manteve em silêncio, pensando em uma resposta rápida.

— Só para conhecer. Teria algum problema visitar locais históricos?

— Vou repetir a pergunta. O que queria no museu?

— Já respondi que queria somente visitar! O que acha que fui fazer lá?

— Está presa por tentativa de roubo ao *Museu Imperial* no *Brasil*. Repense o que irá falar. Voltarei em breve — disse o inspetor se levantando.

Joy ficou sem palavras. Ela abaixou a cabeça, desapontada.

Miguel

Um terceiro inspetor sentou na frente dele e ficou analisando, em seu *Tab Work*, os dados pessoais de Miguel.

— O que veio fazer em *Portugal*?

Miguel se manteve em silêncio olhando para a mesa, batendo o pé, como se tivesse contando.

— Vou repetir. O que veio fazer em *Portugal*?

Miguel continuou em silêncio por uns segundos.

— Estou com meus amigos.

— Como um residente do *Brasil*, por que abandonou o emprego sem notificar a sua chefia?

Miguel olhou para o lado.

— Não quis.

O inspetor encarou Miguel, mas ele evitava retribuir o olhar.

— Qual sua relação com os outros dois que diz que são seus amigos?

— Amigos! — disse Miguel se esforçando para controlar sua inquietude.

— O que seus amigos queriam no museu?

Miguel demorou a responder.

— Tirar fotos.

— Vou repetir! O que seus amigos queriam no museu? — perguntou novamente o inspetor, mudando o tom de voz.

Miguel começou a bater mais rápido o pé.

— Está pres...

— Tudo bem! Deixe comigo, agora — disse o Inspetor chefe, Xavier, acompanhado de um homem de terno.

O inspetor que estava interrogando Miguel se levantou e saiu.

— Vou deixá-los a sós — disse o inspetor chefe, Xavier.

O homem de terno se sentou.

— Tudo bem, meu jovem. Estou aqui para ajudá-lo. Sei que é especial. Conheço o poder que tem e...

— Gostaria de sair daqui. Está me incomodando — disse Miguel interrompendo-o.

— Sim! Tudo bem! Venha. Vamos para um lugar mais amigável.

Eles saíram da sala, pegaram as coisas do garoto e o senhor de terno o conduziu para fora do prédio.

— Meus amigos?

— Vai ficar tudo bem com eles. Em breve irá vê-los.

Miguel fez um olhar de desapontado.

— O que irá fazer comigo? Não quero machucar ninguém.

— Tudo bem! Não tem que ter medo. Estou aqui para ajudá-lo a entender o seu poder. O mundo está em perigo e precisamos de você. Agora vamos. Vou lhe apresentar outro jovem com o mesmo dom.

Sem olhar para o senhor de terno, Miguel perguntou:

— Mais um igual a mim? E... Qual o nome do senhor?

— Sim. Irá gostar de conhecê-lo. E meu nome... Não precisa ser tão educado. Pode me chamar só de Phillip.



CAPÍTULO 14

RESGATE

LANDO

As coisas saíram do controle. Não podia ser preso. Tinha que arrumar um jeito de entrar em contato com Abigail, para ela ver advogados. Mesmo tendo muito dinheiro, não conhecia ninguém que pudesse me ajudar, mas ela poderia usar o advogado da família dela para me tirar dessa situação.

Já cansado de me preocupar e de dar voltas pela sala, sentei. De repente, alguém entrou.

— O que o senhor faz aqui?

— Estou aqui para levá-lo embora — disse Pablo. O motorista que nos levou para o aeroporto em *Portugal*.

— Como? Como senhor soube que eu estaria aqui?

— Estávamos de olho o tempo todo. Vamos. Meu patrão, Sr. Ivo, lhe aguarda.

— Já estávamos indo ao encontro dele. Tenho coisas que preciso esclarecer, mas acabamos sendo detidos aqui...

— Acompanhe-me — disse Pablo, saindo.

Eu o acompanhei. Era estranho ele por aqui. Pablo andava como se fosse chefe de todos. Ninguém o questionava do porquê estava comigo.

Peguei minhas coisas.

— Joy e...

— Eles vão ficar bem. Em breve se encontrarão — disse Pablo me interrompendo.

Estava confuso e queria entender o que estavam planejando Pablo e o Sr. Ivo. Olhei nas minhas coisas e para meu alívio, meu *Ikihatsunukishi* estava entre elas. Saímos do prédio sem problemas e questionamentos.

Eu o acompanhei, pensando nas perguntas que faria ao Sr. Ivo. Logo depois que resolvesse com o velho, eu iria ao encontro do Sr. James.

Quando ia entrar no carro, meu *Tab P* tocou.

— Uma chamada não identificada — pensei.

Atendi.

— Achou que escaparia? Estamos com sua namoradinha. Se quiser que ela viva, traga-me os diamantes. E sem truques mágicos.

— NÃOOOO — gritei em pensamento.

— O que houve? Quem era? — perguntou Pablo.

— Preciso ir. Depois vou ao encontro do Sr. Ivo.

— Não pode. Preciso que me acompanhe.

— Já disse que não! Preciso ir imediatamente.

Pablo pegou seu *Tab P* e fez uma chamada de voz. Ele se afastou. Eu não me importei e segui para o aeroporto. Mal dei dois passos.

— Sr. Ivo lhe aguardará para esclarecer tudo.

Parei, e, para um alívio momentâneo, dei um sorriso. Segui em frente. Corri para tentar pegar o próximo voo para *Itália*, que sairia em cinquenta minutos. Para minha sorte, ainda havia lugares e comprei a passagem pelo *Tab P*.

Depois da correria embarquei e desejei que o avião chegasse logo.

— Como gostaria de fazer um *salto* agora — pensei, inconformado e nervoso.

Depois de quase três horas, cheguei. Já estava tarde e com fome, mas ignorei tudo e pedi um *transporte rápido* para me levar até a residência da maldita máfia. Como eu já esperava, o motorista não quis me levar. Ele falava pouco a minha língua, mas lhe disse, com ajuda de um tradutor no meu *Tab P*, que daria uma boa gorjeta. Pedi a conta dele, mas ele hesitou em dar, contudo, por fim, ele me deu e transferi um valor que correspondia a trezentas viagens de *transporte rápido*. Ele ficou surpreso e me levou aonde eu queria, sem questionar.

— Devia tê-lo ameaçado, dizendo fazer parte da máfia — pensei.

Enquanto seguia até a residência dos criminosos, fiquei pensando em como ia resgatá-la. Talvez se oferecesse todo dinheiro que tinha, eles a libertassem. Pensei em destruir todo o local onde estariam, mas poderia acabar ferindo Abigail.

Depois de uns minutos.

— Chegamos. É logo ali — disse o motorista, nervoso.

Saí do carro e ele foi embora desesperado. Peguei meu *Ikihatsunukishi* e ativei. Segui pronto para negociar, mas de repente senti uma picada no pescoço. Passei a mão no local da picada e minha visão ficou turva. Tentei me apoiar em alguma coisa, mas...

Abri meus olhos lentamente, mas não enxergava direito. Uma forte dor de cabeça me deixou enjoado. Alguém estava sentado à minha frente. Percebi que estava

amarrado. Tentei enxergar quem era e quando minha visão voltou.

— Sr. James? Como? O que fez comigo? Então realmente o senhor está envolvido com a máfia. Abigail? O que fez com sua filha? Seu maldito — disse, furioso.

Ele me ignorou e ficou observando eu tentando me soltar. Um dos seus seguranças se aproximou.

— ME SOLTEM! MALDITO! SEQUESTROU A PRÓPRIA FILHA!

O Sr. James acenou com a cabeça para o segurança. Ele veio até mim.

— Hã? Por quê? — perguntei, após ser solto.

— Acalme-se e vamos conversar.

— Abigail? Cadê Abigail?

— Ela está bem, em casa. A ligação foi uma armadilha para lhe atrair até aqui. Tínhamos que impedir que o levassem.

— Hã? O que está dizendo? Como posso acreditar?

— Entre em contato com ela. Dou a permissão.

O segurança me devolveu o *Tab P*. Imediatamente liguei para ela.

— Olá, Abigail. Onde você está? Está tudo bem?

— Está tudo bem. Estou em casa e você? Já está voltando de *Portugal*? Precisamos conversar.

— Que bom! Logo estarei de volta, deixe-me ir que tenho assuntos para resolver — disse olhando para o pai dela.

— Tudo bem! Te amo!

— Também.

— Bloqueamos seu acesso ao *Tab P* dela, mas você veio tão desesperado que nem ligou para ela antes — disse o Sr. James.

Realmente havia sido afoito.

— Isso foi ótimo. Nosso plano deu certo — disse o Sr. James, sorrindo.

— Não podemos perdê-lo, *Ikihatsunukishisen da pedra* — falou um senhor saindo das sombras.

Ele ficou ao lado do Sr. James e me analisou de cima a baixo.

— Sr. James, eu ia conversar com o senhor depois que voltasse de *Portugal*. Tenho algumas perguntas.

— Compreendo! Vou deixar que as faça, mas espero cooperação e sinceridade quando fizermos as nossas — disse o Sr. James, seriamente.

— Tudo bem. Primeiro, o que sabe sobre mim? Sobre os *Ikihatsunukishi* e os *Ikihatsunukishisen*?

— Sei o necessário para salvar este mundo. Temos a missão de encontrá-los, reuni-los e prepará-los para a grande ameaça que está por vir.

Lembrei-me dos *Specrenerkrihihz* que destruíram Noohtoro, planeta natal de Hmerllinhrhimh.

— Sr. George? Sabe...

— Sim! Sei o que ele é. Ele disse que precisava esperar por você, mas nunca foi explícito sobre esse ponto, contudo, de alguma forma, ele sabia que você seria o descendente ativo do *Ikihatsunukishi da pedra*. Minha família acompanha sua família há séculos — disse o Sr. James me interrompendo.

As coisas começaram a fazer sentido. Talvez ele, como pai, tenha colocado essa regra sobre não autorizar seus filhos a ficarem perto de mim por medo de eu me tornar perigoso um dia.

— Abigail. Lamento por ela ser teimo...

— Conversaremos a respeito disso depois. Mais alguma pergunta? — falou Sr. James me interrompendo novamente.

— Tenho conhecimento sobre a ameaça que está para chegar. O Sr. George falou que precisava encontrar os outros iguais a mim e até encontrei, mas...

— Já estávamos atrás da Joy há tempos. Conseguimos atraí-la até aqui e íamos interceptá-la, só não esperávamos que se encontrassem antes. Aproveitamos a situação e planejamos para que vocês encontrassem um homem. O Sr. Ivo.

— O que vocês têm a ver com ele? Ele é muito suspeito, nos obrigou a ir para o *Brasil* atrás de uma Ener...

— Exatamente, mas esse não era seu real objetivo. Depois de uma investigação, concluímos que ele queria encontrar outro *Ikihatsunukishisen*. Um que também estávamos à procura...

— Miguel.

— Isso. Descobrimos com vocês. Estávamos monitorando todos de longe. Íamos interceptá-los um pouco antes de chegarem à mansão dele, mas eles se adiantaram e os interceptaram no aeroporto. Ivo tem muita influência em *Portugal* e não queríamos um confronto. Por um momento, íamos deixá-los ir com eles e depois pensaríamos em como trazê-los para nosso lado, contudo ele teve a ideia de te atrair por meio de Abigail — disse o Sr. James olhando para o homem ao lado dele.

Encarei o homem. Ele ficou me encarando de volta e eu voltei a falar com Sr. James:

— Começando a entender quase tudo. Quando estivemos com o Sr. Ivo, ele falou sobre essas sociedades. Parece que vocês têm coisas em comum. Por que não querem a gente com eles?

— Eles são uma sociedade como nós, mas com planos obscuros. O único objetivo em comum é encontrá-los e reuni-los. Vamos lhe mostrar coisas que lhe

farão entender e confiar, mas antes precisaremos trazer Joy e Miguel para nosso lado. Você será fundamental para isso.

— Compreendo. Então essa história de Enerkry era só para atrair Joy até vocês. Como ela ficou sabendo disso?

— Ela conseguiu documentos, vazado de propósito com essas informações.

— Entendi. Estranhei uma coisa. O Sr. Ivo nos usou para encontrarmos o Miguel, mas por que ele aproveitou a situação da Enerkry? Ele disse que o senhor e ele eram amigos. Isso é verdade?

O Sr. James ficou pensando por uns segundos.

— Sim. Na verdade, éramos uma única sociedade, que se dividiu, devido a pensamentos divergentes de como teríamos que lidar com o futuro do planeta.

As coisas estavam se encaixando com mais precisão. Ele não era a pessoa má que pensávamos. Abigail precisaria dessa verdade.

— Agora as minhas dúvidas estão mais compreensíveis. Então vamos até Joy e Miguel. Com tudo mais claro, não será difícil convencê-los a vir para nosso lado.

— Vamos com cautela. Tem que ser tudo planejado. Sua hora de agir será informada em breve. Antes, vamos conversar a sós — disse o Sr. James com tom de voz firme.

— Então as coisas por aqui estão, em parte, resolvidas. Vou voltar. Tenho uma coisa importante para resolver. Não deixe de me manter informado, James — disse o senhor que estava ao lado do Sr. James.

— Tudo bem. Vamos, Lando. Vamos conversar.

Levantei da cadeira e acompanhei o Sr. James. Antes que o senhor que estava com ele fosse embora, o Sr. James o chamou:

— Donovan! Já ia me esquecendo de dar um recado. Ele quer a sobrinha do nosso lado, mas precisamos entregar...

O Sr. Donovan acenou com a cabeça confirmando, se virou e saiu, sumindo na escuridão do fundo do galpão em que estávamos.



CAPÍTULO 15

ORDEM ABSOLUTA

ABIGAIL

Segui para meu voo pensando no que havia acontecido. Que tipo de emergência era essa.

— Será que aconteceu algo sério com meu irmão? — pensei, preocupada.

Apesar de ele ser um chato, insuportável e intrometido, eu tinha meu apego discreto. Ele nem sempre foi um chato, insuportável. Depois que ele completou doze anos, que começou com as implicâncias. Até parecia que ele morria de ciúmes de mim.

Durante quase toda viagem, fiquei pensando nas diversas coisas que poderiam ter acontecido. Estava curiosa, mas no início, a importância com a mensagem era mínima e ia seguir com Lando e os outros, mas conforme me aproximava de casa, a preocupação que surgiu aumentava.

Um motorista me aguardava no aeroporto. Após horas de viagem, cheguei em casa de madrugada e fui direto até minha mãe.

— Mãe! Ainda acordada? O que houve? Está tudo bem?

— Minha filha — disse minha mãe me abraçando.

— O que aconteceu? Que emergência é essa? — perguntei, preocupada.

— É seu pai. Ele precisa falar com você.

— Onde ele está?

— Vá para seu quarto. Ele lhe aguarda.

— Tudo bem, mãe.

Fui para meu quarto, mas antes...

— Mãe, e o Max? Está tudo bem com ele?

— Sim. Ele está no seu primo. Por que perguntou? Sabe de algo que eu não sei?

— Não, não. Era só para saber mesmo.

Minha mãe me olhou desconfiada. Dei um sorriso e fui para meu quarto.

— Cadê ele? — disse procurando pelo pai.

O *Tab TV* ligou.

— Pai! Onde o senhor está? Por que uma *videochamada* a essa hora? Por que não entrou em contato pelo meu *Tab P*?

— Era necessário que estivesse em casa. Abigail, espero que cumpra o que direi sem questionamentos.

— Questionamentos? — disse, desconfiada.

— Você está proibida de sair até eu voltar para casa.

— Hã? Por quê? Por que está fazendo isso comigo?

— Sem questionamentos.

— Você não pode controlar minha vida deste jeito — disse com muita raiva e chorando.

— Espero compreensão. Até mais — disse meu pai, encerrando a chamada.

— EU TE ODEIOOOO — gritei, furiosa.

Não ia admitir que ele fizesse isso. Decidi fugir de casa. Arrumei umas poucas coisas e sai por trás. Quando estava entrando em contato com Lando...

— Não — pensei com mais raiva.

Minha conexão havia sido bloqueada. Sem meu *Tab P*, não tinha acesso ao dinheiro e logo me toquei que foi meu pai quem bloqueou tudo para que eu não pudesse sair de casa. Isso não me impediu e segui até a saída. O portão estava fechado e pedi à portaria que me liberasse. Eles me ignoraram.

— Não vão abrir para a filha do patrão de vocês? — questionei, nervosa.

Novamente fui ignorada. Minha vontade era de dar uma de louca e tentar ir ao acesso de controle do portão, para abri-lo, mas minha fraqueza me fez dar meia-volta. Caminhei chorando, até a área sul e assim que cheguei, sentei no balanço. Não parava de chorar e passei um tempo assim, pensando no que faria quando encontrasse meu pai.

— O que faz aqui tão tarde?

— Mãe! — disse abraçando-a e ainda chorando.

— Vamos, filha! Vai ficar tudo bem. Dê uma chance ao seu pai. Ele sabe o que está fazendo.

— Não, não, não. Não aguento mais essa vida de controle. Por favor, mãe. Me deixe viver. Por favor — disse aos prantos.

Ela me olhou nos olhos e permaneceu em silêncio. Ela pegou na minha mão.

— Vamos! Vai ficar tudo bem.

Queria sentir raiva dela, mas não conseguia. Deixei que ela me guiasse. Voltamos para a mansão e eu fui para o toalete. Depois de um bom banho relaxante na hidromassagem, fui para sala de cinema, onde minha mãe me esperava com pizzas.

Olhei para meu *Tab P* e ele ainda estava bloqueado. Deixei de lado e sentei ao lado da minha mãe. Passamos um ótimo fim de madrugada, até de manhã, de mãe e filha, vendo filme. Era um momento que não tinha com ela fazia tempo.

Acordei assustada com o toque de uma chamada do meu *Tab P*. Eram 3:10 da tarde e imediatamente atendi.

— Olá, Abigail. Onde você está? Está tudo bem? — perguntou Lando.

— Está tudo bem. Estou em casa e você? Já está voltando de *Portugal*? Precisamos conversar.

— Que bom! Logo estarei de volta, deixe-me ir que tenho assuntos para resolver.

— Tudo bem! Te amo!

— Também.

Meu *Tab P* havia sido desbloqueado, mas verificando minha conta bancária, ela estava bloqueada. Tinha tanto que conversar com meu pai. Por um momento fiquei com raiva de mim, por não tê-lo questionado sobre as coisas erradas que descobri sobre ele, no momento em que conversamos por *videochamada*. Agora não tinha alternativa a não ser esperá-lo.

Passei um resto de dia entediante e já quase na hora de jantar, recebi uma mensagem de Lando.

Estou de volta. Precisamos conversar. Me encontre no jardim ao sul. [7:32 PM]

Não perdi tempo e corri até ele. Assim que o vi o agarrei e abracei com força. Olhei nos olhos dele.

— Estava com saudades. Como foi em *Portugal*? Conseguiu o que queria? E a Joy e Miguel? Onde estão?

Ele não correspondeu ao meu abraço. Recuei.

— O que houve? Por que está me olhando assim?

Lando hesitou em responder.

— Me diga? O que houve? Por que está me tratando assim? FALAAA — disse, preocupada.

— Prometi que não ia fazer isso novamente, mas...

— Mas o quê? Fala!

— Dessa vez, não voltarei.

— Não estou entendendo. Voltar com o quê? — perguntei com lágrimas nos olhos.

— Não podemos ficar juntos. Seguirei minha vida sozinho e dessa vez, nem você e nem ninguém me fará voltar com a minha decisão.



CAPÍTULO 16

CORAÇÃO PARTIDO

LANDO JAMES

Lando entrou em uma sala reservada com o Sr. James. Ele preparou um drink e se sentou.

— Sente-se — pediu o Sr. James.

O garoto ficou encarando-o. O Sr. James degustou calmamente sua bebida enquanto também encarava Lando.

— Se o senhor não quer falar, eu vou. Preciso falar sobre mim e sua...

— Ela não poderá mais acompanhá-lo.

— Entendo sua preocupação, mas nos gostamos e imagino que ela não vá lhe obedecer. Estou aqui para lhe dizer que agora tenho condições de dar o melhor para ela.

— Como eu disse, ela não irá mais acompanhá-lo e não se garanta com o dinheiro que tem. Posso bloquear sua conta a qualquer hora.

Lando não gostou do comentário.

— O senhor pode ser rico e ter o poder que for, mas se mexer na minha conta...

— O dinheiro que tem, fui eu que deposei e posso retirar na hora que for necessário.

Lando ficou sem reação.

— Posso até não ficar com sua filha, mas como também disse, ela não irá obedecer.

— Sei disso, por isso que estamos conversando. Você vai convencê-la.

— Se eu disser que já tentei e não consegui — disse Lando, rindo.

— Olha aqui, garoto! Compreendo que tudo que está acontecendo na sua vida não foi por sua escolha, mas não admitirei que aconteça algo com Abigail devido às situações perigosas que com certeza terá que enfrentar e acho que você também não admitirá. Se realmente gosta dela, interrompa o relacionamento. Melhor tê-la viva e magoada do que amada e enterrada.

O comentário do Sr. James fez Lando ficar pensativo. Apesar de ter falado a ela que não ia mais fugir do relacionamento, o que poderia acontecer no futuro

realmente seria perigoso e Abigail poderia acabar morrendo, assim como foi em *Cihanloft*.

As diversas cenas de morte da menina Cateline, que era parecida com Abigail, não saíam da mente dele. Seu coração acelerou e ele se sentiu impotente. Lando havia derrotado muitos inimigos no passado, mas o que estava por vir poderia ser catastrófico.

As cenas da morte de Cateline se misturaram com as cenas de destruição do planeta Noohtoro.

— O que me diz? Vai arriscar a vida dela? — questionou o Sr. James.

Lando permaneceu em silêncio, pensativo. Uma coisa estava incoerente, sobre arriscar a vida de Abigail. O Sr. James se levantou desapontado e preparou outro drink.

— Se o senhor não quer que coisas ruins aconteçam com sua filha, então por que deixou que ela fosse com a gente até a máfia italiana?

O Sr. James permaneceu em silêncio por uns segundos, olhando para o drink.

— Sei o que o faço. Você não respondeu a minha pergunta — disse James, mudando o tom de voz.

Depois de uns segundos pensando, Lando respondeu.

— Tudo bem! — disse ele, triste.

O Sr. James sorriu e tomou de uma vez a bebida que preparou.

— Depois que tudo isso terminar e sairmos vitoriosos, tenho a permissão do senhor para casar com ela?

O Sr. *Rikarggan* preparou outro drink e se virou para Lando. Ele ergueu seu copo, sorriu e tomou novamente, de uma vez. Lando retribuiu o sorriso.

— O que faremos agora? — perguntou Lando.

— Você irá ao encontro de Abigail e fará o que falei. Tenho outros assuntos para resolver, antes de prosseguirmos com a missão de trazer para nosso lado seus amigos *Ikihatsumukishisen*.

Lando não queria magoar Abigail, mas ele não tinha alternativa. Ele finalmente se decidiu, independentemente de qualquer coisa, que não iria arriscar mais a vida da amada. Uma decisão que já havia tomado antes, mas que dessa vez, ia partir o coração dela de uma forma a qual esperava reverter depois que tivesse salvado o mundo.



CAPÍTULO 17

INDECISÃO

JAMES GEORGE

Há alguns dias (2023)

Após o jantar, James viu Abigail saindo. Ele sabia que ela iria encontrar com o filho de Emma. Ele percebeu Max, que estava observando a irmã, contudo ignorou e continuou a reunião com os sócios convidados indo para uma sala reservada.

O encontro de negócios se encerrou e todos foram embora.

— Está chegando o momento. Amanhã o levarei ao calabouço — disse George.

— Abigail e eles estão ficando muito próximos, como você avisou, mas não posso colocá-la em risco. Tentei impor uma ordem dos filhos dos empregados não se aproximarem dos meus filhos, mas foi uma atitude preconceituosa e eu devia imaginar que isso não os afastaria — disse James, pensativo.

George sabia que era inevitável o relacionamento de Lando e Abigail. Era como se o passado estivesse se repetindo, mas ele não estava sendo sincero com James.

— Seja sábio. Essa escolha é sua.

— Maldição, George! Você que é de outro planeta. Você que é o mais sábio.

Max apareceu de repente, viu o pai e correu até ele.

— Pai, pai! É Abigail! Ela desobedeceu a sua ordem! — disse Max.

— Que ordem? — questionou James, olhando para George.

— De não se aproximar dos filhos dos empregados. Um empregado a agarrou e a beijou.

James olhou novamente para George.

— Com licença, patrão. Preciso averiguar o fim do expediente. Como estávamos conversando, a decisão é do senhor — disse George, que foi embora logo em seguida.

— Sim! Essa foi minha ordem, mas não é para você ficar tomando conta da vida da sua irmã. Deixe isso comigo ou sua mãe. Agora vá! Já está tarde.

Max deu um sorriso malicioso e foi para seu quarto. James ficou pensando, em seu escritório, o que iria fazer para manter a filha dele distante do garoto que poderia tirar o *Ikihatsunukishi* da pedra.

Na manhã de *domingo*, bem cedo, James mandou chamar Emma.

— Em que posso ser útil? — perguntou Emma.

— Tudo bem, sem formalidades. Precisamos conversar sobre seu filho.

— Entendo. A hora deve estar chegando — disse Emma com olhar preocupado.

— Sim, mas não é só isso.

— O que mais?

— Ele e minha filha. Eles estão tendo um relacionamento escondido. Ontem eles se encontraram à noite, depois do jantar. O ruim é que Max ficou em cima da irmã e os viu se beijando.

— Mas já foi dada a ordem para eles não terem contato.

— Sim, uma ordem preconceituosa da minha parte, contudo eles não obedeceram.

— Compreendo. Conversarei com ele novamente.

— Acho que conversa não resolverá. Minha filha é teimosa e não deixará seu garoto em paz.

Emma ficou pensativa.

— Posso ir embora com eles. Diga que nos demitiu devido à atitude de Lando. Aproveitaremos essa situação.

— Não é uma boa ideia. Preciso dele próximo. Hoje ele terá o encontro com o *Ikihatsunukishi*.

— Compreendo. Ele conseguindo, ficaremos por perto. Ele com o *Ikihatsunukishi* em mãos, uma hora será inevitável conversarmos sobre. Nessa hora explicarei o quanto pode ser perigoso o que ele irá enfrentar e talvez entenda o quanto pode ser perigoso ter alguém que ama por perto, até que cumpra sua missão.

James ficou pensativo por uns instantes.

— Se necessário, darei assistência à distância. Obrigado, Emma — disse James sem olhar para ela.

Ela saiu e foi ao encontro do marido. A notícia que eles foram demitidos se espalhou rapidamente entre os empregados. James foi abordado pela filha na entrada da mansão.

— O que você fez, pai? Por que teve essa atitude?

James olhou para ela, seriamente.

— Você me desobedeceu.

Ele percebeu que a filha pensou no garoto.

— Hã? Não aconteceu nada de mais. Você não pode dispensar uma família inteira por causa disso.

James a ignorou por um momento.

— Você é cruel! Vou embora dessa mansão. Não ligo para herança. Pode dar tudo para o Max...

— Acompanhe-me — ordenou James.

Eles foram para uma sala reservada.

— O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO? QUER ACABAR COM SEU FUTURO PROMISSOR? — gritou James, nervoso.

— ESTOU CANSADA DE FICAR RECEBENDO ORDENS SOBRE O QUE DEVO ESCOLHER PARA MINHA VIDA.

— JÁ LHE DISSE VÁRIAS VEZES QUE QUERO O MELHOR PARA VOCÊ!

— O QUE É MELHOR PARA O SENHOR NÃO É PARA MIM!

— NÃO QUERO SABER! JÁ ESTÁ DECIDIDO!

— NÃO FAÇA ISSO! JÁ EXPLIQUEI PARA O SENHOR QUE NÃO FOI NADA DE MAIS!

— NÃO FOI O QUE O SEU IRMÃO ME DISSE.

— JÁ FALEI, PARE DE DAR OUVIDOS PARA MEU IRMÃO! ELE FICA INVENTANDO ESSAS COISAS POR CIÚMES. EU NÃO TENHO INTERESSE NO LANDO, AINDA MAIS PORQUE NEM GOSTO MUITO DE ME APROXIMAR DELE. SÓ CHEGUEI PERTO DELE PARA VER SE ELE PODIA CONSERTAR MEU SECADOR DE CABELO. ELE É CONHECIDO COMO *FAZ-TUDO*. SÓ QUERIA APROVEITAR A SITUAÇÃO.

— JÁ CANSEI DE FALAR PARA VOCÊS QUE ELE NÃO É PAGO PARA ISSO!

— Entendi, pai. Só não tome atitudes precipitadas. Acredite em mim.

— Vou conversar com sua mãe e vamos ver o que faremos.

— Não faça isso, pai. Por favor.

— Pode ficar tranquila. Não farei.

— Obrigada, pai — disse Abigail, abraçando-o.

Ele ficou indeciso no que fazer. James foi para seu escritório beber e ficou pensando nos planos da missão. Ele recebeu uma mensagem do Donovan e respondeu. No mesmo momento sua esposa entrou no escritório. Ela sentou ao seu lado e o abraçou.

— Você deveria relaxar um pouco — disse Ashley beijando sua testa.

— O futuro do planeta não pode esperar que eu relaxe.

— Compreendo, meu amor. Eu te amo e quero o melhor para você. Se você não estiver bem, como poderá ajudar a salvar o mundo? — questionou Ashley, sorrindo.

Ele olhou para ela e a beijou. Por um instante ele se lembrou de um momento do seu passado que fez seu coração partir. Há muito tempo que ele não tinha um momento especial com a esposa.

— Me perdoe — disse James, com os olhos cheios de lágrimas.

— Já perdoei faz tempo — sussurrou Ashley.

— Hã? Não enten...

— Eu te amo! Vim te procurar para saber sobre Emma, Ethan e Lando — disse Ashley interrompendo o marido.

— Eles ficarão. Conversarei com Emma novamente.

Ashley sorriu, o beijou na testa mais uma vez, se levantou e saiu. James pegou seu *Tab P* e entrou em contato com Donovan.

George viu Lando falando com Max. Ele percebeu alteração na conversa dos dois e se aproximou sem eles notarem. George segurou Lando.

— Acalme-se, garoto. Não piore ainda mais as coisas.

— SOLTE-ME! — gritou Lando, furioso.

— Vá embora, Max — disse George.

— Você vai se arrepender disso, Lando! — disse o caçula de James, parecendo apavorado.

Max foi embora e o Sr. George soltou o garoto.

— Acalme-se. Ele não vale o seu esforço.

— Não aguento mais isso. Vou acabar com ele. Já perdi tudo mesmo.

— Não se precipite. Nem tudo está acabado.

— Já acabou, sim. Meus pais perderam o emprego por minha culpa.

— Acalme-se e sente-se. Vamos conversar.

— O que o senhor quer conversar? Não estou muito a fim de falar.

— Eu sei. Não precisa falar nada. Apenas me escute. Se quiser falar algo, pode me interromper a hora que quiser.

Lando olhou para o Sr. George desconfiado, mas se sentou ao lado dele e resolveu escutar o que ele tinha para dizer.

— O *domingo* está maravilhoso, não é? — perguntou George.

Lando permaneceu em silêncio

— Pegue. Deve estar com fome.

Ele ofereceu umas bolachas para o garoto que parecia estar com fome.

— Já faz tanto tempo que estou aqui e nem percebi que passou rápido. Também me sinto cansado dessa rotina. Queria fazer umas coisas que são impossíveis de realizar se eu continuar aqui, mas gosto daqui e tenho responsabilidades que você nem imagina. Esses conflitos internos que me destroçam por dentro todos os dias. Queria poder dominar o tempo e viver os dias de diversas maneiras. Cada uma de nossas escolhas gera infinitas possibilidades. Uma coisa é certa: nosso futuro já está escrito de todas as formas possíveis, mas só podemos escolher uma delas.

Cada tomada de decisão gera uma única linha do tempo de nossas vidas. Se você pudesse voltar no tempo e viver outras possibilidades, você voltaria?

— Acho que esse é o sonho de todos. Sempre tem escolhas das quais nos arrependemos e que desejamos poder voltar para mudar — respondeu Lando, parecendo estar empolgado com a conversa.

— Todas as escolhas têm suas consequências, que podem ser boas ou ruins.

— Mas se eu tivesse esse poder, voltaria toda vez para mudar o que deu errado.

— Interessante! Quem sabe você não tem esse poder? Ou...

— Hã?! Do que o senhor está falando? Como assim?

— Procure-me mais tarde no meu *dormitório*. Você sabe onde fica!

— Que horas?

— Depois do almoço.

George foi embora e voltou para seu *dormitório*. Ele foi até o calabouço e se aproximou do *Ikihatsumukishi* que estava fincado numa pedra. Ele se lembrou de *Arthur*, de Landerran e de tudo que aconteceu há muito tempo. Finalmente o momento que ele havia visto pelo *entrelaçamento temporal* havia chegado. Esperando que tudo ocorresse como previsto, seus planos eram duvidosos. Ele queria poder ver tudo que estava para acontecer, assim como viu Lando há muito tempo.

George almoçou e esperou pacientemente pelo garoto. Lando estava atrasado e com receio, que estivesse acontecido algo, ele se levantou para ir até ele, mas antes, a campainha tocou.

— Está atrasado! — disse George, seriamente.

— É. Todo mundo me diz isso. Desculpe-me.

— Entre.

O garoto entrou e ficou olhando para todos os lados.

— Sente-se. Fique à vontade. Vou trazer um café.

George voltou com uma *xícara de café* bem quente.

— Você deve ter ficado pensando que eu estava *gagá*.

Lando quase se queimou com o café.

— Não, senhor. Só não entendi o que o senhor quis dizer com aquilo...

— Imaginei. Vou lhe explicar, então. Melhor, vou lhe mostrar! Acompanhe-me.

O garoto deixou a xícara de café na mesa e o acompanhou até o calabouço.

— Vamos! — disse George.

Eles desceram.

— Que lugar estranho é esse? — imaginou Lando, preocupado.

— Ali está — disse o Sr. George, apontando para algo estranho.

— O que é aquilo?

— Aproxime-se.

Lando se aproximou do *Ikihatsunukishi*.

— Isso é aquela *lendária espada*? *EXCALI...* — perguntou Lando, imediatamente.

— Exatamente — respondeu George interrompendo o garoto.

— Isso é uma pegadinha?

— Claro que não. A *Excalibur* existiu mesmo. Ela está à sua frente.

— E cadê, então, o *Rei Arthur*? — perguntou Lando, sarcasticamente.

— As histórias que você ouviu a respeito são fantasias distorcidas da verdadeira história. Vá lá e pegue. Veja você mesmo. Se você tiver o poder...

— Vou tirar a *espada* da pedra e vou virar *Rei*! — disse Lando rindo e interrompendo o Sr. George.

Ele se aproximou do *Ikihatsunukishi* e tentou tirá-lo e de início não conseguiu. George olhou, desapontado, mas de repente o *Ikihatsunukishi* brilhou e o garoto ficou com os olhos brancos, brilhando.

George *entrelaçou* sua mente temporalmente com Lando e ficou observando tudo o que estava acontecendo com ele. Na última conexão neural de Lando com Merllinhin do passado alternativo, George, que via tudo no segundo plano, se conectou ao garoto.

— Merllinhin!

— Lando!

— O que está havendo?! — perguntou Landerran, confuso.

— Sou o Merllinhin do seu tempo de origem! Vi tudo o que aconteceu com você até o momento! Esse momento seria o final perfeito para você, mas não para o Universo. Na sua linha de tempo de origem, a história não aconteceu de nenhuma dessas formas que você explorou e nada que fez fará mudar sua realidade. Meus experimentos com o tempo me fizeram ver o futuro e você. Vou te esperar e te guiar! Você deve voltar. Toda experiência e conhecimento que adquiriu serão de suma importância. O futuro dependerá disso!

Eles começaram a desaparecer e...

— Hã?! O que houve?! — perguntou Lando, confuso.

— Tudo bem! Você voltou.

— Hã?! Sr. George!

Lando estava com o *Ikihatsunukishi* desativado na mão.

— O que houve, Sr. George?!

— Você retirou o *Ikihatsunukishi* e ele voltou à sua forma de *cristal*.

O garoto começou a chorar, parecendo aliviado.

— Como o senhor sabia o que ia acontecer?!

— Venha! Levante-se! — disse George, estendendo a mão para ajudá-lo.

Lando pegou na mão de George para se levantar e uma *conexão neural* aconteceu.

— Merllinhin!

— Disse que ia te esperar! — disse o Sr. George, se transformando em Merllinhin.

— Então era o senhor esse tempo todo. O senhor era a chave para me fazer voltar! Achava que era Cateline quem me prendia no *loop*. Achei isso porque toda vez que ela morria eu voltava no tempo, no *loop* alterado, mas acabei de perceber que voltava devido à morte de Merllinhin. Voltava toda vez que ele, o senhor, morria.

Merllinhin acenou com a cabeça, confirmando.

— Então o senhor descobriu. Realmente existem outros aqui nesse planeta.

— Sim! Encontre-os! Juntem-se! Só vocês podem enfrentar a ameaça que está por vir!

— Mas o senhor sabe se temos chance de vencer?

Merllinhin abaixou a cabeça.

— Se preocupe em encontrar os outros. Preciso ir! Têm coisas que preciso verificar fora daqui. Só estava esperando esse momento para poder partir. Agora é com você!

— Vai voltar para sua *nave*? Para onde vai? Na *conexão* não consegui ver o que irá fazer.

Merllinhin não respondeu e desapareceu como se tivesse dado um *salto entrelaçado*.



CAPÍTULO 18

ESPERANÇA DO PASSADO

JOY

— Como deixei que as coisas fugissem do meu controle? — me questionava a todo o momento, enquanto aguardava alguém aparecer novamente.

Pensei em argumentos que pudessem me tirar desse problema, mas estava complicada a situação. Abigail poderia ser a única esperança.

— Tenho que tentar entrar em contato com ela — pensei, agitada.

De repente, alguém entrou na sala.

— Tenho direito a uma liga... Hã? Sr. Ivo? O que faz...

— Vamos, minha jovem. Vamos embora — disse o ele, sorrindo e acompanhado do mesmo inspetor que me interrogou.

Fiquei confusa, mas não pensei muito e o acompanhei. Evitei questionamentos, pois o que mais queria era me ver livre desse problema. O Sr. Ivo falou algo, bem baixo com inspetor e acenou para que eu o acompanhasse. Devolveram minhas coisas e imediatamente conferi, para ver se o *Ikihatsumukishi* estava junto. Olhei para o pequeno diamante que parecia um *chaveiro* e sorri.

— Já amanheceu — pensei, confusa com o fuso horário.

— Por aqui! — disse o Sr. Ivo, pedindo para eu entrar em um carro preto.

Entrei sem perguntar nada, mas não me segurei muito tempo.

— E os meninos? Eles estavam comigo.

— Pode ficar despreocupada. Eles vão ficar bem e logo vocês se encontrarão — disse o Sr. Ivo sorrindo.

O velho me parecia muito suspeito, mas resolvi dar uma chance a ele, já que me livrou do enorme problemão.

— Imagino que esteja com fome. Já mandei preparar o café da manhã. Logo chegaremos em casa.

Realmente estava com muita fome e não tinha certeza se aguentaria esperar mais um segundo. Tentei disfarçar meu desespero por comida e pensei em questioná-lo sobre a joia falsa no museu.

— Então encontraram — falou ele quando eu ia perguntar.

— Hã? Sim, mas era falsa — disse desconfiada dele.

— Não estou falando sobre isso.

— Hã? Como assim? Do que está falando então? Sabia que a joia era falsa? O que está escondendo? Me diga!

— Vocês o trouxeram como eu disse. O tempo todo estava falando de outra joia. Outro *Ikihatsunukishi* e vocês o encontraram. Não tinha certeza se ele estava no *Brasil*, por isso usei vocês. A Enerkry nunca existiu. Deixei que esse boato se espalhasse para estudar aqueles que têm diferente propósito da nossa sociedade. Nosso real objetivo é uni-los. Precisamos de todos vocês.

— Mas que velho #@*%*@ — pensei, revoltada.

Uma coisa não fazia sentido.

— Se a Enerkry nunca existiu, como ela estava nos registros do meu pai? — me perguntei em pensamento.

Me lembrei que ele falou que sabia que fui bem treinada, mas o que estava me segurando até agora para perguntar era sobre...

— O que sabe sobre minha família? Me diga e não minta! — disse pronta para pegar o *Ikihatsunukishi* e ativar no carro.

— Vou lhe contar tudo, como disse, mas antes tomaremos café. Logo chegaremos.

— Chegando aonde? Para onde está me levando? — disse.

— Como disse, estamos indo para casa.

O *Tab P* dele tocou e imediatamente ele atendeu a uma chamada de voz.

— Devem ser eles, deixe-o ir — disse o Sr. Ivo ao *Tab P*. — Sim! Deixe-o ir. Enviarei instruções.

Depois de alguns segundos, ele encerrou a chamada. O Sr. Ivo começou a fazer algo em seu *Tab P* e quando tentei ver o que era a tela desligou. Ele olhou para mim. Virei para o lado e tentei disfarçar.

O carro parou e o Sr. Ivo desceu. Havíamos chegado à sua mansão e eu o acompanhei. Estava ficando sem paciência com os mistérios que ele fazia, evitando responder meus questionamentos. Assim que entramos peguei o *Ikihatsunukishi*...

— Sente-se. Fique à vontade — disse o Sr. Ivo se sentando à mesa farta de comida.

Tinha diversos tipos de pães, sucos, frutas, café, frios e muito mais. Minha fome era tanta que por um momento esqueci o que ia fazer. Sentei e devorei o primeiro pão doce que peguei. Comi desesperada, e quando desacelerei, percebi que o Sr. Ivo me olhava e sorria.

— Desculpa! — disse, envergonhada.

Ele olhou para seus empregados, que estavam perto da mesa, e acenou com a cabeça. Eles se retiraram educadamente.

— Sua mãe está viva!

Cof, cof.

Quase engasguei com bolo.

— O que está dizendo? Como ousa brincar com meus sentimentos?

— Minha jovem! Por que eu mentiria para você, que a todo momento parece prestes a ativar o *Ikihatsunukishi* e me ameaçar?

Fiquei surpresa, mesmo assim a raiva aumentou.

— Não vou permitir que brinque com meus sentimentos. Vou...

— Vou dizer onde encontrá-la. Pedirei que a levem até ela. Ela não mora muito longe daqui.

Fiquei sem reação e meu coração disparou. Um sentimento de esperança acendeu e tudo que dominou a minha mente no momento foram as lembranças felizes ao lado dela. Comecei a chorar, peguei o *Ikihatsunukishi* e ativei.

— Se estiver mentindo para mim, vai se arrepender — disse, apontando o *Ikihatsunukishi* para ele.

— Se já terminou de comer, vou pedir a um dos meus motoristas que te leve até ela.

Meu coração acelerou ainda mais. Parecia que ia ter uma parada cardíaca. Respirei fundo e disse olhando seriamente nos olhos dele.

— Sim! Me leve até ela — disse, tentando parecer calma e desativando o *Ikihatsunukishi*.

O Sr. Ivo confirmou com a cabeça e pediu para eu acompanhá-lo. Ele me levou até o carro, onde o motorista já esperava.

— Como o senhor descobriu sobre ela? O que sabe sobre minha vida? — questionei.

— Quando você voltar nós conversaremos.

Entrei no carro, encarando-o. Partimos e fiquei atenta a todo o momento para saber onde seria o local que estaria minha mãe esse tempo todo.

— Se ela realmente está viva, por que se escondeu esse tempo todo? — me perguntava, repetidamente.

Peguei meu *Tab P* para acessar alguns arquivos.

— Estranho! O que aconteceu? — disse baixo.

Percebi que o motorista estava me olhando pelo retrovisor. Assim que olhei de volta, ele disfarçou e continuou dirigindo.

Meu *Tab P* estava descarregado. Era estranho, pois ainda tinha bateria para mais uma semana.

— Quando parar, eu carrego — disse em pensamento.

Parecia que o motorista estava dando voltas.

— Para onde está me levando? Até parece que não quer chegar ao destino — questionei.

O motorista pareceu ficar nervoso e acelerou o carro, levemente. Não demorou muito e ele parou.

— É naquela casa — disse o motorista, apontando.

Estava nervosa e sai do carro sem agradecer. Fiquei imóvel, tentando criar coragem. Depois de uns segundos hesitando segui, mas cada passo que dava era como se arrastasse uma pedra presa a mim. Algo me fazia querer voltar, mas resisti. Na porta, olhei para campainha e tentei tocá-la. Não conseguia me mexer de tão nervosa que estava. Quando finalmente levei o dedo à campainha, antes que pudesse tocar, a porta se abriu.

Imediatamente chorei, quando olhei nos olhos dela. Minha mãe parecia a mesma desde a última vez que a vi. Estava tão nervosa e com o coração acelerado, que não expressei reação, além do choro. Ela sorriu e me abraçou parecendo emocionada. Correspondi ao abraço que tanto sonhei em ter, depois que ela se foi.

Parecia que todos meus desejos haviam sido atendidos. Mais nada me importava e a única coisa que tinha na mente era que jamais a perderia novamente.

— M-mãe! Você está vi-viva!

Ela olhou nos meus olhos.

— Você está linda. Como cresceu! — disse ela, segurando meu rosto.

— Como é possível? Nem parece que envelheceu — disse tocando no seu rosto.

Ela pegou na minha mão e ficou acariciando.

— Esqueceu que seu pai era um cientista e engenheiro químico? Ele há muito tempo criou uns rejuvenescedores — disse minha mãe, sorrindo. — Entre! Preparei algo para você comer.

Entramos e tinha uma pequena mesa com um café da manhã modesto preparado. Estava cheia, mas não neguei a refeição que ela devia ter preparado com todo carinho.

— Estava à minha espera? Como sabia que viria? — perguntei, suspeitando do envolvimento do Sr. Ivo com ela.

— Sim. O Sr. Ivo me falou. Depois que ele disse que a encontrou, fiquei desesperada em te ver, mas ele disse para aguardar. Ele disse que você teria que cumprir uma missão de ir encontrar alguém importante antes.

Logo associei com Miguel. Então ele realmente nos usou para encontrá-lo e trazê-lo até aqui. Lembrei-me dos garotos e tinha que entrar em contato com eles, para saber como estavam. Peguei meu *Tab P* e coloquei para carregar.

— Como a senhora o conheceu? Tudo até parece coincidência — questionei.

— Ele me ajudou. Ele me encontrou sem memória. O Sr. Ivo me acolheu e cuidou de mim. Ele me ajudou a recuperar minhas memórias e quando lembrei que tinha uma filha, ele imediatamente investigou à sua procura. Eu, como ex-agente do *Serviço de Inteligência*, ia te procurar pessoalmente, mas fui orientada por ele a

não me expor, por estar tanto tempo desaparecida. Mantive-me escondida, enquanto ele a procurava e finalmente, você está aqui.

Me emocionei novamente e a abracei.

— Não vou perdê-la novamente — disse, chorando.

— Não vai mais! Espero que me perdoe por não estar presente esse tempo todo. Queria ter acompanhado seu crescimento.

— Tudo bem, mãe. Eu te amo! — disse olhando para ela.

Minha mãe sorriu. Ela não chorava e isso me fez lembrar que só a vi chorando poucas vezes.

— Joy, estou muito feliz e agradecida por estar aqui, mas precisamos conversar.

— Sim, tenho tanto que perguntar. Como a senhora perdeu a memória? Conseguiu se lembrar de como isso aconteceu?

— Sim, lembrei. O Sr. Ivo me ajudou a investigar o que aconteceu há muito tempo e descobrimos que alguém queria me matar e quase conseguiu.

Fiquei nervosa. Queria saber quem havia feito isso com ela, pois sofreria até a morte. Só feri uma pessoa seriamente na vida, mas se tratando da pessoa que tentou matar minha mãe, a morte seria pouco como punição.

— Diga-me tudo! — disse afoita e curiosa.

— Sim, vou começar com um caso de investigação que não me foi designado pelo *Serviço de Inteligência*. Um caso de investigação sobre um casal de amigos meus e do seu pai que morreram de uma forma muito suspeita. Soterrados em uma exploração arqueológica no *Egito*.



CAPÍTULO 19

PROPOSTA

KAIRELL LEANNA

Há 19 anos (2004)

— Perdoe-me, mas hoje não poderei me encontrar com você, preciso terminar os relatórios pendentes. Vou virar a noite e amanhã nos encontramos — disse Kairell ao telefone.

— Tudo bem, querido. Acho que foi um alarme falso. Minha prima está comigo. O médico quer que aconteça o parto normal. Em breve a teremos em nossos braços — disse Leanna, emocionada.

Ela estava na maternidade grávida de nove meses e sua prima a assistia. Kairell virou a noite fechando os relatórios de suas pesquisas sobre uns cristais raros.

— Sua filha está prestes a nascer, acho que deveria ir. Pode deixar que termino sua parte — disse Alexander, amigo e, também, cientista pesquisador.

— Vou terminar o que puder e de manhã cedo eu partirei. Obrigado, meu amigo — disse Kairell, cansado.

— Estamos longe de descobrir os segredos do *Ikihatsunukishi*, mas olha essas análises. Esse cristal parece concentrar uma energia incalculável. Aparentemente, parece inofensivo, mas de alguma forma armazena energia que pode alimentar vários planetas Terra — disse Alexander, surpreso.

— O que manipulava esse cristal... Precisamos encontrar um para prosseguirmos com os estudos — disse Kairell, pensativo.

Alexander olhou para o amigo, sem ter uma resposta conclusiva.

— Esse pequeno cristal que chamam de Enerkry, tem uma assinatura de energia similar — disse Alexander comparando uns dados.

De repente duas pessoas entraram no laboratório.

— Precisaremos levar o *Ikihatsunukishi* e a Enerkry — disse Donovan.

— Mas ainda não...

— Tudo bem, Kairell. Sei que fizeram o melhor, mas por hora a missão mudou — disse James com olhar sério.

— Alexander, sei que está tarde, mas preciso que me acompanhe — ordenou Donovan.

Alexander não questionou e confirmou com a cabeça que o acompanharia.

— Tenho outra missão para você — disse James para Kairell.

— Qual o nível de conclusão dessa missão? Precisaria partir de manhã cedo, pois minha filha está prestes a nascer.

— Compreendo, pode ir ao encontro de sua esposa — disse James.

— Obrigado, meu amigo — disse Kairell olhando nos olhos de James.

— Vamos, Alexander! — disse Donovan saindo.

Alexander se despediu do amigo e acompanhou Donovan. James tocou no ombro de Kairell parabenizando pela filha dele que estava prestes a nascer.

— Até mais, então. Depois conversaremos sobre sua nova missão.

— Diga-me agora, James! Vamos conversar agora, só vou partir pela manhã — pediu Kairell.

— Tudo bem! A missão não é bem uma missão do nosso grupo. Descobri algo que ainda não levei para eles e gostaria que você investigasse antes.

— Compreendo, mas não sou agente igual à minha esposa — disse Kairell, sarcasticamente.

— Realmente, mas essa investigação envolve a linhagem de sua família. Somos amigos, mas devo admitir que venho investigando seu passado. Não porque te acho suspeito, mas porque descobri que um *Ikihatsunukishisen* que viveu há muito tempo, tem ligação com sua linhagem familiar. Não consegui muitas respostas, mas acredito que você possa descobrir algo.

Kairell ficou surpreso e pensativo.

— James, devo admitir que não fui totalmente sincero. Eu já sabia que a linhagem de minha família poderia ter uma ligação com os *Ikihatsunukishisen*, mas deixei isso de lado, com medo que comprometesse a segurança de Leanna e da minha filha que está para nascer. Acho que não deveria ter vindo para cá. Devia ter levado minha vida como um simples pesquisador.

— Compreendo, mas tudo é necessário, porque se não, nem as nossas famílias terão um futuro neste planeta comprometido.

Eles permaneceram em silêncio por uns segundos.

— Preciso ir, Kairell! E, mais uma vez, parabéns pela sua filha.

— Tudo bem! — disse Kairell com olhar perdido. — Vou ver se descubro algo. Tenho uns arquivos guardados. Verei se volto a investigar.

James tocou no ombro do amigo e agradeceu. Ele se despediu e foi embora. Kairell permaneceu no laboratório analisando, por horas, os relatórios que não foram finalizados. Já estava quase amanhecendo e o sono dominou sua consciência e por ali mesmo ele dormiu.

Pela manhã, na maternidade, Leanna acabara de ter o bebê. Era uma linda menina que nasceu saudável. A manhã passou e a tarde já estava indo embora.

— Já está anoitecendo. Será que aconteceu algo? Não consigo entrar em contato com ele — disse Leanna, com a bebê no colo e chorando.

— Vai ficar tudo bem! Tente alimentar a Joy. Ela tem que conseguir pegar o peito — disse sua prima.

Depois de um dia de tentativas, a pequena Joy conseguiu pegar e passou quase toda a madrugada mamando. No dia seguinte, Leanna acordou assustada.

— Cadê minha filha? CADÊ? — gritou ela, desesperada.

Sua prima pulou da cadeira, onde dormia.

— O que foi, Leanna?

— CADÊ MINHA FILHAAA?

— Acalme-se. Ela está ali e pare de gritar se não vai acordá-la.

Leanna olhou para a pequena Joy que dormia no berço ao lado do seu leito. Seu coração se acalmou e ela voltou a deitar olhando admirada para a filha. De repente, alguém entrou no quarto.

— Kairell! O que houve? Não estava conseguindo entrar em contato com você — disse Leanna com raiva e feliz ao mesmo tempo.

Ele foi direto para a filha e ficou admirando-a por uns segundos. Logo depois se aproximou da esposa e a beijou na testa.

— Me perdoe por não estar aqui quando ela nasceu. Prometo ficar pelo menos um mês com vocês.

Era satisfatório para Leanna ouvir isso dele, já que ele andava, desde que ela engravidou, ausente.

Depois de mais um dia eles foram para casa. Tentaram passar um momento de família feliz com Kairell tentando ser um pai presente. Quase um mês se passou e ele desceu, com Joy no colo, até seu laboratório subterrâneo. Kairell foi até um cofre muito bem escondido e com vários níveis de segurança e o abriu. Ele pegou numa caixa de papelão algo que lembrava um *chaveiro* de diamante. Era um *Ikihatsunukishi*. O *Ikihatsunukishi do diamante* e quando aproximou de Joy, a joia reagiu à filha dele, fazendo seu coração acelerar com temor dos perigos que sua filha poderia passar, caso descobrissem sobre isso.

Há 12 anos (2011)

— Você está muito ausente. Também preciso trabalhar, mas meu trabalho jamais estará acima da Joy e você devia fazer o mesmo, pelo menos de vez em quando.

Vai fazer um mês que você não a vê. Ela pergunta por você toda a noite — disse Leanna ao telefone.

— Me perdoe. Preciso que compreenda. Logo irei para casa. Um momento. Depois retorno à ligação. Até mais. Amo vocês — disse Kairell, esperando ouvir o mesmo.

Leanna não disse nada e encerrou a ligação furiosa. Ele atendeu outra ligação.

— Olá. Precisamos nos encontrar imediatamente — disse James.

Ele explicou o necessário para Kairell e pediu a análise de certo tipo de cristal raro. James iria ao encontro dele que estava em um laboratório no *Egito*.

Kairell estava curioso sobre o cristal que poderia se tratar de uma Enerkry. Ele estava atrás de um fazia tempo, pois em suas pesquisas alguns dados indicavam que os *Ikihatsunukishi* eram formados de Enerkry. A única vez que ele teve contato com um pequeno pedaço de Enerkry foi há sete anos, mas foi levado pelo Donovan na noite em que seu amigo Alexander o acompanhou.

Assim que James chegou, entregou a Kairell o cristal e ele imediatamente começou a analisar. Depois de pouco tempo de testes.

— Lamento, James! É falsa.

James fez um olhar de desapontado.

— Tudo bem! Vou voltar!

Kairell devolveu o cristal falso para James. Ele foi embora desapontado e Kairell passou horas pensativo. Ele decidiu voltar para casa e ver a família.

— Papai — disse Joy abraçando Kairell.

Ele acabara de chegar de viagem. Leanna ficou os observando de longe. Kairell percebeu que a esposa os olhava e foi até ela.

— Me perdoe. Dessa vez ficarei mais tempo.

— Você sempre diz a mesma coisa. Até parece que o que faz é algo que vai salvar o mundo!

Kairell riu do comentário dela.

— O jantar está quase pronto — disse Leanna, indo para cozinha.

— O cheiro está bom. Parece até meu prato favori... Sim, é meu prato favorito — disse ele, assim que entrou na cozinha.

Ele agarrou a esposa por trás e a beijou no pescoço.

— Temos que conversar sobre nossa relação. Você não tem cumprido seu papel de pai e muito menos de marido. Eu que trabalho no *Serviço de Inteligência* tenho tido mais tempo livre que você. Acho que tem que rever o que é mais importante para você — disse Leanna triste.

— Sim, querida. Eu sei, mas...

— Papai, olha o desenho que fiz.

Kairell pegou o desenho que Joy havia feito deles.

— Nossa filha, muito bonito!

— Tem mais, vem ver! — disse Joy, empolgada.

Ele a pegou no colo e foi até onde ela pediu. Kairell deu uns minutos de atenção a ela e depois foi tomar banho para jantar.

Passou-se um mês e ele decidiu que deixaria seu trabalho na sociedade. Seu casamento estava fragilizado e Kairell não queria que isso fosse um trauma para sua filha. Ele notificou James, que não aprovou de início, mas que por fim o liberou. Kairell passou a dar aula em uma faculdade perto de casa, na *Inglaterra*.

Há 11 anos (2012)

Com sua vida seguindo bem, Kairell recebeu uma ligação inesperada.

— Olá, meu amigo, tudo bem? Lamento, mas não estou disposto a vol...

— Olá, Kairell. Fique tranquilo, não vou lhe convencer a nada. Só liguei para lhe dar uma notícia.

— O que houve?

— É sobre o Dylan. Sei que eram muitos amigos e que fizeram faculdade juntos.

— Sim. O que aconteceu com ele?

— Ele e sua esposa. Eles morreram soterrados em um sítio de exploração arqueológica no *Egito*.

— Como? Não acredito.

— Lamento, meu amigo.

— A última vez que falei com ele foi um pouco antes de voltar para casa. Dylan havia comentado que iria para o *Egito* a trabalho, mas não havíamos entrado em detalhes.

— Compreendo. Meus pêsames. Preciso ir. Até mais.

— Espera! O que ocasionou o desmoronamento? — questionou Kairell, triste.

— Não sei! Não obtive muitos detalhes. Até mais.

James encerrou a ligação. Kairell permaneceu no mesmo lugar pensativo e muito triste pela perda de um grande amigo de faculdade.

— O que houve? Por que essa cara? Até parece que um parente faleceu — disse Leanna.

— Sim, foram o Dylan e a Nevaeh.

— Hã? Não acredito! — disse Leanna, nervosa.

Eles se conheciam fazia tempo. Leanna questionou o ocorrido, mas sem respostas, eles passaram os dias seguintes em angústia pela perda.

Leanna aproveitou ser do *Serviço de Inteligência* e investigou sobre o caso da morte de Dylan e Nevaeh. Ela descobriu umas coisas, mas muitas das informações não se conectavam.

Numa tarde de sábado, Leanna, Kairell e a filha passavam um momento em família quando homens de terno se aproximaram. Um deles ordenou:

— Preciso que nos acompanhem. Agora!

— Quem são vocês? — questionou Kairell.

— Estamos a serviço do Sr. James *Rikarggan*. Agora entrem no carro.

— Nossa filha — disse Leanna indo até Joy.

Ela foi impedida de chegar até a filha.

— Tudo bem, amor. Vamos entrar no carro. Ela estará logo atrás da gente.

— Mas Kairell...

— Vai ficar tudo bem!

Mesmo não convencida, Leanna entrou no carro preocupada. Ela olhou de dentro do carro, um homem levando a Joy para outro veículo.

— Se acontecer alguma coisa com ela, não vou te perdoar — resmungou Leanna para Kairell.

Ele permaneceu calado. Eles chegaram até a entrada de um prédio alto e foram para o último andar. Eles foram separados. Leanna ficou aguardando em uma sala e Kairell foi para outra onde uma *TV* iniciou uma *videochamada*.

— James! O que está acontecendo? Por que está fazendo isso com minha família?

— Preciso que pare de investigar sobre a morte de Dylan e Nevaeh. Isso pode colocar em risco sua família.

— *Droga*, James! Por que não ligou e pediu isso? Tinha que fazer isso com minha família? Trazê-los aqui, só para me dizer isso?

— Me perdoe, meu amigo. Mas preciso que faça algo por mim. No armário à sua esquerda tem uma maleta com informações sobre uma pesquisa. Uma pesquisa do seu amigo Alexander. Ele está perto de encontrar uma resposta de como utilizar a energia da *Enerkry* para produção de armas. Ele está perto, porém há muito tempo que ele não sai do lugar com as pesquisas. Com sua inteligência, pode ser que...

— Já disse que não trabalho mais para sociedade! — disse Kairell, nervoso, interrompendo James.

— Eu descobri! Sei que você possui um *Ikihatsunukishi*. Você é um deles? Você é ativo?

Kairell ficou surpreso e assustado. Ele ficou parado por uns segundos.

— Preciso da sua colaboração — disse James, interrompendo o silêncio.

— Tudo bem! Mas sobre o *Ikihatsunukishi*...

— Pode confiar em mim. Mantenho proteção a você e sua família — disse James interrompendo-o.

Kairell olhou seriamente para ele e acenou com a cabeça confirmando. James deu um leve sorriso e encerrou a *videochamada*. Kairell foi até o armário e pegou a maleta e saiu. Ele foi levado até a esposa.

— O que é essa maleta? — questionou Leanna.

— Nada de mais. Só trabalho que me pediram, mas não consumirá muito do meu tempo. Vamos encontrar nossa filha — disse Kairell, querendo desconversar.

Leanna ficou desconfiada, mas estava preocupada com a filha e desistiu de fazer perguntas, pois queria vê-la quanto antes. Os dois foram ao encontro de Joy.

— Minha filha — disse Leanna acordando-a e pegando-a no colo.

— Quero ir embora — disse Joy, feliz e assustada.

— Sim, vamos!

— Vai ficar tudo bem! Eu disse que poderia confiar neles, mas precisa esquecer sobre a morte de Dylan e Nevaeh — disse Kairell.

— Por quê? Ainda tenho minhas dúvidas. As circunstâncias das mortes deles não ficaram claras — questionou Leanna.

— Sim, mas deixa isso para lá. Sei que pedi para investigar, mas não tem mais necessidade. Isso não os trará de volta — respondeu Kairell, pensativo.

— Realmente. Vamos embora — disse Leanna pensativa e sorrindo para Joy.

Eles saíram do prédio e viram o homem de terno. Kairell o agradeceu e eles entraram em um carro preto. Joy não desgrudava da mãe e a família pôde ir em paz para casa.

Mesmo depois desta situação, Leanna não desistiu de investigar. Passou um tempo e ela chegou até uma pessoa que poderia estar envolvida no caso. Leanna foi ao encontro dele e depois de uma conversa, antes de ela ir embora, ele propôs:

— Você realmente é ótima no que faz. Seria muito útil. O que acha de fazer parte da nossa sociedade?

— Foi interessante tudo que me mostrou e explicou. Gostei da sua sinceridade, então não seria uma má ideia, James *Rikarggan*.



CAPÍTULO 20

PERDA INCALCULÁVEL

JAMES

Há 11 anos (2012)

— Não, Donovan. Acho que não seria uma boa ideia — disse pelo celular.

— Temos que mudar a estratégia para reuni-los. Não podemos prendê-los.

— Não sei! Acho que...

— Desculpe, preciso ir. Depois conversamos aqui. O aguardo — disse Donovan me interrompendo.

— Tudo bem, até.

Ele queria fazer algo que já foi tentando há muito tempo. Reunir os *Ikihatsunukishisen* sem ter controle de suas atitudes. Isso gerou muitos problemas no passado e quase perdemos o rastreamento de todos. Já foi difícil manter a família de Emma sob meu controle e deixá-los agirem por si só, não seria uma decisão sábia e se realmente o inimigo já está entre nós, como suspeitamos, isso seria um enorme problema.

— Espero que George esteja certo. Que o filho de Emma seja o *Ikihatsunukishisen* que ele aguarda há tanto tempo — pensei alto.

Era tarde da noite e recebi uma ligação.

— Olá, Keanu.

— Olá, James! Tivemos que agir, algo fugiu dos planos.

— O que houve? Era para só cancelar a exploração deles. Estavam chegando muito próximos e não podíamos arriscar que as possíveis descobertas se espalhassem.

— Exatamente! Foi planejada a destruição da área de exploração em que eles estavam. Foi tudo calculado, mas algo foi precipitado e o local foi explodido com eles ainda lá. Estamos apurando o que aconteceu, mas temos suspeitas de alguém fora dos nossos ideais, infiltrado na nossa organização.

— Compreendo! Todos são suspeitos até que seja resolvido esse caso. E o que fizeram com os corpos?

— Resgatamos dos escombros e estão sendo enviados para a família. Foi dito que ocorreu um acidente. Nevaeh e Dylan tinham uma filha.

— Triste — disse, pensando em Abigail.

— Já foi tudo acertado. A criança ficará com a tia, irmã de Nevaeh.

— Perfeito. Mantenha toda a assistência necessária. Preciso ir agora! Tenho uma reunião com *Eles* dos *Estados Unidos*.

— Tudo bem, James. O mantenho informado.

As coisas haviam saído do controle. Alertei o Donovan por mensagem sobre um possível espião e fui me preparar para ir aos *Estados Unidos*.

Lembrei que Dylan era amigo de faculdade de Kairell. Não queria entrar em contato, pois ele havia deixado o grupo para se dedicar a família. Por um momento, pensei na possibilidade de ele ser o espião, mas, mesmo depois de ele ter deixado a sociedade, temos monitorado-o de longe. Era quase zero a possibilidade dele ser um traidor, mas resolvi deixá-lo na lista de suspeitos.

Pensando nessa mínima possibilidade, resolvi entrar em contato, para saber, se de repente, ele cometesse algum deslize no momento da conversa, não pudesse estar envolvido.

— Olá, meu amigo, tudo bem? Lamento, mas não estou disposto a vol...

— Olá, Kairell. Fique tranquilo, não vou lhe convencer a nada. Só liguei para lhe dar uma notícia — disse interrompendo-o.

— O que houve?

— É sobre Dylan. Sei que eram muitos amigos e que fizeram faculdade juntos.

— Sim. O que aconteceu com ele?

— Ele e sua esposa. Eles morreram soterrados em um sítio de exploração arqueológica no *Egito*.

— Como? Não acredito.

— Lamento, meu amigo.

— A última vez que falei com foi um pouco antes de voltar para casa. Dylan havia comentado que iria para o *Egito* a trabalho, mas não havíamos entrado em detalhes.

Enquanto conversava com ele, recebi uma mensagem.

Tivemos uma perda importante na sociedade. John está morto. Lamento.

[4:27 PM]

— Compreendo, meus pêsames. Preciso ir. Até mais — disse, dispensando Kairell.

— Espera! O que ocasionou o desmoronamento? — questionou ele, com voz de desânimo.

— Não sei! Não obtive muitos detalhes. Até mais.

Encerrei a ligação grosseiramente. A notícia da perda de John me abalou. Ele era meu irmão ilegítimo. Irmão por parte de pai e um excelente membro da nossa sociedade. Ele deixou a esposa e dois filhos e tinha que dar toda a assistência a eles, por mais que a nossa relação entre famílias fosse distante.

Depois de tudo pronto, peguei meu voo particular e segui para a *base* da sociedade nos *Estados Unidos*.

Depois de um bom tempo fora e já de volta à *Inglaterra*, uma situação estava me incomodando. A esposa de Kairell estava se aproximando muito das atividades da sociedade. Ela era agente do *Serviço de Inteligência* e tinha quase certeza que Kairell devia ter falado algo para ela. Concluí que realmente ele devia ter falado com ela, pois a esposa dele também estudou na mesma faculdade. Ingenuidade da minha parte, não ter associado antes. Foi na faculdade que Kairell e a esposa se conheceram e ela deveria também ter conhecido Dylan e Nevaeh.

Ela era uma agente excelente e antes que a mesma pudesse agir fora do meu controle, antecipei o encontro.

— Leanna, esposa de Kairell e agente do *Serviço de Inteligência* — disse olhando nos olhos dela.

— Não me surpreende um ricaço como você ter essas informações.

— Tenho muito mais informações do que imagina.

— Se achando o esperto. Serei direta, pois já deve ter percebido que estou na sua cola há um tempo.

Acenei confirmando com a cabeça.

— Dylan e Nevaeh? Me diga o que realmente aconteceu com eles.

Expliquei o que havia acontecido e mostrei umas provas pelo meu *smartphone*. Ela ficou surpresa.

— Triste esse desastre. Nunca ia imaginar que foi por causa disso. Mas me diga. O que é essa sociedade? — perguntou Leanna, parecendo confusa.

Pelo que já havia investigado sobre ela e suas excelentes habilidades, concluí que ela poderia ser de confiança e talvez...

Expliquei a ela o que podia: o legado e as missões da sociedade.

— Então você que é o chefe do meu marido. Eu devia odiá-lo por quase ter destruído meu casamento. Ele praticamente abandonou a filha e a mim por um bom tempo, devido ao trabalho. Só o perdoei porque resolveu abandonar esse trabalho e se dedicar à família. Ele passou a dar aula, contudo, ainda passa muito tempo no seu laboratório. Acho que não mudou muita coisa — disse Leanna, com olhar triste.

Fiquei pensando sobre o que Kairell poderia estar fazendo em seu laboratório. Ele estava enrolando com as pesquisas de Alexander que havia lhe passado.

— Vai ficar aí parado, pensando?

— Perdão — disse, olhando nos olhos dela.

— Então o caso está resolvido. O que me mostrou e disse, explica tudo. Obrigada pela colaboração. Até mais.

— Vai dizer para ele? — questionei.

Leanna ficou alguns minutos quieta e quando eu ia romper o silêncio ela respondeu:

— Não sei! Acho que não faria diferença para ele — disse Leanna indo embora.

Segurei-a pelo braço.

— Você realmente é ótima no que faz. Seria muito útil. O que acha de fazer parte da nossa sociedade?

— Foi interessante tudo que me mostrou e explicou. Gostei da sua sinceridade, então não seria uma má ideia, James *Rikarggan*.



CAPÍTULO 21

MISSÃO PROIBIDA

JAMES LEANNA

— Então você que é o chefe do meu marido. Eu devia odiá-lo por quase ter destruído meu casamento. Ele praticamente abandonou a filha e a mim por um bom tempo, devido ao trabalho. Só o perdoei porque resolveu abandonar esse trabalho e se dedicar à família. Ele passou a dar aula, contudo, ainda passa muito tempo no seu laboratório. Acho que não mudou muita coisa — disse Leanna, com olhar triste.

James ficou pensando sobre o que Kairell poderia estar fazendo em seu laboratório. Ele estava enrolando com as pesquisas de Alexander que James havia lhe passado.

— Vai ficar aí parado, pensando?

— Perdão — disse James olhando nos olhos dela.

— Então o caso está resolvido. O que me mostrou e disse, explica tudo. Obrigada pela colaboração. Até mais.

— Vai dizer para ele? — questionou James.

Leanna ficou alguns minutos em silêncio, pensando se revelaria para o marido o que descobriu.

— Não sei! Acho que não faria diferença para ele — disse Leanna indo embora.

James a segurou pelo braço.

— Você realmente é ótima no que faz. Seria muito útil. O que acha de fazer parte da nossa sociedade?

— Foi interessante tudo que me mostrou e explicou. Gostei da sua sinceridade, então não seria uma má ideia, James Rikarggan.

Ele sorriu e a levou para um restaurante. Enquanto comiam, James continuou explicando a ela, com mais detalhes, o legado da sociedade que fazia parte.

Leanna deixou o *Serviço de Inteligência* para se dedicar à sociedade sem levantar suspeitas. Para o marido ela ainda trabalhava no *Serviço de Inteligência*, mas Leanna usava esse tempo para missões da sociedade. Depois de um bom tempo ela solucionou um caso importante.

— Encontrei o espião, que estava infiltrado em nosso grupo — disse Leanna, sorrindo.

— Você é fantástica! Logo você estará no meu nível hierárquico na sociedade. Temos que conseguir todos os *Ikihatsunukishi*. Não podemos deixar nenhum infiltrado acabar com os planos da nossa sociedade! — disse James, olhando nos olhos de Leanna.

Ela tocou no rosto dele e o beijou.

— Vou conseguir a informação que precisa. Deixe, por enquanto, o espião achar que ainda não foi descoberto. Vou usá-lo para conseguir essa informação. Se tentarmos tirar à força, provavelmente não conseguiremos.

— Perfeito! — disse James beijando-a novamente.

Leanna seguiu com a missão de acompanhar e manipular o espião, mas algo fugiu dos seus planos e ela caiu numa emboscada.

— SEU MALDITOO! EU TE AMEI! — gritou Leanna amarrada e pendurada de cabeça para baixo.

— Você estava chegando muito perto de descobrir. Até que foi legal nossa relação — disse James, rindo.

— MALDITOO! — gritou Leanna, chorando.

— Seu marido a essa hora já deve estar morto. Talvez eu poupe sua filha, só por causa dos momentos de prazer que você me proporcionou. Você foi uma boa amante. Vamos acabar logo com isso! Adeus, Leanna!

James acenou com a cabeça para um de seus comparsas atirar nela, mas de repente ocorreu uma explosão que fez ele e alguns dos seus homens que estavam ali caírem. Rapidamente uma fumaça cercou o local e começou um tiroteio no galpão onde estavam.

— Vamos, chefe! Precisamos sair daqui! — disse um dos comparsas, ajudando James a se levantar.

Eles saíram com dificuldade. James levou um tiro de raspão no braço. Ele e o comparsa conseguiram escapar e em poucos minutos estavam longe.

Leanna, ainda pendurada, tentava enxergar o que estava acontecendo, mas a fumaça no local ainda era muito densa. Ela estava ficando sufocada. Leanna ouviu pessoas se aproximando.

— Ela está ali, vamos!

O teto onde Leanna estava pendurada desabou e ela caiu de cabeça no chão.

— Hã? Onde eu estou? Quem é você? Quem sou eu?

— Acalme-se, vai ficar tudo bem. Sou Ivo e cuidarei de você.

Leanna adormeceu e permaneceu em sono profundo por quase um mês. Após seu despertar, ela ainda estava sem memória, mas Ivo foi ajudando-a a recuperar as lembranças. Isso levou muito tempo, mas depois de quase todas recuperadas o que mais a preocupava era encontrar a filha.

Ivo conseguiu encontrá-la e disse que esse tempo todo o tio dela estava cuidando da menina às escondidas. Leanna permaneceu oculta, sob os cuidados de Ivo, até que o momento ideal chegasse e ela pudesse reencontrar a filha.



CAPÍTULO 22

VINGANÇA

JOY

Não estava acreditando na pessoa horrível que era o pai de Abigail. Minha raiva era tanta, que se ele estivesse na minha frente eu o mataria sem dó.

— Abigail precisa saber o quão horrível é o pai dela! — pensei, furiosa.

Minha raiva foi aumentando e inconscientemente, peguei o *Ikihatsunukishi* e ativei. De repente a minha arma sofreu uma transformação, parecendo ficar mais poderosa. Acho que era o segundo nível dela. Estava com uma vontade quase incontrolável de sair destruindo tudo à minha frente. Minha mãe me olhava, parecendo assustada, contudo não tinha medo. Desativei o *Ikihatsunukishi* e me aproximei dela.

— Perdão, mãe. Essa arma e esse poder... Ele...

— Tudo bem! O Sr. Ivo já me explicou tudo.

Ela falou como se já tivesse me visto com o *Ikihatsunukishi* ativado. Estava com meus sentimentos confusos. Era um sentimento de raiva, pelo que havia acontecido com minha mãe, misturado a um sentimento de felicidade e alívio, por ela está viva e perto de mim.

Comecei a chorar e a abracei.

— Vai ficar tudo bem, minha filha.

— Vou te vingar, mãe. O homem que fez tudo isso com você ainda está por aí. Não posso permitir que ele seja uma ameaça, caso descubra que você ainda está viva. Preciso me antecipar e pôr um fim nas maldades deste cara horrível.

— Vá com cautela, minha filha. Você tem esse poder, mas ele pode ser um homem perigoso.

— Conheço sua casa e sua filha. Vou até à mansão dele e acabo com ele, revelando a todos o homem horrível que ele é. Abigail vai até me agradecer.

— Não entendi, Joy. Como que a filha dele vai te agradecer por matar o pai dela?

— James faz o inferno na vida da filha. Não dá a liberdade que ela deseja. Vou libertar Abigail das garras deste tirano — disse cheia de raiva e sem pensar nas consequências.

— Fale antes com o Sr. Ivo. Ele deve te orientar a respeito. Volte até ele. Ficarei bem aqui. Assim que tudo isso acabar e tivermos paz, poderemos recuperar o tempo perdido e viver nossas vidas — disse minha mãe me abraçando.

— Passe-me seu contato — disse indo pegar meu *Tab P*.

— Não tenho! Foi orientação do Sr. Ivo para evitar que fosse rastreada ou algo do tipo.

— Hã? Estranho — pensei.

Meu *Tab P* não havia carregado. Era estranho, pois o carregador estava bom. Já tinha achado estranho ele ter descarregado e essa de não querer carregar me deixou ainda mais irritada.

— Deve ter queimado — disse baixo.

— O que queimou? — perguntou minha mãe se aproximando de mim.

— Nada. Só meu *Tab P*. Depois providencio outro.

Estava despreocupada, pois meus dados estavam a salvo no meu CSB. Era só conectar a um novo *Tab P*.

— Tudo bem, mãe. Se cuide. Logo estarei de volta.

— Eu a aguardo.

Algo me incomodou.

— Você disse que está incomunicável, então como se comunica com o Sr. Ivo? Se precisar de ajuda, como ele vai saber que você precisa?

Ela permaneceu em silêncio.

— Como mãe?

— Ele implantou em mim um *chip* rastreador. Não só monitora meus passos como qualquer coisa que acontecer comigo. Se for drogada, se meus batimentos caírem, entre outros, ele saberá imediatamente — disse minha mãe sem olhar para mim.

Achei estranha essa situação.

— Era o melhor a se fazer. Com um simples *chip* a minha vida está sob vigilância e protegida. Devo isso a ele — disse minha mãe, parecendo agradecida.

Eu sorri para ela e fui embora. Decidi voltar.

— Joy? O que houve? — disse minha mãe, assustada.

— Queria ficar um pouco mais com você — disse, emocionada.

Ela sorriu e pediu para entrar.

— Tudo bem! Fique para almoçar — disse ela, sorrindo.

Eu não tinha muita aptidão com a cozinha, mas a ajudei a cozinhar. Almoçamos e passamos uma tarde vendo filme. Um sonho perdido que estava se realizando. Por volta das cinco horas da tarde fui embora.

Queria ver quanto antes o Sr. Ivo para agradecê-lo. Na porta da casa dela, já do lado de fora, vi o motorista se aproximando. Entrei no carro e partimos.

Passei o caminho de volta pensando em como tiraria a vida do homem que quase matou minha mãe. Diversos planos me vieram à mente e quando cheguei à mansão do Sr. Ivo, já tinha muitas ideias que me fariam tirar a vida de James *Rikarggan* e ainda sair como heroína para Abigail e Lando.

Fui conduzida para sala de espera pelo mordomo Duarte. Ele pediu para eu aguardar. Esperei por quase trinta minutos, quando Sr. Ivo apareceu e se sentou ao meu lado.

— Obrigada — disse abraçando-o.

Ele não retribuiu ao abraço, mas me olhou nos olhos e sorriu. Comecei a chorar e ele tentou secar minhas lágrimas.

— Minha jovem! Preciso que faça algo. Preciso que traga Lando para nosso lado. Um imprevisto aconteceu onde vocês estavam detidos e ele foi para o lado do nosso possível inimigo. Acredito que já tenha descoberto a verdade e não se deixará mais ser influenciada. Traga-o para gente. Talvez ele te escute e venha sem resistir.

— Sim! Pode deixar! Só ia pedir uma coisa. Meu *Tab P* estranhamente apagou, preciso de outro. Como já rastreei o *Tab P* de Lando uma vez, posso fazê-lo de novo, mas sem um *Tab P*...

— Duarte — disse o Sr. Ivo acenando com a cabeça para o mordomo.

Ele saiu e em menos de um minuto voltou com um *Tab P* dos mais modernos e novinho.

— Pegue, minha jovem. Um presente.

Agradei e não perdi tempo. Liguei e conectei ao meu CSB. Tentei rastrear Lando e não consegui. Achei estranho, mas como vi que Abigail havia chegado em casa, não me preocupei. Ela devia saber onde ele poderia estar.

— Obrigada novamente, Sr. Ivo. Pode deixar que não falharei e...

Ia dizer o que estava planejando fazer a respeito de James *Rikarggan*. Talvez ele dissesse para não me arriscar tentando tirar a vida de alguém, por isso, decidi não dizer nada. Ia executar meu plano e matá-lo sem chamar a atenção de ninguém.

— O que ia dizer, minha jovem?

— ... e volto quanto antes. Ia me esquecendo. Não tenho recursos para ir até Lando.

— Tudo bem! Deixei o suficiente em sua conta digital. Isso não será mais problema.

Nem quis conferir. Providenciei as passagens e pedi para o motorista dele me deixar no aeroporto.

Não demorou muito, embarquei e segui novamente para *Inglaterra*. Passei boa parte da viagem pensando na minha mãe. Já estava com saudades dela e minha vontade era de nunca mais sair do seu lado.

Depois de um pouco mais de duas horas, cheguei à *Inglaterra*. Entrei em contato com Abigail.

— Oi! Estou a caminho — disse.

— Onde você está agora? Tentei entrar em contato e não consegui. Lando chegou antes e até me esqueci de perguntar sobre você. É que nós...

— Onde ele está? Preciso dele. Daqui a pouco estou chegando aí, se puder me receber, agradeço.

— Ele está, mas...

— Ok. E seu pai? Ele está?

— No momento não, mas minha mãe comentou que ele chegaria ainda hoje. Por que está perguntando sobre ele?

— Tudo bem! Depois conversamos. Não se esqueça de me receber. Até!

Encerrei a chamada de voz. Por um instante, pensei no sofrimento que ela deveria estar passando, por ter um pai tão ruim. Me lembrei do meu pai e dos poucos momentos juntos que tivemos. Ele foi bem ausente, mas, mesmo assim, arriscou tudo para me proteger.

As coisas estavam ocorrendo ao meu favor. Ia resolver várias coisas com poucas ações. Libertar Abigail, buscar Lando e me vingar de um maldito *Rikarggan*.



CAPÍTULO 23

SACRIFÍCIO

KAIRELL JOY

Há 10 anos (2013)

— Vamos, minha filha — disse Kairell, tirando Joy do carro.

Ele a pegou no colo e entrou em casa, desesperado. Kairell seguiu direto para seu laboratório, foi até seu cofre e pegou a caixa com o *Ikihatsunukishi* que parecia um *chaveiro* de diamante.

— Pegue, minha filha. Talvez agora não entenda o que é isso, mas faça de tudo para não perdê-la. Essa joia possui um poder fantástico que só você pode manipular.

— É bonita, papai — disse Joy segurando o *Ikihatsunukishi* que brilhava em sua mão.

— Agora vou ter que te deixar. Talvez papai não volte, mas você tem que...

— Não, papai. Fique — disse Joy jogando o *Ikihatsunukishi* no chão e indo abraçá-lo.

— Dediquei minha vida à joia errada. Você que é a minha joia mais importante. Me perdoe, filha. Eu te amo — disse Kairell, chorando.

Ele recebeu uma notificação de mensagem e leu. Kairell viu estar sem tempo, pegou o *Ikihatsunukishi* no chão e colocou na mochila de Joy com outras coisas e entregou a ela. Ele a pegou no colo e levou até a saída, onde um homem desceu do carro e se aproximou.

— Venha também — disse Hadrian, pegando Joy do colo de Kairell.

— Se eu sobreviver ou não, você saberá. Minha presença e conhecimento são um risco para ela. Cuide dela! — disse Kairell beijando a filha na cabeça.

Ele se afastou e ficou observando. Ela não parava de chorar, chamando por ele. Seu coração doía, mas não tinha alternativa a não ser se manter longe dela e assim, evitar que o perigo a alcançasse.

Depois que Hadrian e Joy foram embora, Kairell voltou para seu laboratório, preparou um café e ficou bebendo calmamente, até que alguém apareceu das sombras. Ele deixou a xícara de café em cima da mesa, se levantou e disse calmamente:

— Não me enganará fazendo isso. Eu já sei o que aconteceu com ela.

— Eu quero meu pai! Eu quero minha mãe! — disse Joy, chorando desesperada.

— Acalme-se — disse Hadrian, parando o carro, após horas dirigindo.

Ele saiu do veículo e abriu porta para Joy sair.

— Venha, sua tia e seu primo te esperam. Ele quer jogar videogame com você.

Ela estava muito assustada e não parava de perguntar pelo pai e pela mãe. Andrew foi correndo até seu pai, Hadrian.

— Pai, por que ela está chorando? — perguntou o filho.

— Leve-a para jogar. Mostre o que ganhou de aniversário semana passada.

Joy acompanhou o primo, mas ainda estava assustada e triste. Janet, esposa de Hadrian, preparou algo gostoso para as crianças comerem e com o passar do dia, Joy foi se distraindo e se habituando ao local.

No dia seguinte, ela continuava perguntando pelos pais e Hadrian dava a desculpa que eles precisaram viajar sem previsão de volta.

Por um lado, essa desculpa era comum para Joy, pois o pai vivia viajando a trabalho e permanecia muito tempo fora. No caso da mãe, estava sendo uma novidade porque elas nunca passaram mais de um dia sem se verem.

Meses se passaram e Hadrian chamou Joy para conversar.

— Sei que está com saudade deles, mas... terá que ser forte. Apesar de ter apenas nove anos, acho que está madura o suficiente para compreender.

— Meus pais estão voltando?

Hadrian permaneceu em silêncio por uns segundos.

— Eles não voltarão mais.

Joy começou a chorar, mas tentou se conter.

— Eles não me querem mais?

— Não! Sei que eles te amavam e jamais fariam isso, mas... eles se foram para sempre.

Joy se virou para o tio, confusa, suspeitando do que havia acontecido.

— Me perdoe por ter que dizer isso, mas eles morreram — disse Hadrian, triste e comovido.

Ela segurou o choro, mas por dentro estava desmoronada. Ela saiu correndo pelo quintal e parou em frente à maior árvore que havia ali. O choro a dominou e ela sentou no chão, pensando em como os pais poderiam ter morrido.

Hadrian ficou a observando de longe e uma lágrima escorreu do seu olho. Ele a secou e foi até ela.

— Vamos! Sei que dói, mas você tem que ser forte. Vamos cuidar de você, não estará sozinha.

Joy foi até o tio e o abraçou. Ela não parava de chorar e fez com que seu tio chorasse também. Era fim de tarde, Hadrian pegou Joy no colo e voltou para casa.

Há 3 anos (2020)

— Por que não posso frequentar uma escola normal? — questionava Joy, aborrecida.

— Já lhe disse várias vezes, que com o poder que possuí, estar nesse tipo de ambiente pode te pôr em risco e aos que estão a sua volta.

— Mas não vou ficar andando por aí com o *Ikihatsunukishi*.

— Sua tia é uma excelente professora. Sei que está aprendendo bem.

— Mas não é questão de aprendizado. Quero fazer amigos.

Hadrian se manteve em silêncio por um tempo.

— Vamos voltar com os treinamentos — disse Hadrian mostrando para Joy uns equipamentos de quebra de segurança.

Sua sobrinha estava cansada da rotina de prisioneira. Ela queria ter uma vida normal e se socializar com o mundo.

— Concentre-se, Joy! Seu primo cumpriu essa tarefa já tem uma semana. Você não está conseguindo quebrar um simples protocolo de segurança.

Ela ficou irritada e pensou em jogar o equipamento longe, mas se conteve e cumpriu rapidamente a tarefa designada. Depois que terminou, Joy se dirigiu para saída sem dizer nada.

— Sei que poderia ter feito isso há muito tempo. Você tem mais potencial do que seu primo. Não só porque possui esse poder, mas...

Ela saiu, bateu à porta e deixou seu tio falando sozinho.

— ... porque é mais inteligente e habilidosa — disse Hadrian para ele mesmo.

Estava quase na hora do almoço, mas Joy desviou o caminho e decidiu sair um pouco de casa, sem autorização.

— Para onde pensa que está indo? — questionou Andrew.

— Não tente me impedir.

— Também quero ir — disse ele se aproximando dela.

Joy olhou para ele desconfiada, mas sorriu. Eles saíram e foram curtir a cidade próxima. Joy e Andrew aproveitaram como se nunca tivessem feito as coisas que estavam fazendo. Após horas de diversão eles decidiram voltar para casa. Enquanto esperavam o *transporte público*, um grupo de adolescentes passou por eles falando alto. Um deles começou a mexer com Joy.

— *Hey*, gatinha, deixa esse mané aí e vem com a gente!

Joy o ignorou e Andrew começou a olhar de cara feia para o garoto que estava mexendo com ela.

— Vai me ignorar? — disse o garoto se aproximando de Joy.

Andrew se colocou à frente e impediu que o garoto se aproximasse mais.

— Sai da minha frente, moleque! — ordenou o garoto que queria se aproximar de Joy.

— Tenta a sorte — disse Andrew, confiante.

O garoto tentou dar um soco em Andrew, mas ele desviou e deu uma banda nele, como um lutador de *kung-fu*. Os amigos do garoto se aproximaram e tentaram revidar. O primo de Joy, habilidosamente, se defendeu e derrubou todos eles.

— Tio Hadrian está te treinando bem — disse Joy, admirada.

Um dos adolescentes puxou uma arma de fogo e apontou para Andrew. Antes que ele pudesse disparar, Joy, que já estava com o *Ikihatsunukishi* na mão, preparada para algum imprevisto, ativou e atacou o garoto armado.

Pequenos diamantes afiados, perfuraram o corpo do garoto. Todos os outros olharam para Joy assustados e correram desesperados. Um carro se aproximou e parou ao lado de Joy e Andrew.

— O que fizeram? Por que saíram sem minha permissão? — questionou Hadrian, furioso.

Pessoas de longe presenciaram a situação. Hadrian foi até o adolescente ferido e o examinou. Ele ligou para emergência e mandou Joy e Andrew entrarem no carro.

— Acho que o matei. Me perdoe, tio.

— Ele vai ficar bem — disse Hadrian, irritado.

Assim que chegaram na casa deles, ele começou a arrumar suas coisas.

— O que houve? Para onde vai? — questionou sua esposa, Janet.

— Para onde vamos! Todos arrumem suas coisas. Somente o básico — ordenou Hadrian, nervoso.

— Por quê? O que está acontecendo? — questionou Janet.

— Por causa de uma atitude irresponsável, aqui não é mais seguro. Fomos expostos. Precisamos partir quanto antes.

Janet olhou para o marido pensativa e também foi arrumar as suas coisas. Joy e o primo trocaram olhares, confusos, e foram cumprir a ordem sem perguntas. Quando todos estavam prontos, Hadrian desligou toda a casa e a trancou. Eles entraram no carro e partiram como se fossem fazer uma viagem de férias.

— Para onde, Hadrian? — perguntou Janet.

— Para a *Austrália*. Providencie as passagens *on-line*.

Janet olhou para o marido preocupada, mas não o questionou.

— Tudo isso só porque machuquei um valentão. Ele mereceu! — disse Joy, frustrada.

— Você se acha tão poderosa, mas não sabe os perigos que podem vir até você.

— Mas que perigos? O senhor só tem me feito prisioneira, com medo de que me descubram. Que descubram o poder que possuo e comecem a fazer experimentos comigo — disse Joy, deduzindo.

— Você devia ter mais respeito por quem se sacrificou por você.

— Do que o senhor está falando? Respeitar quem? Vocês que não estão respeitando minhas vontades. Quero ser livre e viver uma vida comum. Não sei para que o senhor me treina. Não quero ser agente igual ao senhor! — disse Joy, irritada.

— Você devia ter respeito pelo seu pai. Ele se sacrificou para te salvar. Nunca te disse como ele morreu, mas ele foi assassinado. Morreu para te proteger e te manter distante dos perigos que chegaram até ele.

Joy ficou sem palavras. Realmente o tio nunca havia dito a ela como seu pai havia morrido, mas ela já havia imaginado várias hipóteses, até de assassinato, mas era uma opção que ela sempre descartava.

— E minha mãe? Também foi assassinada?

— Chega! Você já ficou sabendo demais — disse o tio, sem paciência.

— ME DIGA! PAREM DE ME ESCONDER AS COISAS. NÃO SOU MAIS UMA MENININHA — disse Joy, irritada e em um tom de voz alto.

Hadrian hesitou por um instante em responder.

— Dela eu não tenho certeza, mas possivelmente também. Seu pai só me disse para te buscar com ele, pois havia acontecido algo sério com a Leanna. Tentei saber o que tinha acontecido com ela, mas ele não disse. Depois de um tempo descobri que ela havia morrido, mas que ninguém sabia como. Investiguei e associei a assassinato.

Joy percebeu pelo tom de voz do tio que ele não estava mentindo. Ela queria chorar, mas se conteve.

— Quem foi o assassino do meu pai? — questionou Joy, nervosa.

— Não sei. Não consegui essa resposta — respondeu Hadrian.

Joy parou de fazer perguntas e ficou tentando conter o choro. Ela estava muito abalada e a sua vontade era pular do carro, mas algo a fez criar um objetivo.

Hadrian parou antes e deixou o carro com um conhecido. Eles continuaram o percurso de *táxi* e assim que chegaram ao aeroporto embarcaram no voo que partiria em poucos minutos.

Joy, enquanto olhava da janela do avião para o nada, imaginava como os pais foram assassinados e por quê. O seu maior objetivo passou a ser descobrir quem era o assassino deles.



CAPÍTULO 24

MOMENTO OPORTUNO

LANDO ABIGAIL

— Por que está dizendo isso? Você me prometeu que não agiria mais assim. Que eu estaria do seu lado, não importavam os perigos.

— As coisas mudaram. Daqui para frente, posso não voltar mais vivo e você não correrá o mesmo risco. Você tem uma vida promissora e seguirá bem sem mim.

— Eu não quero nenhuma vida promissora se não a tiver com você. Qual a dificuldade que você tem para entender que eu te amo? Quero estar contigo, não me importo com os perigos. Não fará sentido minha vida sem você. Se tiver que morrer, que eu morra ao seu lado — disse Abigail, chorando.

Lando não queria magoá-la, mas era preciso cumprir o combinado.

— Na verdade, qual a dificuldade para você perceber que já faz um tempo que estou querendo terminar o que nem começamos direito? Já tentei ir embora uma vez, não porque queria te proteger, mas porque não sinto mais nada por você. Meu sentimento agora é por outra pessoa. Uma pessoa bem próxima — disse Lando com o coração partido.

Abigail imediatamente pensou em Joy.

— Por quê? E a noite que passamos juntos? Não significou nada? — disse Abigail, aumentando o choro.

Lando não quis responder e permaneceu em silêncio.

— DIGAAAAA! SÓ QUIS ME USAR? — gritou Abigail, furiosa.

— Chega! Não tenho mais nada a dizer. Preciso ir.

Ela se aproximou de Lando.

Plaft

Com toda sua força, Abigail bateu no rosto dele.

— Eu te odeio! — disse ela que logo em seguida saiu correndo de volta para a mansão.

Lando permaneceu imóvel e quando ela já estava longe ele começou a chorar, mas logo se conteve ao perceber alguém se aproximando.

— Ha! Ha! Mal acabei de chegar e presencio algo magnífico. Finalmente decidiu deixar minha irmã em paz. Você é um imbecil por tê-la feito sofrer esse tempo todo

— disse Max.

Lando, sedento de raiva, foi até o irmão de Abigail e o segurou pela blusa. Ele fechou o punho para socá-lo no rosto, mas no último momento desistiu. Lando olhou nos olhos dele.

— Você é tão fraco que tenho pena. Se soubesse o que te aguarda, agradeceria por me ter por perto.

Lando o soltou e seguiu para seu *dormitório*.

— Meu pai vai ficar sabendo. Dessa vez você não se safará, seu empregadinho inútil.

Ele riu e seguiu em frente, ignorando Max. Assim que chegou ao seu *dormitório*, Lando encontrou sua mãe. Ele correu até ela e a abraçou.

— Que bom que voltou bem! O que houve? Por que está com essa cara? — disse Emma, aliviada.

Lando queria conversar sobre o que havia feito com Abigail, mas evitou.

— Nada. Só estou cansado. Ainda não acabou.

— Eu sei. Sabe como é mãe — disse Emma, rindo e, ao mesmo tempo, preocupada.

— Espero que isso acabe logo. Achava um saco minha vida antes de tudo isso, mas agora estou desejando voltar no tempo.

— Sim, meu filho. Imagino, mas é necessário passar pelo que está passando. Sei o quanto o nosso mundo precisa disso.

— Mãe! Desde quando sabe de tudo?

— Desde meus dezesseis anos. O Sr. George e o Sr. James que me contaram. Disseram que eu seria muito importante. Eu tinha o mesmo sonho que você, de seguir minha vida longe daqui e ser feliz, mas me disseram que eu teria um filho especial e que não podia arriscar tê-lo fora daqui. Falaram que você herdaria um poder fantástico e que sem eles por perto, sua vida correria perigo. Eles não podiam arriscar que algo acontecesse a você. Disseram que te esperam há muito tempo.

Lando sorriu.

— O que foi, meu filho?

— Nada, mãe — disse Lando pensando nas conexões neurais que fez com o Sr. George, Hmerllinhrhimh.

A mãe dele ficou confusa, mas continuou.

— No início achei que tudo o que me disseram eram baboseiras sem sentido, mas conforme foram me explicando com mais detalhes e me mostrando, percebi carregar uma enorme responsabilidade. Desde então resolvi ficar e seguir carreira, servindo à família *Rikarggan*.

— Você é maravilhosa — disse Lando abraçando-a.

— Meu filho! Desde quando voltou? — perguntou seu pai.

— Olá, pai — disse Lando, envergonhado, por achar que seu pai ainda não tivesse compreendido o que havia acontecido.

— Até agora não estou acreditando no que você é, mas sua mãe aos poucos está me ajudando a entender — disse Ethan, confuso.

— Sim, pai. É tudo muito estranho, mas o nosso mundo depende disso.

— Isso até parece coisas de filmes de magia — disse Ethan ainda mais confuso.

— Mas confio que fará o que lhe foi designado com sabedoria.

Lando sorriu, foi até o pai e o abraçou, agradecendo-o. Emma foi descansar e Ethan voltou para o serviço. Lando tomou um banho e deitou para relaxar. Ele ainda estava abalado pelo que havia feito com Abigail. A vontade dele era ir até ela e desfazer tudo, mas tinha que cumprir o que Sr. James pediu. Essa era a melhor forma de, um possível dia, ele poder se casar com sua amada e viver ao lado dela em paz.

Abigail foi para seu quarto e passou bom tempo chorando. Ela ainda não estava acreditando no que seu amado havia lhe dito. A dor era tanta que ela, por um momento, sentiu vontade de não viver mais. Abigail estava com raiva de Joy, por ela ser de interesse do Lando. Mas ela tinha um carinho especial por Joy, por ser uma ótima amiga, nos últimos dias.

Abigail resolveu entrar em contato com ela, mas não conseguiu. Passou um tempo, ela atendeu a uma chamada inesperada.

— Oi! Estou a caminho — disse Joy.

— Onde você está agora? Tentei entrar em contato e não consegui. Lando chegou antes e até me esqueci de perguntar sobre você. É que nós...

— Onde ele está? Preciso dele. Daqui a pouco estou chegando aí, se puder me receber, agradeço.

— Ele está, mas...

— Ok. E seu pai? Ele está?

— No momento não, mas minha mãe comentou que ele chegaria ainda hoje. Por que está perguntando sobre ele?

— Tudo bem! Depois conversamos. Não esqueça de me receber. Até!

Joy havia desligado na cara de Abigail. Ela queria dizer sobre Lando e perguntar se eles estavam ficando. Abigail estava torcendo para que eles não tivessem ficado quando ela ainda estava com Lando, pois se ficaram, ia perder a única melhor amiga.

Eram quase 10:30 da noite e Abigail foi calmamente até a portaria esperar por Joy. Ela tinha tantas perguntas para a amiga *Ikihatsunukishisen*. Quando Abigail menos esperava, Joy chegou.

— Que bom que está à minha espera! — disse Joy, entrando.

— Oi — disse Abigail sem olhar para ela.

— O que houve? Por que está com essa cara?

— Por quê?

— Por que o quê, garota?

— Por que não me disse que você e Lando estão ficando?

— O quê? De onde tirou essa ideia?

— Se você não sabe, então...

— James *Rikarggan* — disse Joy, interrompendo Abigail e vendo o pai dela descendo da limousine. Ele as viu de longe e se aproximou delas.

Joy pegou seu *Ikihatsunukishi* e esperou o Sr. James chegar mais perto. Quando o momento ideal aconteceu, Joy ativou o *Ikihatsunukishi* diretamente para o nível dois e atravessou a barriga do pai de Abigail.



CAPÍTULO 25

IKIHATSUNUKISHI X IKIHATSUNUKISHI

JOY LANDO ABIGAIL

— NÃÃÃÃÃOOOOO! — gritou Abigail, desesperada.

— Afaste-se, Abigail! Ele é um assassino! — disse Joy, apontando o *Ikihatsunukishi* para ela.

Abigail ficou com medo e se afastou.

— Como pôde fazer minha mãe sofrer? Pagará com sua própria vida.

— Perdoe... me Joy. Fui um... *cof*... tolo. Por ter... deixado... sua mãe...

— Você é um traidor. Traiu sua família. Mesmo que minha mãe tivesse aceitado as condições de segunda mulher, ela te amou e você a matou — disse Joy com raiva e chorando.

Seguranças se aproximaram, mas Joy imediatamente foi derrubando um a um lançando diamantes afiados neles.

— Admito que foi... por... *cof*... minha culpa, mas...

— CALE-SE, MALDITO! NÃO QUERO OUVIR SUAS DESCULPAS!

Um alarme da segurança soou. Em poucos segundos mais seguranças se aproximaram e Joy os atacou sem piedade. Um dos atingidos foi Ethan. Lando chegou e presenciou seu pai sendo ferido quase que mortalmente. Ele, que estava com o *Ikihatsunukishi*, ativou e partiu para cima de Joy. Os dois *Ikihatsunukishi* se chocaram e raios saíram deles.

— O que pensa que está fazendo? — questionou Lando, enquanto media força com Joy.

— Ele teve o que merecia. Venha comigo! Agora! — ela tentou ordenar.

Lando a empurrou e lançou pedras em cima dela com o poder do *Ikihatsunukishi*. Joy criou um escudo de diamante, defendendo-se. Logo em seguida, lançou uma rajada de diamantes super afiados na direção de Lando. Ele levantou uma muralha de pedra, mas boa parte dos diamantes atravessou a barreira e o atingiu. Por sorte a maioria passou de raspão, menos um que atingiu sua coxa. Ele caiu de joelhos, mas logo em seguida levantou se apoiando no *Ikihatsunukishi*.

Enquanto isso, Abigail aproveitou que Joy e Lando se afastaram devido ao confronto e foi até o pai que estava gravemente ferido.

— Pai — disse Abigail, chorando.

O Sr. James a tocou no rosto.

— Me perdoe, minha filha.

Ele foi fechando os olhos lentamente.

— Não pai, não! Não!

Ela chorou desesperadamente. Logo em seguida, cheia de raiva, foi até onde Joy e Lando estavam lutando.

A briga entre dois *Ikihatsunukishisen* estava destruindo o enorme quintal da mansão.

— Por que está fazendo isso? — tentou questionar Lando.

— Você virá comigo, nem que seja à força! — disse Joy, apontando o *Ikihatsunukishi* para ele.

— O que te falaram? Não deixe que te influenciem.

— Calado! Nada que diga vai me convencer a não te levar comigo. O Sr. Ivo precisa da gente junto.

— Não acredite em nada que ele tenha te dito. Não confie...

— CALADOO! Acho que será à força então!

Ele ativou o nível dois de seu *Ikihatsunukishi* e atacou com mais força. Um pequeno tornado de pedras atingiu Joy, machucando-a levemente. Ela, numa explosão de raiva, lançou uma rajada de diamantes para todos os lados. Lando conseguiu mudar a trajetória de alguns criando várias muralhas de pedras. Dois diamantes passaram raspando nele.

Sentindo muita dor na perna, ele recuou, mas algo inesperado aconteceu.

— NÃOOO! — gritaram Lando e Joy quase que, simultaneamente.

Ele ignorou a dor e correu até Abigail, que caiu após ter sido atingida por um diamante no peito.

— Não! Não! — disse Lando, chorando.

Abigail segurou a mão dele que a tocava no rosto e apertou com a pouca força que ainda tinha.

— Por mais que não sinta o mesmo e que tenha dito que ama outra... eu... te amo — disse Abigail, olhando nos olhos dele, chorando.

Joy se aproximou e sua raiva foi aumentando. Abigail olhou para ela.

— Cuide bem dele. O ame como e... eu... a...

Abigail desmaiou. A raiva de Joy continuou a aumentar, deixando seu coração super acelerado.

— OLHA O QUE VOCÊ ME FEZ FAZERRRRRR!

Uma forte energia começou a emanar de Joy. O *Ikihatsunukishi* dela sofreu uma nova transformação indo para o nível três. Ela criou um diamante em formato de

faca e lançou na direção de Lando. O diamante afiado cravou no ombro dele e Joy, ainda controlando o diamante fincado nele, o ergueu e lançou longe.

Joy ficou olhando para Abigail desacordada e depois de uns segundos foi até Lando, que estava muito ferido. Sem forças no braço, devido ao ferimento no ombro, ele se viu sem chances de se defender. Joy estava tão sedenta de raiva, que esqueceu que precisava levar Lando com ela e o atacou sem piedade. De repente, uma rajada congelante paralisou seu braço com o *Ikihatsunukishi*. Ela olhou o braço que segurava a sua poderosa arma, congelado superficialmente, e se virou para ver de onde veio o ataque.

— Quem são vocês?

— *Hey*, garota furiosa. Não faça isso. Somos aliados — disse Roger com seu *Ikihatsunukishi* ativado em forma de uma pequena faca.

— Outro *Ikihatsunukishisen* — pensou Joy. — Você acha que poderá me deter com esse seu *Ikihatsunukishi* insignificante? — zombou ela quebrando o gelo do braço com o poder de seu *Ikihatsunukishi*.

Romeo pegou o *Ikihatsunukishi* da mão do irmão e a *arma* se transformou em uma faca muito maior.

— Convencido — resmungou Roger.

— Se acalme! Estamos do seu lado! — disse Romeo.

Charles apareceu atrás de Roger.

— Vovô! Onde está o Sr. Donovan? — questionou Roger.

— Ele foi resolver outra coisa mais importante. Vão com calma. Temos gente ferida — disse Charles olhando para Abigail desacordada e Lando caído, sangrando.

— Se estão mesmo do meu lado, afastem-se — disse Joy se tocando que precisava levar Lando vivo.

Uma pedra atingiu sua perna fazendo-a se desequilibrar. Romeo agiu rapidamente e lançou várias bolas de gelo em Joy. Ela, com reflexo rápido, criou um escudo de diamante e se defendeu do ataque, mas por trás Lando lançou uma rajada de pedras a ferindo. Uma das pedras bateu com muita força em seu braço que segurava o *Ikihatsunukishi*, quebrando seu osso. Ela deixou o *Ikihatsunukishi* cair e se ajoelhou sentindo dor em quase todo o corpo.

Romeo ia direcionar um ataque por garantia, mas foi impedido pelo irmão. Lando também deixou o *Ikihatsunukishi* cair, que desativou.

Joy, com muito esforço, pegou o *Ikihatsunukishi* com o outro braço, mas não o ativou. Romeo se colocou em posição de ataque, mas Charles acenou com a cabeça para ele não fazer nada. Joy olhou para eles e seguiu mancando para a saída.

O Sr. Donovan apareceu de repente.

— O que faremos com ela? — questionou Charles.

— Deixe-a ir — disse Donovan, calmamente.

— Mas Donovan...

— Achava que sabia com o que estava lidando, mas preciso saber o que outro grupo está planejando e ela estando do lado deles pode nos ajudar a descobrir — disse Donovan interrompendo Charles.

— Vai usá-la como isca? Não deveríamos arriscá-los.

Romeo e Roger olharam para Donovan esperando o comentário dele.

— Ajudem ele. Temos mais um para o nosso lado — disse Donovan, apontando para Lando.

Os gêmeos foram até ele para ajudá-lo.

— Então eram vocês que eu estava sentindo — disse Lando, com dificuldade.

Romeo e Roger o ajudaram a se levantar.

— Me levem até ela — disse Lando, pedindo ajuda para caminhar.

Eles se aproximaram de Charles que conversava com Donovan. Abigail estava aparentemente desacordada ao lado de Charles. Lando se soltou do apoio dos gêmeos e quase caiu por cima de Abigail. Ele acomodou a cabeça dela, no seu colo e começou a chorar.



CAPÍTULO 26

ALIADO ENTRELAÇADO

ROGER ROMEO

Domingo. No mesmo dia em que Lando retirou o *Ikihatsunukishi* da pedra, no calabouço, abaixo do *dormitório* do Sr. George “Merllinhin”, os gêmeos recebiam do seu avô a notícia que seu recém-amigo e, também, *Ikihatsunukishisen* havia desaparecido.

— Acho que posso localizá-lo. Nossos *Ikihatsunukishi* estão *entrelaçados*, mas acho... — disse Romeo, desapontado.

— Mas o quê? — questionou seu avô Charles.

— Teríamos que ativar o *Ikihatsunukishi* ao mesmo tempo. O *entrelaçamento* não ocorre com o *Ikihatsunukishi* desativado.

— Sei que acabamos de chegar e hoje foi o enterro da mãe da Clara, mas voltaremos para a *base*. Donovan precisa de vocês por perto. Deixem a explicações para seu pai e Clara comigo — disse Charles, pensativo.

— Quando iremos? — perguntou Roger.

— Amanhã, depois do café da manhã.

Romeo tinha várias perguntas, mas deixou para quando estivesse na presença do Sr. Donovan. Roger não estava muito interessado, pois ainda estava sentido com a partida de Desirée.

— Por que estão com essa cara? — perguntou Clara assim que desceu do quarto. Os gêmeos e Charles trocaram olhares.

— Você pode chamar Fred? Preciso conversar com vocês dois — disse Charles para Clara.

Roger e Romeo foram para seus quartos. Roger foi jogar *on-line* e Romeo, depois de um tempo pensando, entrou em contato com Derek por *videochamada*.

— Olá, Romeo. Vem aqui para casa. Já coloquei *Lilian* para analisar os dados que coletei na base em *White Sands*. A criptografia dos dados é muito forte, mas com o algoritmo que apliquei à *Lilian*, acho que em alguns dias terei interpretado os dados coletados — disse Derek, afoito.

— Tudo bem. Vou aí. Preciso de um favor. Algo inesperado aconteceu.

— Hã? O que aconteceu? Fala! Fala!

— Já estou indo. Conversamos aí.

— Diz logo! Não vou aguentar esperar!

— Para Derek! Moramos bem perto. Até! — disse Romeo, encerrando a *videochamada* sem paciência.

Ele pegou o *Ikihatsunukishi* em forma de cubo de gelo e foi até o quarto do irmão.

— Pegue, Roger — disse Romeo, entregando o *Ikihatsunukishi*.

— Calma aí, não posso parar! — disse Roger, jogando *on-line*.

Romeo deixou o *Ikihatsunukishi* em cima da cama dele e quando estava saindo...

— O que você quer que eu faça com o *Ikihatsunukishi*? — questionou Roger.

— Fique com ele. Vou sair!

— Como assim? Vai para onde?

— Fique tranquilo, vou à casa do Derek.

— Ok — disse Roger, olhando para o *Ikihatsunukishi*.

Romeo desceu e quando estava saindo...

— Para onde está indo? — questionou Clara.

— Vou à casa de um amigo aqui perto.

— Quando for sair assim, avise.

— Tudo bem, Clara. Me desculpe. Não devo demorar.

— Ok. Seu pai queria pedir pizza, mas eu farei.

— Você devia relaxar e não ir para cozinha. Acabou de perder a mãe. Não se incomode, preparando algo que pode ser comprado pronto.

— Eu sei, mas é que preciso me distrair para esquecer um pouco e o melhor jeito é cozinhando — disse Clara, emocionada.

Romeo foi até ela e a abraçou.

— Tudo bem! Logo mais estarei de volta para saborear sua fantástica pizza — disse Romeo, sorrindo.

Clara correspondeu ao sorriso e foi começar a preparar a massa das pizzas para mais tarde. Romeo saiu e logo estava na porta da casa de Derek, tocando a campainha.

— DEREK! SEU COLEGA! — gritou Melanie. — Venha, entre!

Romeo ficou encantado e permaneceu parado na porta pensativo.

— *Hey!* Não vai entrar?

— Sim, sim, com licença.

Derek se aproximou de Romeo, afoito.

— Vamos descer! Tenho umas coisas para te mostrar, mas me diz... O que aconteceu?

— Vamos descer e conversamos — disse Romeo.

Eles desceram e Romeo viu nos indicadores de desempenho de processamento de dados que *Lilian* trabalhava quase em sua potência máxima.

— Esses dados devem ser sigilosos mesmo. Tem certeza que não foi rastreado? — questionou Romeo.

— Espero que não — disse Derek sem confiança.

Quando Romeo ia dizer algo, Derek foi mais rápido.

— O que tinha para dizer? Fala...

— Você anda muito agitado — disse Romeo.

— Realmente! É que... Depois que percebi... O quão perigoso foi... Ir até aquela *base* — disse Derek, tentando falar calmamente.

— Sim, realmente foi muito perigoso. Nem sei como... — disse Romeo, que logo parou de falar e colocou a mão no peito.

— Como?

— Você queria saber o que aconteceu? Então! Victor desapareceu e queria saber se você consegue rastreá-lo.

— Como ele desapareceu? Sequestraram ele? Se ele tiver conectado a algum *dispositivo eletrônico* à rede, acho que posso! Tem o contato dele?

— Não temos detalhes, mas tenho o contato dele.

Romeo passou o contato de Victor para ele. Apesar de *Lilian* estar em trabalho máximo, conseguiu executar o rastreamento de contato em paralelo e em menos de dois minutos deu a resposta.

— *Contato impossibilitado de ser rastreado no momento. Mostrando última possível localização.*

— Aqui mostra que o *Tab P* dele foi desconectado a aproximadamente a doze quilômetros da casa do Sr. Donovan — disse Derek, analisando os dados de rastreio.

Romeo ficou pensativo, enquanto tentava interpretar os dados com a mesma eficiência que Derek.

— Vocês não têm esse lance de se rastrearem por meio do poder do *Ikihatsunukishi* que possuem? Por que...

— Sim, *entrelaçamento*, mas teríamos que estar com o *Ikihatsunukishi* ativado ao mesmo tempo. Não conseguiria ficar com o *Ikihatsunukishi* ativado por um dia inteiro esperando a sorte dele também ativar.

— Compreendo. *Entrelaçamento* é incrível mesmo! O que farão então? — perguntou Derek olhando para os dados que *Lilian* processava.

— Amanhã de manhã, eu e Roger voltaremos para a *base*. Vamos com nosso avô.

— Vão ficar por lá quanto tempo?

— Não sei — disse Romeo, pensativo.

— Entendo! Queria pode ir, já que Sr. Donovan me deu livre acesso, mas preciso de tempo... Tenho que interpretar esses dados.

— Tudo bem! Vou voltar para casa — disse Romeo, desanimado e preocupado com Victor.

Derek ignorou o último comentário que Romeo havia feito e ele percebeu. Quando Romeo ia reclamar, ele viu que Derek olhava concentrado para uma das telas que exibiam alguns dados já descriptografados.

— Estranho!

— Estranho o quê, Derek?

— Para que moveram tantos recursos para montar uma base provisória?

— Como assim, provisória? Está falando da base militar no *White Sands*? A que a *criatura* destruiu?

— Exatamente. Quando resolvi me arriscar a ir lá, foi porque havia detectado pistas, dados que mencionavam meu pai. Não esperava entrar na base, pois não permitiriam a entrada de um garoto qualquer, mas tentaria acesso à rede de dados, como havia feito daqui e conseguido essas informações sobre meu pai. Estando mais próximo, talvez achasse algum ponto de rede local vulnerável. Por sorte, houve toda aquela confusão e entrei na base com seu irmão e consegui coletar o máximo de informações possíveis.

— Sim! E agora está descriptografando essas informações, mas não explicou sobre a base ser provisória e os altos gastos de recursos para montá-la. O que descobriu nessa descriptografia?

— Dos altos gastos de recursos utilizados numa base provisória, ainda não sei o motivo para tal, mas acho que fui atraído para lá desde início.

Romeo ficou confuso. Derek não havia dito isso antes e estava complicando as explicações. Quando ia questioná-lo...

— Não é possível!

— O que foi, Derek?

Ele estava com os olhos cheios de lágrimas.

— O que houve, Derek? — questionou Romeo, confuso.

— Existe a possibilidade do meu pai ainda estar vivo! — disse Derek, emocionado.

— Como assim? Como chegou a essa conclusão?

— *Lilian* detectou uma mensagem escondida nos dados e nela tem uma coisa que só meu pai diria...

— Que coisa?

Derek não respondeu. Ele começou a manipular alguns dados. Romeo ficou chateado por Derek estar ignorando-o, mas não podia culpá-lo. Ele queria ter a mínima esperança de também ter os pais vivos.

— Como vai saber se não é algum tipo de armadilha? Se não estão te atraindo para capturá-lo, já que você pegou dados sigilosos sem autorização? Você mesmo disse que não sabe se foi rastreado — questionou Romeo, preocupado.

— Você tem razão, mas é um risco que vou ter que correr — disse Derek, sério.

— Entendo que está nessa busca por respostas do passado do seu pai, mas não posso permitir que se arrisque por aí. Você viu o quanto foi perigoso onde fomos atacados na base. Você viu que eu quase...

— Ninguém vai me impedir de encontrar as respostas que busco. Quando te chamei aqui, foi porque você era parecido comigo e queria descobrir também o que havia acontecido com seus pais. Não é porque que encontrou suas respostas que dirá que não posso encontrar as minhas. Você arriscou o que foi preciso e encontrou o que procurava. Me deixe arriscar também.

— Você tem razão, mas... mas isso está se tornando muito perigoso. Até agora, não me convenci que tenho poderes e que existem *criaturas* demoníacas dispostas a me matar. Mesmo com esse poder, eu quase morri. Você seria um alvo fácil.

Derek cerrou os punhos, parou e ficou. Romeo percebeu que ele havia mudado sua expressão.

— Vou pedir que vá embora — disse Derek sem olhar para Romeo.

— Mas eu...

— Agora!

Romeo ia argumentar, mas resolveu não dizer mais nada, para não piorar ainda mais as coisas.

— Tudo bem, me desculpe — disse Romeo se arrependendo do que havia dito.

Derek subiu com ele, em silêncio. Melanie os viu e percebeu que algo entre eles havia acontecido. Ela e Romeo trocaram olhares discretamente.

— Venham comer! Preparei algo...

— Ele precisa ir embora! — disse Derek, interrompendo a mãe.

A Sra. Dana também percebeu o modo estranho como o filho havia falado, mas não questionou.

— Obrigado, Sra. Dana e desculpe por não poder ficar — disse Romeo, tentando sorrir.

— Tudo bem, Romeo. Até a próxima.

Derek abriu a porta da saída e Romeo foi embora sem olhar para trás. Por um instante ele parou e olhou para casa de Derek. Um sentimento de arrependimento o dominou naquele momento e ele foi para casa angustiado.

Romeo foi direto para o quarto, tomou um banho e se jogou na cama. Nesse tempo, Roger continuou jogando *on-line* até que o cheiro de pizza se espalhou pela casa.

Roger desceu correndo e viu seu pai que ajudava a Clara a preparar a mesa.

— O cheiro está bom — disse Roger, pegando um pedaço de pizza quente na mesa.

— Vá com calma aí! Chama seu irmão — disse Fred.

— Ele já... Deve... Descer — disse Roger, queimando a língua.

— Vai logo, Roger! — ordenou Clara.

Ele subiu enquanto assoprava a pizza que queimou sua língua. Roger abriu a porta do quarto do irmão calmamente e o viu dormindo. Ele se aproximou e o acordou.

— *Hey*, Romeo! *Hey*! Tem pizza, venha comer. Estão te esperando.

— Não estou com fome.

— Hã? O que houve?

Romeo permaneceu em silêncio. Roger não quis insistir e logo em seguida, saiu. Quando estava fechando a porta do quarto, o irmão respondeu.

— Eu e Derek nos desentendemos.

Roger voltou a entrar e deu atenção para o irmão que estava com o rosto abatido.

— Fui incompreensível com ele. Eu devia... Devia ter sido mais amigo.

— Eu não o conheço, mas sei que, independente do que tenha feito ou falado, não foi por mal. Essas coisas passam. Daqui a pouco estarão se falando de novo — disse Roger, tentando animar o irmão.

Romeo sorriu e se levantou.

— O cheiro está chegando aqui. Vamos — disse Romeo, tentando sorrir.

Eles desceram e Clara, Fred e seu avô estavam sentados à mesa os aguardando. Charles já estava comendo o segundo pedaço de pizza.

No dia seguinte, Charles e os garotos já estavam preparados para irem embora. Eles se despediram de Fred e Clara.

— Até meu filho, logo estarei de volta com os meninos — disse Charles.

Ele chegou perto do ouvido do filho:

— Aproveite o momento a sós.

Fred ficou envergonhado e sorriu. Charles e os garotos pegaram um *transporte rápido* e foram para o aeroporto onde já lhes esperavam um *drone de transporte* particular do Sr. Donovan.

Depois de algumas horas de viagem chegaram e foram muito bem recepcionados pelo Sr. Will. O Sr. Donovan foi até os convidados e eles foram para área de treinos.

— Preciso que estejam preparados. Não sabemos o que aconteceu com Victor. Estamos fazendo de tudo para localizá-lo. Como o *Ikihatsunukishi* de vocês estão

entrelaçados, quero que treinem o tempo que puder e se ele ativar o *Ikihatsunukishi* dele, no mesmo momento, irão sentir. Sei que a probabilidade é mínima e é desgastante manter o *Ikihatsunukishi* ativado por muito tempo, mas se esforcem ao máximo. O tempo não será desperdiçado, pois treinarão. Vocês têm em posse um *Ikihatsunukishi* e caso haja *entrelaçamento* com outro *Ikihatsunukishi* a localização de vocês aqui será revelada. Por isso, já mandei reforçar a segurança do local caso ocorra a possibilidade de alguma outra ameaça, como a que enfrentaram no *White Sands*.

Roger fez uma cara de insatisfeito. O Sr. Donovan olhou para ele seriamente.

— Sei que não queriam passar o resto das férias assim, mas é preciso. Talvez não tenham férias nunca mais se não forem fortes. Talvez mais ninguém neste planeta tenha férias — disse o Sr. Donovan, pensativo.

— Vou dar o meu melhor — disse Romeo, tentando se animar.

Roger pegou o *Ikihatsunukishi* da mochila e ativou.

— Já que não temos escolha, vamos começar.

No próximo dia, *terça-feira* à noite, enquanto Romeo treinava...

— Parou por que, Romeo? — perguntou Roger.

— Senti uma coisa. Acho que senti outro *Ikihatsunukishisen* — disse Romeo, com o *Ikihatsunukishi* ativado.

— É o Victor ou alguma *criatura* com *Ikihatsunukishi*? — perguntou Roger, surpreso.

— Não. Não é nenhum dos dois.

— Mas como?! Será que existe outro *Ikihatsunukishi entrelaçado* com o nosso?

— Possivelmente. Como não havíamos sentido nada antes, pode ser que o seu *usuário* tenha ativado *ele* depois de muito tempo — disse Romeo, com olhar preocupado.

— Entendi. Então devemos avisar ao Sr. Donovan quanto antes.

Eles foram imediatamente ao encontro dele e o notificaram o ocorrido. Sr. Donovan não expressou surpresa. Romeo disse que sentiu um possível novo *Ikihatsunukishisen* ao sul.

O Sr. Donovan disse para eles continuarem com os treinos e foi embora. Os gêmeos ficaram confusos com atitude dele, mas continuaram tentando sentir novamente o novo possível *Ikihatsunukishisen*.

Depois de um tempo, o Sr. Donovan foi para uma área reservada e entrou em contato com James.

— Eles também estão *entrelaçados* com o *Ikihatsunukishisen da pedra*.

— Compreendo. Vou prosseguir com o plano para atraí-los de volta. Estamos esperando eles encontrarem outro possível *Ikihatsunukishisen* no *Brasil*. Isso ocorrendo, vamos juntá-los aqui em casa — disse James.

— Sim, chegou a hora. Temos que mantê-los unidos. O único problema será encontrar Victor, mas no momento todos os esforços estão voltados para isso.

— Perfeito, Donovan. *Quinta-feira* nos encontramos com eles aqui, mas preciso que venha até mim antes em outro lugar.

— Entendido, até!

O dia chegou e um *drone* já estava pronto para viajar até a *Inglaterra*.

— Até agora não nos foi explicado o que iremos fazer lá! — questionou Roger.

Donovan estava em *videochamada* com Charles.

— Vocês encontraram outros *Ikihatsunukishisen* — respondeu Charles.

— O que senti? — perguntou Romeo.

Donovan confirmou com a cabeça.

— Mas eu o senti ao sul...

— Vão! Serão informados sobre a situação durante a viagem. Encontro com vocês no aeroporto aqui na *Inglaterra* — disse Donovan.

Charles, Roger e Romeo embarcaram e não demorou muito, já estavam a caminho da *Europa*.

Eles pegaram Donovan no aeroporto e continuaram a viagem.

— Está acontecendo alguma coisa lá! — disse Roger, olhando pela janela do *drone*.

— Uma luta entre *Ikihatsunukishisen*! — disse Romeo, surpreso.

O *drone* pousou na área particular de pouso da mansão dos *Rikarggan*. Eles desembarcaram e correram até o local onde estava acontecendo um confronto. Donovan desviou o caminho sem que os gêmeos percebessem.

Assim que chegaram ao local da luta, Roger imediatamente ativou o *Ikihatsunukishi* e lançou uma rajada na menina que estava pronta para dar o golpe final no garoto que parecia derrotado. Ele congelou superficialmente o braço que ela segurava o *Ikihatsunukishi*.

— Quem são vocês?

— *Hey*, garota furiosa. Não faça isso. Somos aliados — disse Roger com seu *Ikihatsunukishi* ativado em forma de uma pequena faca.

— Outro *Ikihatsunukishisen* — pensou Joy. — Você acha que poderá me deter com esse seu *Ikihatsunukishi* insignificante? — zombou ela quebrando o gelo do braço com o poder de seu *Ikihatsunukishi*.

Romeo pegou o *Ikihatsunukishi* da mão do irmão e a *arma* se transformou em uma faca muito maior.

— Convencido — resmungou Roger.

— Se acalme! Estamos do seu lado! — disse Romeo.

Charles apareceu atrás de Roger.

— Vovô! Onde está o Sr. Donovan? — questionou Roger.

— Ele foi resolver outra coisa mais importante. Vão com calma. Temos gente ferida — disse Charles olhando para Abigail desacordada e Lando caído, sangrando.

— Se estão mesmo do meu lado, afastem-se — disse Joy se tocando que precisava levar Lando vivo.

Uma pedra atingiu sua perna fazendo-a se desequilibrar. Romeo agiu rapidamente e lançou várias bolas de gelo em Joy. Ela, com reflexo rápido, criou um escudo de diamante e se defendeu do ataque, mas por trás Lando lançou uma rajada de pedras a ferindo. Uma das pedras bateu com muita força em seu braço que segurava o *Ikihatsunukishi*, quebrando seu osso. Ela deixou o *Ikihatsunukishi* cair e se ajoelhou sentindo dor em quase todo o corpo.

Romeo ia direcionar um ataque por garantia, mas foi impedido pelo irmão. Lando também deixou o *Ikihatsunukishi* cair, que desativou.

Joy, com muito esforço, pegou o *Ikihatsunukishi* com o outro braço, mas não o ativou. Romeo se colocou em posição de ataque, mas Charles acenou com a cabeça para ele não fazer nada. Joy olhou para eles e seguiu mancando para a saída.

O Sr. Donovan apareceu de repente.

— O que faremos com ela? — questionou Charles.

— Deixe-a ir — disse Donovan, calmamente.

— Mas Donovan...

— Achava que sabia com o que estava lidando, mas preciso saber o que outro grupo está planejando e ela estando do lado deles pode nos ajudar a descobrir — disse Donovan interrompendo Charles.

— Vai usá-la como isca? Não deveríamos arriscá-los.

Romeo e Roger olharam para Donovan esperando o comentário dele.

— Ajudem ele. Temos mais um para o nosso lado — disse Donovan, apontando para Lando.

Os gêmeos foram até ele para ajudá-lo.

— Então eram vocês que eu estava sentindo — disse Lando, com dificuldade.

Romeo e Roger o ajudaram a se levantar.

— Me levem até ela — disse Lando, pedindo ajuda para caminhar.

Eles se aproximaram de Charles que conversava com Donovan. Abigail estava aparentemente desacordada ao lado de Charles. Lando se soltou do apoio dos gêmeos e quase caiu por cima de Abigail. Ele acomodou a cabeça dela, no seu colo e começou a chorar.



CAPÍTULO 27

CONFIANÇA

ROGER ROMEO LANDO DONOVAN CHARLES

— Por isso fiz o que fiz. Não a queria perto para evitar isso — resmungou Lando, enquanto acariciava o cabelo de Abigail.

Uma equipe de saúde particular da família *Rikarggan* se aproximou de ambulância, puseram Abigail numa maca e a colocaram no veículo. Outros da equipe atenderam os seguranças feridos. Um médico foi examinar Lando.

— Tudo bem comigo — disse Lando tentando ficar de pé sozinho. — Meu pai, preciso ajudá-lo.

— Eles já foram atendidos e vão ficar bem. Sua mãe está com ele. Você deveria cuidar dos seus ferimentos. Temos que ter uma reunião sobre o futuro de vocês — disse Donovan, olhando para Lando, Roger e Romeo.

— Sr. James! Preciso ir ver o que aconteceu! — disse Lando, querendo ir até o local onde o Sr. *Rikarggan* foi ferido.

— Calma, meu jovem, ele já foi levado. Lamento.

Lando ficou sem reação. Ele tentou ir para seu *dormitório* andando, mas acabou perdendo força na perna ferida e caindo. Romeo o ajudou a se levantar. O pessoal da equipe médica se aproximou e o atendeu. Depois de pouco tempo o colocaram na ambulância e o levaram para o hospital próximo à mansão.

— Vamos, não precisam mais da gente aqui. Por aqui as coisas se resolverão sem precisar da nossa interferência. Vamos aguardar a recuperação de Lando e nos reuniremos para decidir o futuro de vocês — disse Donovan.

Charles, Roger e Romeo o acompanharam. Eles foram levados por um motorista da família *Rikarggan* para algum lugar fora da mansão.

— Hã? Mãe! Onde estou?

— Tudo bem, meu filho. Está no hospital se recuperando — disse Emma.

— Me lembro de estar vindo para cá, mas não me lembro de ter dormido — disse Lando, confuso.

— Meu pai? Ele...

— Ele está ali. Está dormindo. Ele vai ficar bem — disse Emma, apontando para o marido que repousava no leito à frente.

Lando olhou para ele aliviado, mas a preocupação não o deixou.

— Abigail? Sr. James?

— Ela vai ficar bem, mas do Sr. James não tive notícias.

Um alívio momentâneo o confortou, mas uma culpa o dominou devido ao que havia acontecido ao Sr. James. Ele estava com seus sentimentos todos confusos. Lando queria ver Joy pagar pelo que havia feito, mas, ao mesmo tempo, não queria que ela sofresse. Ele ficou tentando entender por que ela havia tido aquela atitude.

Emma ajudou Lando a se alimentar e depois de um tempo adormeceu por ali mesmo. Horas depois, Lando estava acordado e pensando sem parar na possibilidade de ter todo o conhecimento de Hmerlllinhrhimh e poder se *entrelaçar* com seu eu de alguns dias atrás para mudar as coisas ruins que aconteceram.

— Precisamos mudar nossas estratégias. Eles têm três deles — disse Charles, preocupado.

— Por enquanto, não. Precisamos de mais informações das reais intenções da outra sociedade. Acredito que não é só o plano de achar o *Ikihatsunukishisen* que veio por *salto entrelaçado*. Dos que encontramos, nenhum deles tem o que possibilita esse feito. Espero que o *Ikihatsunukishisen* que encontraram no *Brasil* não seja esse e se for também não fará diferença. Se essa ameaça consegue chegar aqui, não importa onde esteja, fugir só estaria retardando o nosso fim — disse Donovan, sério.

— Então deixe-os encontrar todos e agimos depois, nem que seja à força, para trazê-los para nosso lado.

— Torno a repetir que força não é a solução. Temos que mostrar de forma convincente que fugir não adiantará.

— Não temos muitos dados para comparar o nível de tal ameaça. Apesar de termos encontrados várias dessas ameaças desde o incidente em *Roswell*, tudo indica que esses não estão do lado da ameaça verdadeira. Até parece que estão agindo por conta própria. Ivan, que os gêmeos derrotaram, ele queria o poder do *Ikihatsunukishi* só para ele. Se ele tivesse agido a mando de uma força maior, só de saberem que há vários *Ikihatsunukishi* aqui, já teriam nos atacado em massa — disse Charles.

— Verdade. Muitas coisas não estão claras. Por isso que digo que devemos entender tudo antes de tomar uma decisão que vá comprometer a vida dos *Ikihatsunukishisen*. Tenho suspeitas que alguma *criatura* esteja infiltrada na outra

sociedade, mas se isso fosse real, acho que já teriam tentado matar algum deles, como a *criatura* Ivan tentou.

— Complicado! — disse Charles, desanimado.

— Estive conversando com Rougan, ele disse que Phillip o visitou e quis informações dos seus netos — disse Donovan.

— Sim, ele comentou comigo também. E por falar nisso, preciso lhe dizer algo importante sobre Robert.

— Sim, sei que o andam treinando sem que eu saiba — disse Donovan, sem olhar para Charles.

— Sim, não te disse nada antes porque os monges solicitaram segredo.

— Tudo bem. Não é a primeira vez que me esconde algo, mas sei que é por uma boa causa. Sei que você sabe que eu exigiria detalhes de cada passo de Robert ou até um monitoramento mais rigoroso, ainda mais se tratando de monges supersticiosos — disse Donovan, rindo.

— São supersticiosos, mas o treinamento deles fez o garoto evoluir muito rápido. Eles acreditam que o garoto é um *deus* que precisa entender seus poderes e sua responsabilidade. De alguma forma os monges têm conhecimento sobre os *Ikihatsunukishisen*, mas se negam a dar detalhes.

— Esse é um dos motivos pelos quais talvez não tenha me contado, pois arrancaria de alguma forma essas informações desses monges. Estou mudando. Confesso que sempre os monitorei, sem que soubessem e por isso sempre descobria o que escondiam de mim.

— Já imaginava. Desde que descobriu sobre Romeo com Rougan, um pouco antes do incidente, passou pela minha cabeça que estaria sendo monitorado, mas, mesmo assim, fui teimoso.

— Apesar dessa teimosia, sei que sempre agiu a favor da nossa sociedade. Confio em você independente de suas decisões.

— Obrigado, meu amigo — disse Charles, sorrindo.

— Rougan me disse que foi ao encontro do irmão dele e que tinha algo para conversar sobre Robert. Sei que seria sobre ele estar sendo treinado por esses monges, contudo, teria alguma outra coisa? — perguntou Donovan, olhando seriamente para Charles.

— Sei que não dá muita credibilidade aos monges, mas precisa ver o resultado com Robert. Talvez se levássemos todos para treinar lá...

— Só se realmente Robert se mostrar mais forte do que os outros. Assim que Lando se recuperar, vamos reuni-los e testar seus níveis de poder. Veremos se esses monges são só supersticiosos ou se escondem alguma habilidade que faça os *Ikihatsunukishisen* liberarem seu poder máximo.



CAPÍTULO 28

DOIS LADOS

HADRIAN DONOVAN

Há 2 anos (2021)

— Tenha um pouco mais de paciência, minha querida!

— Não aguento mais, Hadrian. Desde que viemos para a *Austrália*, você some por dias, dizendo que está trabalhando para uma empresa internacional que eu nem conheço. Quando era do *Serviço de Inteligência* você tinha mais tempo para mim. Lamento, mas...

Hadrian foi até a esposa Janet e a abraçou. Ela começou a chorar e não retribuiu ao abraço. Ele se afastou.

— Tudo mudou desde que a Joy veio morar conosco. Acho que não devíamos ter ficado com ela...

Joy apareceu e Janet se assustou. Ela olhou para Janet com expressão de raiva.

— Lamento! Para mim não dá mais — disse Janet indo para o quarto, chorando.

Sua sobrinha foi para o quarto dela irritada.

— *Hey*, Joy — disse Hadrian, indo até ela.

Eles entraram no quarto de Joy.

— Lamento pela sua tia, não foi a inten...

— Não tem que se lamentar. Em breve irei embora e seguirei meu rumo.

— Você não... Você não acha melhor se dedicar aos estudos para conseguir um emprego igual ao seu primo? Ele agora está na *Inglaterra* e trabalha no *Serviço de Inteligência*. Estude e se conseguir o emprego lá, eu vou com você para *Inglaterra*.

Joy ficou pensativa e se jogou na cama ignorando o tio.

— Tudo bem! Pense sobre seu futuro, mas não tome decisões precipitadas. Quero o melhor para você.

Ele ficou olhando para Joy, preocupado. Hadrian queria que ela vivesse uma vida normal igual ao seu filho, mas o poder que ela carregava era algo que conduziria o seu futuro para as sombras e o sofrimento.

Após dias a esposa de Hadrian os deixou. Ele nem tentou restabelecer a relação, pois sabia desde a sua entrada no mundo das sociedades que manter uma família o desconcentraria do foco e arriscaria a vida dos seus entes queridos.

Nesse mesmo dia, Hadrian atendeu uma ligação de alguém que estava tentando evitar.

— Chegou o momento. Cumpra o seu combinado. Traga-a para mim.

Hadrian demorou uns segundos para responder.

— Sim. Eu a levarei até você — disse Hadrian, pensativo.

— Os aguardo!

Ele ficou inquieto e preocupado. Em pensamento alto ele disse:

— *Droga!* Não tenho mais como mantê-la comigo. Acho que será melhor deixá-la com os outros.

Atualmente (2023)

Hadrian olhava toda hora para seu *Tab P*.

— Você pode analisar os dados depois. Agora vá.

Joy o ignorou, pois estava concentrada olhando os documentos.

— Vá! Você não pode mais ficar aqui! — ordenou Hadrian.

— Tem certeza de que não conseguiu mais nada? — questionou sua sobrinha. — Isso não me diz muita coisa.

— Prometi que poderia ficar aqui caso não perguntasse nada sobre seus pais. Já falei demais e isso pode te colocar em risco. Agora você precisa ir.

— Preciso saber o que aconteceu com meus pais! — disse Joy, irritada.

— Já lhe disse que não sei de mais nada! Só tenho esses documentos! Agora vá! — ordenou Hadrian, ainda mais nervoso.

Eles estavam em um *shopping* bem movimentado.

— Nos acharam — disse Joy, olhando para dois homens que perceberam que ela havia notado a aproximação deles.

Hadrian olhou para eles.

— Vá! Vá! Vou distraí-los!

Joy acenou com a cabeça e seguiu para uma saída alternativa do *shopping*. Hadrian foi na direção dos homens.

— O que entregou para ela? Para onde ela foi? O Sr. Phillip quer vê-lo, nos acompanhe.

Os homens levaram Hadrian até o estacionamento e o colocaram no carro. Eles foram para o aeroporto onde um *drone* de viagem os aguardava e viajaram para os *Estados Unidos*.

Chegaram após horas viajando, ele foi encaminhado até a residência temporária.

— Por que fugiu? Por que não cumpriu com o combinado? — questionou Phillip, enquanto tomava café.

Hadrian permaneceu em silêncio.

— Quando o encontramos há um ano, explicamos os perigos que sua sobrinha corria e nossa real intenção em ajudar. Expliquei que existem outros iguais a ela e que precisamos reuni-los. Eles são a chave para salvar a humanidade. Um deles possui a habilidade de nos tirar daqui antes que a ameaça chegue e precisamos descobrir qual.

— A outra sociedade também sabe da Joy. O que fiz foi dar tempo a ela para que eles não a encontrem — disse Hadrian, cautelosamente.

— Eles estão sempre tentando estar à nossa frente — resmungou Phillip. — Vou te dar mais uma chance de salvá-la. Traga ela até mim.

Hadrian confirmou com a cabeça.

— E os outros? O que sabe sobre eles? — perguntou Hadrian.

— Não muito. Estamos observando um caso raro de gêmeos e eu estou para encontrar outro *Ikihatsunukishisen* — disse Phillip, pensativo e esperando que sua teoria estivesse correta e que seu plano tenha dado certo.

— Compreendo. Irei trazer minha sobrinha — disse Hadrian sem olhar para ele.

Hadrian foi liberado e foi para o aeroporto acompanhado dos homens de Phillip. Ele iria para a *Inglaterra* atrás de Joy, mas esse não era seu plano verdadeiro. Ele foi até uma área movimentada do aeroporto, com a desculpa de ir comprar algo para comer e com sua habilidade de distração, sumiu no meio da multidão.

— Não estamos encontrando ele — disse Amy.

— Há quanto tempo ele sumiu? — questionou Donovan.

— Só percebemos agora que ele desapareceu — disse Amy, desapontada.

Donovan acionou sua equipe para procurar por Victor. Ele foi para central de controle da sua *base*.

— Will, não podemos perdê-lo. Faça o possível para encontrá-lo — disse Donovan, aflito.

— Farei o possível.

Donovan se afastou e entrou em contato com Charles.

— Olá, meu amigo — atendeu Charles.

— Olá, temos um problema. Victor desapareceu e acho que a outra sociedade está envolvida — disse Donovan, preocupado.

— Como? Como deixaram ele desaparecer sob sua vigilância?

— Não é hora de comentar nossas falhas, preciso que venha com os garotos.

— Mas o que direi para eles? — questionou Charles.

— A verdade. Os aguardo. Até.

— Até.

Logo em seguida ele entrou em contato com Rougan.

— Olá, Donovan — atendeu Rougan, surpreso.

— Olá! Temos uma emergência!

— O que houve agora?

— Victor desapareceu.

— Como assim? O que faremos?

— Preciso de você aqui! Volte imediatamente!

— E os meninos? E Charles?

— Como Charles está com os garotos não precisamos nos preocupar.

— Tudo bem! Estou a caminho!

— E seu irmão, Rougan? Precisamos dele.

— Ele está a caminho de volta.

— Então, venha com ele!

— Entendido. Até!

Donovan saiu para tomar um ar e tentar se concentrar em um plano eficiente. Enquanto pensava ao ar livre, ele recebeu uma notificação de que alguém inesperado o aguardava e foi imediatamente recebê-lo.

— Hadrian?

— Olá, Donovan. Me desculpe não ter me comunicado.

— Você consegue se esconder até da gente. E a sua sobrinha? Já passou da hora de trazê-la para a gente.

— Sim, mas antes, ainda preciso fazer algo. Ela irá até vocês no tempo dela. Somente a acompanhe.

Donovan estava mais preocupado com Victor e não se importou muito com a sobrinha de Hadrian, que também era uma *Ikihatsunukishisen*. Ele voltou para onde Will estava buscando informações sobre a localização de Victor e Hadrian o acompanhou.

— O que fará agora? Acho que já teve muito tempo para pensar se fica do nosso lado de vez — questionou Donovan.

— Terá sua hora.

Donovan olhou para ele insatisfeito. Ia questioná-lo, mas hesitou.

— Estou vendo que está com problemas — disse Hadrian, enquanto analisava o que Donovan e Will faziam.

— Uma coisa saiu do controle, mas acredito que será solucionado — disse Donovan sem ter certeza.

Hadrian continuou analisando disfarçadamente o que Donovan e Will faziam.

— Preciso de um favor, Donovan.

— Diga — respondeu ele, ocupado.

— Libere o acesso aos arquivos que eu já havia solicitado.

— Já lhe disse que libero, mas só quando sua sobrinha estiver sob nossa vigilância.

Hadrian permaneceu pensativo.

— Podemos nego... Viu para onde ele foi? — perguntou Donovan para Will.

— Nem o percebi saindo. Vou rastreá-lo pela *base*. Encontrei. Ele está indo para saída. O impeço?

Donovan ficou pensativo por uns segundos. Hadrian olhou na direção da microcâmera, que Donovan e Will estavam utilizando para observá-lo.

— Tudo bem, deixe-o ir — disse Donovan.

Will liberou sua saída remotamente. Ele e Donovan continuaram trabalhando na busca por Victor. O *domingo* passou e no dia seguinte Donovan aguardava a chegada de Charles e os meninos.

Will os recepcionou e logo Donovan os recebeu. Eles foram para a área de treinos.

— Preciso que estejam preparados. Não sabemos o que aconteceu com Victor. Estamos fazendo de tudo para localizá-lo. Como o *Ikihatsunukishi* de vocês estão *entrelaçados*, quero que treinem o tempo que puder e se ele ativar o *Ikihatsunukishi* dele, no mesmo momento, irão sentir. Sei que a probabilidade é mínima e é desgastante manter o *Ikihatsunukishi* ativado por muito tempo, mas se esforcem ao máximo. O tempo não será desperdiçado, pois treinarão. Vocês têm em posse um *Ikihatsunukishi* e caso haja *entrelaçamento* com outro *Ikihatsunukishi* a localização de vocês aqui será revelada. Por isso, já mandei reforçar a segurança do local caso ocorra a possibilidade de alguma outra ameaça, como a que enfrentaram no *White Sands*.

Roger fez uma cara de insatisfeito. O Sr. Donovan olhou para ele seriamente.

— Sei que não queriam passar o resto das férias assim, mas é preciso. Talvez não tenham férias nunca mais se não forem fortes. Talvez mais ninguém neste planeta tenha férias — disse o Sr. Donovan, pensativo.

— Vou dar o meu melhor — disse Romeo, tentando se animar.

Roger pegou o *Ikihatsunukishi* da mochila e ativou.

— Já que não temos escolha, vamos começar.



CAPÍTULO 29

ESCOLHAS

JOY

— *Droga!* Como pode ser tão fraca?

Caminhei até a saída sem esperanças de conseguir sair da mansão. Quando estava no portão principal, para minha surpresa, não havia porteiros e seguranças à vista. Saí sem problemas e mancando.

Meu primo apareceu do nada e me ajudou.

— Como? O que faz aqui, Andrew?

— Deixe as perguntas para depois, vamos.

Ele me ajudou a caminhar até um carro preto, me acomodou e dirigiu para algum lugar.

— Para onde vamos? — questionei.

— Vai ficar tudo bem. Descanse.

Estava sentindo muita dor.

— Maldito Lando! — pensei, furiosa.

Fiquei surpresa com os loiros gêmeos. Os dois eram *Ikihatsunukishisen* do mesmo *Ikihatsunukishi*. Nunca havia passado pela minha mente tal possibilidade. Estava com dor de cabeça e ela foi aumentando até que fez meu cérebro parar de pensar e eu adormeci...

— Hã? Que quarto é esse? — levantei, confusa e ainda sentindo muita dor.

— Acalme-se. Volte a deitar — disse Pablo.

— O senhor? Onde estou? É a mansão do Sr. Ivo?

— Exatamente. Agora descanse.

— Como vim parar aqui? Me lembro de estar com meu primo e...

— Isso! Ele te trouxe aqui. Meu patrão providenciou um *drone*. Você está dormindo há quase um dia.

— Como? Como ele sabia que podia me trazer até aqui?

— Entramos em contato com ele recentemente, explicamos o necessário e pedimos que ficasse de olho em você. Por mais que meu patrão tenha pedido para

ir buscar seu amigo Lando, temíamos que algo de errado acontecesse e aconteceu.

— Entendi, mas cadê ele? Meu primo?

Pablo hesitou ao responder:

— Ele está bem. Outra hora poderá entrar em contato com ele.

— Tudo bem! Obrigada. E o Sr. Ivo? Queria agradecê-lo e pedir uma coisa.

— Descanse. Ele virá vê-la depois. Se precisar de alguma coisa é só me chamar.

Com licença.

Ele foi embora e eu fiquei pensando na noite em que lutei com Lando e os gêmeos. Meu coração apertou quando me lembrei de Abigail. Comecei a chorar me culpando com o que havia acontecido com ela. Desejei com toda força que ela ainda estivesse viva, mas algo, no fundo, me dizia que ela não resistiu.

Apertei o colchão com força tentando liberar minha raiva. Queria poder ver Abigail mais uma vez, pois se realmente ela partiu, não ia me restar escolha a não ser me vingar e tirar a vida de Lando.

De repente alguém estava entrando no meu quarto. Achei que era Pablo, mas...

— Mãe! O que faz aqui?

— Assim que fiquei sabendo o que houve, vim te ver.

— Mãe! — disse, emocionada.

Ela veio até mim, pegou na minha mão e ficou me admirando.

— Quem te trouxe aqui? Onde está o Sr. Ivo?

Minha mãe pareceu que não ia responder.

— Ele disse que poderei ficar aqui, mas quando ele estiver, precisarei voltar para onde estava — disse ela.

— Hã? Por quê? — questionei, desconfiada.

— Ele disse ser para minha segurança. Ele não foi muito claro a respeito disso, mas confio nele. Devo minha vida a ele — disse minha mãe, sorrindo.

Realmente devíamos a vida a ele. Precisava agradecê-lo, mas isso teria a sua hora. Tentei aproveitar ao máximo o momento com minha mãe, antes que o Sr. Ivo retornasse e fosse preciso ela ir embora.



CAPÍTULO 30

TENTANDO SUPERAR A PERDA

LANDO ABIGAIL

Lando foi até o leito onde descansava Abigail. Ela estava em um sono profundo. Ele pegou na mão dela.

— Você é uma idiota. Eu te amo e queria evitar justamente isso. Eu menti. Meu coração sempre disse para não sair perto de você, mas minha razão me dizia para te proteger, te livrar de perigos, até poder ter você para mim sem riscos. Não era para isso ter...

— Você não vai se livrar tão fácil de mim, mas e a Joy? Você a ama ou não? — disse Abigail, apertando a mão de Lando.

Ele ficou sem reação e começou a chorar.

— Você é uma graça, emocionado — disse Abigail, tentando sorrir.

— Eu somente amo você, mas preciso que entenda...

— Agora entendo. Mas me prometa uma coisa? Que depois que tudo isso terminar irá voltar para mim sem se machucar.

— Com certeza. Essa foi a promessa que fiz ao seu pa...

— Meu pai? Como ele está? — perguntou Abigail ao lembrar que ele havia sido ferido gravemente.

— Lamento, mas ele...

Abigail se sentiu triste pela perda, mas, ao mesmo tempo, não sentia pena, pois imaginava o que pai poderia ter feito. A tristeza era porque por mais que ele tenha cometido possíveis crimes e que talvez fosse necessário pagar com a vida, ela tinha boas lembranças dele, como um bom pai, durante sua infância. Apesar dele ter sido um pouco ausente, nos momentos em que estava presente ele compensava dobrado.

Ela virou o rosto e ficou olhando para o nada pensativa. Lando olhava para ela se sentindo aliviado, por tê-la bem, mas ainda não se sentia confiante sobre a segurança dela. Seu coração disparava toda vez que pensava nas diversas formas de como poderia perdê-la.

Esse conflito o desgastava. Por um momento ele achou que não era capaz de manter a promessa que fez para o Sr. *Rikarggan*. Ele não tinha nem mais certeza se conseguiria evitar o que poderia estar para acontecer com esse planeta.

Ele percebeu que estava enganando a ele mesmo. Merllinhin disse que o planeta Terra poderia ter uma chance, mas se o que destruiu o planeta natal dele, que era bem mais avançado, chegasse aqui, não seriam os *Ikihatsunukishisen* que os impediriam de ocasionar o apocalipse.

— Abigail, seu pai...

— Eu sei. Ele não era uma boa pessoa. Ele era envolvido com coisas erradas — disse Abigail, interrompendo Lando.

— Você está enganada. Ele não era a pessoa que pensávamos. Ele carregava uma responsabilidade muito grande e talvez ele tenha feito o que fez só para te proteger.

— Como assim? Do que está falando?

— Eu estive com ele um pouco antes dele... Ele fazia parte de uma organização com a missão de encontrar pessoas, como eu e nos reunirmos. Ele sabia da ameaça que há sobre esse planeta e que talvez nós, os *Ikihatsunukishisen*, sejamos a única esperança de evitar a catástrofe, mas acho...

Por um momento ela ficou confusa e quis ignorar o que Lando havia dito, mas, no fundo, acabou aceitando. Isso se tornou um alívio, pois o pai não se foi sendo uma pessoa ruim como ela imaginara. Abigail ficou esperando ele continuar. Lando hesitou e olhou para o lado.

— Confio em você — disse Abigail, sorrindo.

Lando olhou para ela com esperança de que no final pudesse terminar tudo bem. Ele tentou não ser pessimista e focou em se manter determinado.

— Eu te amo! — disse Lando, emocionado.

Abigail tentou se sentar, mas a forte dor não permitiu. Mesmo tendo sido administrados fortes sedativos nela, não estavam sendo suficientes para aliviar o desconforto.

— Não se esforce, descanse. Eu já tive alta. Amanhã venho aqui te ver — disse Lando, acariciando a cabeça dela.

Ela pegou na mão dele e a beijou. Ele se abaixou com cuidado e a beijou delicadamente.

Logo depois Lando foi embora. Ele se despediu da sua mãe que acompanhava seu pai. Ethan teria alta em breve. Lando foi levado de volta para a mansão de limousine e antes que pudesse voltar para seu *dormitório*, ele foi conduzido até uma sala de reunião, reservada.

— Bem-vindo de volta, Lando. Sente-se. Temos muito o que conversar — disse o Sr. Donovan, sentado a uma mesa grande.

Com ele estavam Roger, Romeo e Charles. Lando sentou tentando se mostrar interessado no que o Sr. Donovan tinha para falar.

CAPÍTULO 31

IRMÃOS

ROUGAN RYAN

— Em breve estará com eles — disse Rougan a Robert.

— Nos dê licença, Robert — disse Ryan.

O garoto se afastou e foi jogar *on-line*.

— Devemos levar a situação dos monges ao Donovan — disse Rougan, com olhar preocupado.

— Sim, faremos.

— É necessário que os *Ikihatsunukishisen*, após reunidos, sejam orientados por eles. A sociedade precisa compreender que esses monges, apesar de não terem ligação com o grupo, de alguma forma entendem o poder que os garotos possuem.

— Sim, Rougan. Você tem razão — disse Ryan, pensando em Robert.

— Vamos! Donovan pediu para irmos para a *base*. Um *Ikihatsunukishisen* recém-integrado ao grupo desapareceu.

— Isso tem a ver com...

— Exatamente — respondeu Rougan, interrompendo o irmão. — A outra sociedade está ficando à nossa frente. Precisamos agir. Mantendo todos que encontrarmos sob a responsabilidade dos monges, além de evitar que a outra sociedade alicie-os, ainda poderemos oferecer-lhe um treinamento mais eficiente.

— Sim, Rougan. Só temos que explicar e convencer Donovan do potencial dos monges.

— Iremos — disse Rougan tocando no ombro do Ryan.

Eles chamaram Robert e foram embora da velha casa em que se encontravam. Eles seguiram até a *base* e no caminho, Donovan entrou em contato.

— Olá, Donovan — disse Rougan assim que atendeu a chamada de voz.

— Olá! Encontrou seu irmão?

— Sim. Estou com ele e Robert.

— Perfeito.

— Já estamos a caminho — disse Rougan.

— Desviem o caminho. Preciso que façam antes, uma coisa. Estou enviando os dados da missão. Assim que concluírem entrem em contato que lhes avisarei onde estarei para virem até mim.

— Ok, Donovan.

Assim que Donovan encerrou a chamada, Rougan recebeu as instruções da missão. Ele mostrou para o irmão. Eles trocaram olhares preocupados. Robert

percebeu a situação e questionou:

— O que houve? Ainda não será desta vez?



CAPÍTULO 32

SOCIEDADES

ROGER ROMEO LANDO DONOVAN CHARLES

Assim que Lando se sentou, todos olharam para o Sr. Donovan, aguardando-o dizer algo.

— Acho que podemos começar — disse o Sr. Donovan, seriamente.

— Sim! Me fale mais sobre o senhor e sua organização secreta. Acredito que trabalhou com o Sr. James — tentou ordenar Lando.

— Peço por gentileza que me deixe falar. No final deixarei aberto às perguntas — disse o Sr. Donovan, encarando-o.

Roger riu disfarçadamente, mas Romeo percebeu e o cutucou. Roger olhou para o irmão, tentando dizer que não gostou.

Lando permaneceu em silêncio e esperou pelas palavras do Sr. Donovan.

— Acredito que já saiba do poder que possui e dos perigos que lhes aguardam — disse o Sr. Donovan, olhando para Lando.

— Mais do que imagina — disse Lando com desdém.

Donovan o encarou com olhar sério e continuou.

— Faço parte de uma sociedade que recebeu a visita de um ser com os mesmos poderes que os de vocês e ele deixou uma missão que vem sendo passada de geração a geração. Encontrar outros com poderes parecidos com o dele e nos unir a eles para enfrentar uma grande ameaça que viria do céu. Desde então nossa sociedade vem buscando meios de encontrá-los e reuni-los. Tivemos, durante séculos, divergências sobre como mantê-los unidos após encontrá-los. Hoje estamos bem próximos de tê-los juntos. Pelos registros que temos, acho que já encontramos os cinco *Ikihatsunukishi* que chegaram com seus *Ikihatsunukishisen* de origem, há muito tempo.

— Cinco? — questionou Lando.

— Exatamente. O *Ikihatsunukishi do gelo* que está com eles — disse Donovan olhando para os gêmeos. — O *Ikihatsunukishi do diamante*, que está com sua amiga que tentou te matar.

Lando se lembrou de Joy e por um momento sentiu raiva dela por ter ferido seu pai e Abigail e assassinado o Sr. James.

— O *Ikihatsunukishi* do raio, que está com Victor e até então estava desaparecido.

— Encontraram ele? Por que não nos avisou? — questionou Romeo.

O Sr. Donovan o encarou seriamente, tentando dizer com os olhos que era para ele aguardar, que no final ia deixar que fizessem as perguntas.

— O *Ikihatsunukishi* da madeira, que está com seu recém-amigo, Miguel.

Com tanta coisa que havia acontecido, Lando havia se esquecido dele. Ele ficou preocupado e ia perguntar sobre Miguel, mas assim que olhou para Sr. Donovan, resolveu esperar e perguntar no final.

— E o *Ikihatsunukishi* da pedra — disse Donovan encarando Lando.

Ele pegou o *Ikihatsunukishi* que estava em seu bolso e colocou sobre a mesa.

Romeo, que no momento estava com o *Ikihatsunukishi*, também colocou sobre a mesa. Os *Ikihatsunukishi* em suas formas iniciais que pareciam *chaveiros* brilhavam intermitentemente, com intensidade bem baixa, como se tivessem se comunicando.

— O senhor disse cinco, mas e o Mitsuaki? — questionou Romeo.

— É mesmo! E ele? — reforçou Roger.

O Sr. Donovan olhou seriamente para os irmãos.

— Não tínhamos registro dele até momento em que lhes foi entregue o *Ikihatsunukishi*. Depois do desaparecimento de Victor entramos em contato com ele. Mitsuaki em breve estará de volta e...

— Mas o senhor não respondeu. Ele é o sexto...

— Não me interrompam! — disse o Sr. Donovan encarando Roger. — Sim, ele é o sexto. Como disse, até o momento em que lhes entregamos o *Ikihatsunukishi* não tínhamos registro sobre ele. O antepassado dele não chegou com os cinco. Ainda estamos tentando entender como o antepassado dele chegou aqui e em que momento.

Todos olhavam para o Sr. Donovan com olhares preocupados. Charles queria dizer algo, mas deixou para conversar com ele em particular.

— Não podemos perdê-los para a outra sociedade, que tem planos de salvar somente a minoria. Precisamos de vocês do nosso lado para nos fortalecermos e enfrentar o inimigo que pode estar prestes a chegar em massa. O que Roger e Romeo enfrentaram foi o resto do que o antepassado de Victor enfrentou em *Roswell*. Ainda não temos todas as características e planos e de quantos ainda restam por aí. Temos que estar preparados.

Todos esperaram o Sr. Donovan dizer mais alguma coisa e ele acenou com a cabeça dizendo que poderiam fazer as perguntas.

— Sr. Donovan — disseram Roger, Romeo e Lando ao mesmo tempo.

Lando e Romeo deixaram Roger falar.

— Lembro que o senhor disse acreditar que essa ameaça já poderia estar aqui, mas nunca deu muitos detalhes. Agora acabou de dizer que o que enfrentamos no *White Sands* era o resto do que o antepassado de Victor enfrentou. Acho que o senhor está escondendo coisas da gente. Se precisa de nós, acho que precisa ser mais sincero e esclarecer tudo o que teremos que enfrentar.

Todos olharam surpresos com o questionamento de Roger. Romeo ficou admirado com o detalhe no questionamento do irmão.

— O caso *Roswell*, que todos conhecem, na verdade, foi o momento da chegada de uma *nave* das *criaturas*. Por algum motivo essa *nave* foi ao encontro do tataravô de Victor, que era o *Ikihatsunukishisen do raio* e ele, que era bem forte, conseguiu abater a *nave* e derrotar os inimigos. Mesmo assim ele acabou sendo morto, mas os militares americanos chegaram ao local. Acreditávamos que ele havia derrotado todas as *criaturas*, mas algumas haviam se evadido e uma delas foi a que enfrentaram recentemente no *White Sands*. Seu avô por parte de mãe, Nicholas, também foi morto por essas *criaturas* que se evadiram, mas ele conseguiu eliminá-las antes de morrer. Admito que não fui sincero em comentar que já sabia de alguns detalhes sobre essas *criaturas*, mas era necessário que não soubessem dessas informações.

— Então isso esclarece um pouco mais o passado de Victor — disse Romeo, pensativo. — Mas cadê ele? O senhor disse que ele não está mais desaparecido.

— Ele está na mesma situação do *Ikihatsunukishi da madeira*. Ele está com a outra sociedade.

Romeo ficou desapontado e pensativo. Lando também ficou pensativo com o que o Sr. Donovan acabara de dizer sobre o recente amigo.

— Mas me esclareça uma coisa, Sr. Donovan. O que a outra sociedade planeja de fato? Pelo que percebi, eles estão tentando nos reunir também. O que o senhor quis dizer com eles só pretendem salvar a minoria? — questionou Romeo.

— Eles acreditam que o único jeito é tentar salvar o que puder já que o apocalipse se aproxima. Existe uma teoria entre eles que os primeiros que vieram possuíam uma *tecnologia* que permite ir a qualquer lugar no Universo. Um *teletransporte*. Eles estão em busca dessa *tecnologia* perdida e acreditam que a resposta esteja com vocês.

Lando olhou surpreso para o Sr. Donovan. Ele ia dizer algo, mas Romeo foi mais rápido.

— Não vejo problemas nisso. Seria até interessante ter essa *tecnologia* a nosso favor caso algo errado aconteça — disse o irmão de Roger.

— Sim, mas não conseguiríamos salvar todos. Por isso que eles preferem salvar a minoria. Eles não acreditam no potencial de vocês para enfrentar o inimigo. Eles

só o querem para salvar eles mesmos e quem eles acharem importante — disse o Sr. Donovan em um tom mais firme.

Roger e Romeo trocaram olhares. Charles abaixou a cabeça, pensativo. Lando ia comentar sobre a *tecnologia de salto entrelaçado* de Merllinhin, mas acabou falando sobre outra coisa.

— O *Ikihatsunukishisen da madeira*, Miguel. Vamos buscá-lo! — disse Lando, sério.

— Sim, vamos encontrar um jeito de trazer todos para o nosso lado sem confrontos. Precisamos mostrar a eles que o mais importante é se fortalecer para lutar e proteger a todos — disse o Sr. Donovan, tentando demonstrar confiança.

— Acho que todos não serão necessários. Confio no meu poder e posso ficar ainda mais forte — disse Lando com raiva, pensando em Joy.

— Precisaremos de todos. Apesar de ter alguma noção sobre a ameaça e do poder que vocês possuem e de quanto podem ficar mais fortes, não podemos desperdiçar força — disse Donovan, encarando Lando.

Ele pegou seu *Ikihatsunukishi* sobre a mesa.

— Tudo bem, estou com vocês, mas precisamos buscar Miguel!

— E Victor! — disse Romeo.

— E a menina que tentou matar ele? — questionou Roger olhando para Lando.

— Como disse, vamos evitar confrontos. Não podemos permitir que vocês se tornem inimigos entre si. Vocês podem ser a única esperança para esse planeta — disse o Sr. Donovan.

Lando pensou em Abigail após o comentário do Sr. Donovan. Ele ficou novamente desanimado, pois, no fundo, algo lhe dizia que o futuro do planeta Terra era o fim.

— Algo a acrescentar, Charles? — perguntou o Sr. Donovan.

— Para eles, no momento, não. Eu preciso, porém, conversar com você depois — respondeu Charles.

Romeo olhou para o avô com desaprovação. Apesar das recentes revelações, Romeo não se sentia confiante devido às coisas que provavelmente estavam escondendo. Por um momento, a vontade do Roger era que as *criaturas* chegassem logo, pois ele não estava querendo estudar o último ano.

O Sr. Will adentrou à sala. O Sr. Donovan se levantou e foi até ele. Will falou rapidamente com ele em voz baixa e logo depois saiu. Os gêmeos ficaram surpresos com a presença do mordomo.

O Sr. Donovan voltou e se sentou com uma expressão irritada. Antes que Charles pudesse perguntar o que havia acontecido, Donovan disse:

— Perdemos Mitsuaki também. Não temos seu paradeiro.

Charles ia dizer algo, mas hesitou.

— Não! Ele também foi para o lado da outra sociedade? Não podemos deixar! Precisamos ir logo atrás deles! — disse Romeo se levantando.

— Acalme-se! Sente-se! — ordenou Charles, fazendo Romeo se sentar. — Donovan! Precisamos conversar. Acho que por aqui já encerramos.

Lando pensou e achou que talvez fosse a hora de revelar sobre Merllinhin, já que todos os que o Noohtoriano havia pedido para encontrar já estavam previamente localizados.

— Tenho algo que preciso dizer para vocês — disse Lando sem olhar para ninguém.

Donovan olhou para Charles, depois para Lando e pediu para ele prosseguir.

— Sei o tamanho da ameaça que está para chegar aqui e talvez a ideia da outra sociedade não...

Lando foi interrompido com a entrada novamente do Sr. Will que estava acompanhado. Roger, Romeo e Lando olharam surpresos para o garoto que acompanhava Rougan e Ryan. Romeo, assustado e confuso, resmungou:

— Não acredito! Como isso é possível?!

O AUTOR



Designer gráfico e criador de Enerkry, atualmente divide seu tempo entre o desenvolvimento de vários projetos literários, de animação e programação. É casado, tem dois filhos e mora com eles atualmente no Rio de Janeiro, Brasil.

Para mais informações acesse:

www.leandrovsilva.com.br

O limite da sua imaginação é até onde você pode imaginar.

Imagine até o infinito!

LeandroVSilva®

[Facebook](#)

[Instagram](#)

Agradecimentos

Meu agradecimento especial vai para você, *leitor* que vem acompanhando essa jornada da série Enerkry. Ainda é só o começo de muitas aventuras e mistérios!

Escritor e Autor desta obra

LeandroVSilva

Autores da Série

LeandroVSilva

Daniel Barão

Revisão

Nami Nascimento

Artes Capa

Ricardo Mango

Designer Capa

LeandroVSilva



A Série Enerkry é um enorme quebra-cabeça de mistérios, suspenses, ações, aventuras, romances, poderes inexplicáveis aos olhos humanos e muita ficção científica.

Atente-se a todos os detalhes, una todas as histórias, desvende todos os mistérios e descubra os segredos dos *Ikihatsunukishisen* e seus *Ikihatsunukishi*.

Será que seus poderes são uma ameaça aos humanos?

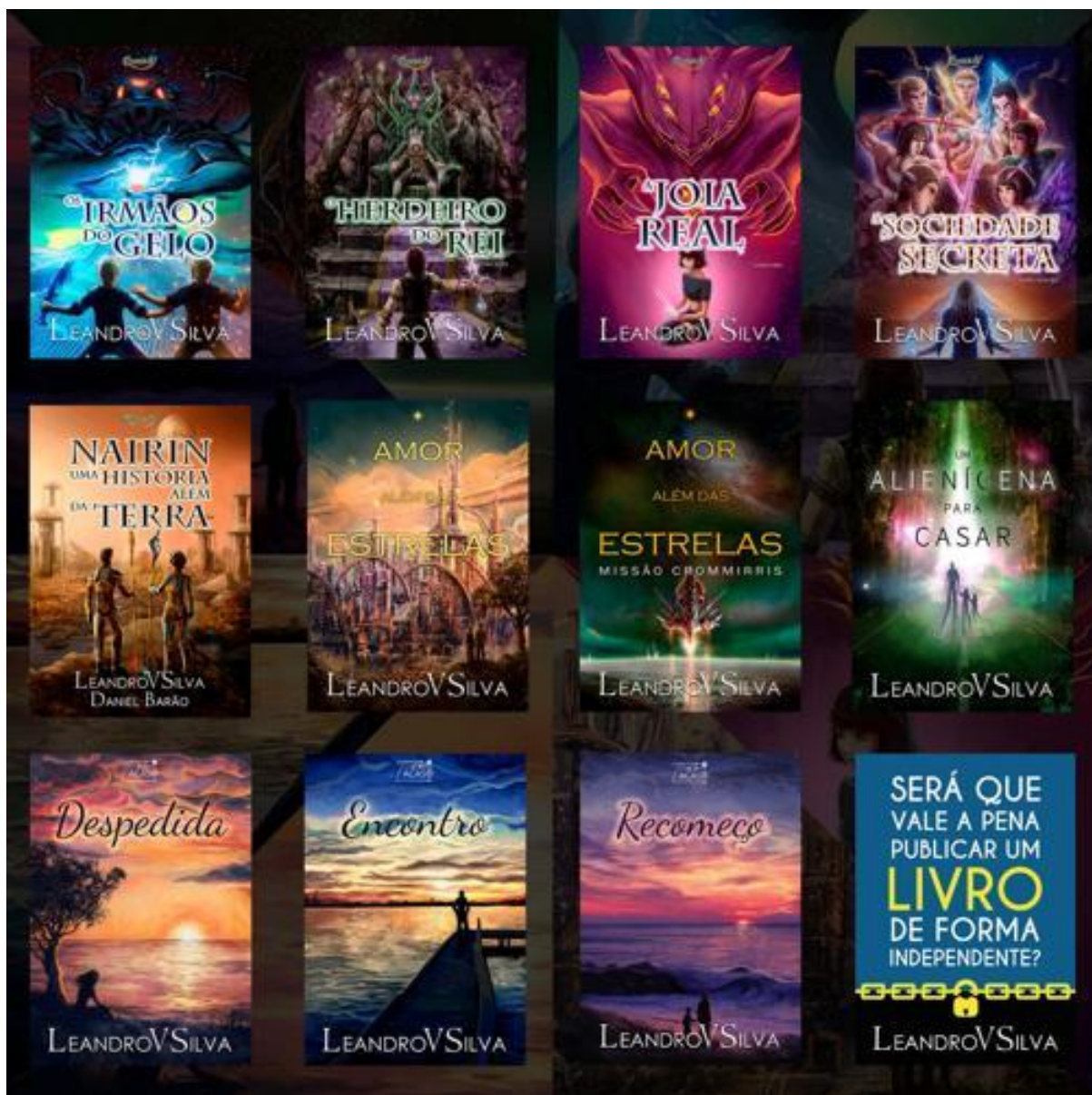
Por mais ameaçador que pareçam ser, talvez eles sejam a única esperança contra algo destruidor que se alastra pelo Universo.

Série criada por *LeandroVSilva* com colaboração de *Daniel Barão*.

Para mais informações acesse:

www.enerkry.com.br

+ LIVROS DE LEANDROVSILVA



[CONHEÇA TODOS OS PROJETOS](#)



[INSCREVA-SE](#)



PÓS-CRÉDITOS

MIGUEL PHILLIP

— Por aqui, Miguel — disse Phillip.

O garoto havia parado e ficou olhando para o chão. Phillip se aproximou dele, o tocou no ombro e o guiou até a saída de onde o garoto estava detido.

— Venha, entre — disse Phillip, pedindo para Miguel entrar em um carro preto.

— Para onde vamos? — questionou Miguel sem olhar para Phillip.

— Não precisa ter medo. Estou aqui para lhe ajudar a entender o seu poder.

— Mas não preciso disso. Onde estão Lando e Joy? — disse Miguel, olhando para o sol que estava nascendo.

— Em breve estarão juntos. Vamos que vou te apresentar a uma pessoa.

— Ao *Ikihatsunukishisen* que está contigo. Ele está a 8,4 Km daqui — disse Miguel com a mão no bolso.

Phillip ficou impressionado e questionou:

— Como?

Miguel o ignorou e continuou olhando para o nascer do sol. Phillip sorriu.

— Então deve saber que não sou uma ameaça e que estou aqui para reuni-los.

Miguel continuou ignorando-o. Phillip mudou sua expressão e começou a ficar preocupado pensando na melhor forma de agir com o garoto sem impor nada. Ele percebeu o quanto especial e raro era Miguel e só se fosse preciso usaria a força para mantê-lo do seu lado. De repente o garoto foi até o carro e entrou.

Phillip olhou para o sol nascendo, entrou no carro e seguiu até o local onde o *Ikihatsunukishisen* do raio o aguardava.



REENCONTRO

KAIRELL

Há 24 anos (1999)

Estava feliz, pois acabara de me formar na faculdade. Estava empolgado para começar umas pesquisas.

— Cuidado, mãe. Não se esforce. A senhora nem devia ter vindo com o pai. Vocês estão bem debilitados — disse, preocupado.

— Não podíamos perder esse momento, meu filho. Estamos muitos orgulhosos.

Fiquei emocionado com o esforço que eles estavam fazendo para estar ali comigo. Meus pais eram idosos, com a idade muito avançada. Eles tinham alguns problemas de saúde e parecia que não iam sobreviver por muito tempo.

Na verdade, eles eram meus pais adotivos. Eles me encontraram na porta da casa deles, quando eu ainda era um bebê e me criaram desde então. Meus velhos nunca tiveram filhos por opção e foi um desafio me criar, mas se esforçaram bem e fizeram um bom trabalho.

— Vamos, Kairell! Vamos comemorar! — disse Dylan me abraçando.

Nevaeh e Leanna se aproximaram.

— Onde iremos comemorar? — perguntou Nevaeh.

— Já reservei o local. Vamos jantar fora e curtir a noite.

— Tem outra turma que estava chamando para uma festa na casa de um deles, mas acho que será melhor passar esse momento especial com vocês — disse Leanna, sorrindo.

— Não sei, pessoal. Tenho que ver com a menina que cuida dos meus pais se ela poderá ficar com eles a noite toda e também...

— Ela vai poder sim e se não puder, conheço quem pode ficar com eles. Passamos muito tempo juntos nesse período de faculdade. Temos que comemorar! Mas vamos comemorar só a gente — disse Dylan, me interrompendo e olhando maliciosamente para Nevaeh e Leanna.

— Tudo bem! Nos encontramos mais tarde! — disse Nevaeh, sorrindo. — Vamos, Leanna. Vamos fazer uma coisa antes e nos encontramos com eles mais tarde.

Elas se despediram e foram embora.

— Cara! Vocês têm que se declarar um para o outro. Não está vendo que ela gosta de você? Vocês já deveriam estar namorando há tempos! — disse Dylan.

— Não sei! Somos amigos! Não quero que nossa amiza...

— Para de frescuras! Se declare logo para ela!

— Você está me cobrando um relacionamento, mas e você e Nevaeh? Já percebi que vocês se gostam. Por que vocês...

— Já estamos ficando — disse Dylan, interrompendo-me, envergonhado. — Não diga nada por aí. Estamos mantendo segredo.

Fiquei feliz com a revelação dele. Eles já se conheciam fazia tempo e se davam muito bem. Eu tinha que ter a mesma coragem e me declarar para Leanna, pois realmente eu estava apaixonado por ela.

Dylan se despediu e foi para casa. Fui para a minha que era dos meus pais. A menina que ficava com meus velhos confirmou que poderia ficar com eles à noite. Quando chegou o momento, primeiro encontrei Dylan. Passou um tempo e começamos a ficar preocupados.

— Elas estão demorando.

— Sim, vou entrar em contato com...

— *Hey*, meninos! Desculpem a demora! — disse Nevaeh.

Minha atenção logo em seguida foi direcionada totalmente para Leanna. Ela estava perfeitamente linda. Parecia que moléculas de água voavam harmoniosamente ao seu redor, absorvendo a iluminação local e realçando ainda mais sua beleza.

— Não vai dizer que ela está bonita? — disse Dylan me cutucando.

Tomei coragem e me aproximei de Leanna. Estendi meu braço e ela me acompanhou. O braço dela estava quente como se estivesse com febre.

— Podemos então? — disse Nevaeh, abraçando Dylan.

Seguimos para um restaurante de alta classe. Para algo que estava parecendo um jantar romântico.

Chegamos, rimos, comemos e brincamos. Havia sido um momento único entre amigos e agora casais. Só estava faltando uma coisa. Falar tudo que sentia para ela.

Depois do jantar caminhamos calmamente até um parque. A noite estava bonita e propícia ao que estava para fazer.

Dylan e Nevaeh se distanciaram da gente e logo estavam aos beijos em um canto do parque. Leanna parou.

— Sabe, Kairell, acho que...

— Eu te amo! — disse nervoso e não me controlando.

Ela me olhou parecendo surpresa. Esperei ela dizer que eu era louco e que havia acabado de estragar a amizade entre a gente, mas de repente ela se aproximou,

tocou no meu rosto e me beijou delicadamente. Ela tremia, mas eu tremia mais. Leanna parou e me olhou nos olhos e sorriu.

— Não sei se casais dizem isso um para o outro no primeiro encontro, mas como te conheço há tanto tempo, acho que não tem problema. Eu te amo também.

Meu coração acelerou ainda mais. Continuamos nos beijando. Achei que teria um infarto, mas logo me acostumei com o beijo dela. Fora segundos de puro êxtase. Quando paramos de nos beijar, olhamos juntos para Dylan e Nevaeh e eles estavam rindo.

Deixei Leanna em casa e voltei para a minha cantarolando muito feliz. Vi sirenes de ambulância vindo da porta de casa. Corri para saber o que havia acontecido. A menina que estava cuidando dos meus pais veio até mim chorando.

— Lamento, mas eles dormiram e não acordaram mais. Eles se foram dormindo.

Minha felicidade havia me deixado instantaneamente. Apesar de já estar esperando esse momento, não queria que tivesse acontecido hoje, um dos dias mais felizes da minha vida.

Meus pais faleceram quase ao mesmo tempo. Eles se foram em paz e eu continuei com minha vida. Como era muito apegado a eles, meu luto durou um bom tempo.

A vida seguiu e estava tudo indo bem. Meu relacionamento com Leanna era perfeito. Enquanto ela se dedicava para conseguir seu primeiro trabalho no *Serviço de Inteligência*, eu me dedicava a umas pesquisas que me deram destaque e até um financiamento vindo de uma família rica e muito importante, a família *Rikarggan*.

Ainda tive o privilégio de conhecer o homem mais importante desta família, o Sr. James *Rikarggan*. Uma pessoa simpática e totalmente aberta às novas ideias e projetos.

Numa noite, depois de um dia de trabalho cansativo, uma mulher me abordou na porta de minha casa.

— Com licença! Em que posso ajudá-la?

Ela demorou a me responder. Me aproximei dela e percebi que a senhora não parecia bem.

— Parece que a senhora precisa de um médico. Vamos, vou ajudá-la. A senhora não tem nenhum parente? Sozinha desse jeito essa hora da noite.

— Você! Você é meu parente mais próximo. O único em quem posso confiar.

— O que a senhora quer dizer? Como assim sou seu parente? — questionei, confuso.

— Me perdoe por tudo que fiz! Não tive escolha. Me perdoe por ter te abandonado. Sei que não mereço ser sua mãe, mas não tenho mais ninguém em quem confiar. Não posso deixar que caia em mãos erradas o que tenho e meus dias estão contados.



IKIHATSUNUKISHI PRECIOSO

NINNA KAIRELL

Há 53 anos (1970)

— Você está indo bem, minha neta! Acabou de fazer treze anos e já domina muito bem o *Ikihatsunukishi*!

Ninna sorriu para o avô. Como o pai dela não se mostrou ativo para o *Ikihatsunukishi*, seu avô Harjas a treinava para dominar o poder sob o qual ele já tinha controle.

— Vo-vo-vo-cês parecem bru-bruxos. Deviam... ser... queimados — disse o pai de Ninna, chegando bêbado.

Harjas olhou para o filho, irritado:

— Brett você é um irresponsável. Veja o que está fazendo com sua vida. Por isso que sua mulher te abandonou. Olha o exemplo que está dando para sua filha. Recomponha-se e seja um homem decente — retrucou Harjas.

— Vo-vo-cê me trata... assim. Só por que... não sou bruxo... igual a vo-vo-cês.

Harjas ficou olhando com irritação para o filho, mas não falou nada. O pai de Ninna foi embora cambaleando. Ela, no fundo, queria chorar, mas se mostrou firme e forte na frente do avô.

— Chega de treinos por hoje. Vá cumprir com suas obrigações escolares — ordenou Harjas.

Ninna seguiu a ordem do avô. Ela pegou sua lição de casa da escola e tentou se concentrar para fazer, mas algo a fez desabar emocionalmente e suas lágrimas molharam a página do livro com exercícios de matemática.

Meses se passaram em sua rotina de treinos com avô, até que Ninna encontrou em cima da sua cama um *chaveiro* de diamante. O *Ikihatsunukishi*.

Ela procurou pelo avô e não o encontrou. Ninna estava só em casa. Seu pai não aparecia há semanas, mas seu avô sempre estava presente. Ela ficou esperando por ele e continuou a esperar por dias.

Há 47 anos (1976)

— Nós te adotamos quando já era uma adolescente, te criamos, estamos pagando uma faculdade para você e é assim que retribui? Engravidando sem casar? Você sabe muito bem que em nossa religião não é permitido engravidar antes do casamento. E pior de tudo, você nem sabe quem é o pai — disse a Sra. Marlaena Scott.

Ela e seu marido Zackaria eram muito religiosos e não queriam aceitar a gravidez repentina de Ninna.

— Não seremos bem-vistos — comentou Zackaria.

— O querem que eu faça? Que interrompa a gravidez? Não irei fazer isso! — disse Ninna, irritada.

— Acho que seria o melhor a se fazer — disse Marlaena.

— Não sei como conseguem pensar nessa hipótese sendo religiosos. Deviam respeitar a vida. Fiz o filho e vou criá-lo. Pode ter sido de forma irresponsável, mas tê-lo e criá-lo com tudo que ele merece é o certo. Já sou adulta e posso seguir sozinha.

— Não nos julgue. Te criamos e você vive sob nosso teto. Se quiser continuar aqui terá que seguir o nosso pensamento — disse Marlaena.

— Não seguirei nenhum pensamento monstruoso. Vou seguir minha vida sozinha.

— Você não tem dinheiro nem para se sustentar, ainda mais para sustentar uma criança! Você ainda depende da gente! — disse Marlaena, irritada.

— Aceite o que sua mãe disse! Queremos o seu bem — disse Zackaria.

— NÃO VOU ESCUTÁ-LA! ELA NÃO É MINHA MÃE — gritou Ninna, chorando.

— Realmente não sou. Acho que foi um erro ter te adotado. Se você seguir esse caminho, acabará igual ao seu verdadeiro pai, aquele que te abandonou. Um presidiário que matou inocentes por estar dirigindo bêbado — disse Marlaena, irritada e emocionada.

Ninna, furiosa, pegou da sua bolsa o *Ikihatsunukishi* e o ativou.

— Vocês são cruéis — disse Ninna aos prantos.

Marlaena e Zackaria se assustaram.

— O que é isso? Onde arrumou isso? O que é você? Que coisa é essa? — questionou Zackaria.

— Saia daqui, demônio! SAIA DA MINHA CASAAA! — gritou Marlaena, apavorada.

Ninna desativou e foi embora. Desse dia em diante ela nunca mais voltou para o lugar onde passou boa parte de sua adolescência.

Ela era muito inteligente e tinha um vasto conhecimento sobre publicidade. Uma amiga a acolheu por um tempo até ela ter uma renda e se sustentar. Ninna passou a

prestar serviços freelancers de marketing para pequenos negócios no bairro e em pouco tempo já prestava serviço para empresas maiores. Alugou um apartamento e sua vida ficou estável.

O tempo passou e ela estava próxima de ter o bebê. Era um menino. O parto correu tudo bem e a mesma amiga que a acolheu no início a ajudou nesse momento sensível de ter que cuidar de uma criança recém-nascida.

Ninna estava feliz, pois tudo na sua vida estava correndo bem, mas um dia, quando ela e seu filho Kairell, que estava com dois meses, estavam chegando em casa, um homem os rendeu e os fez entrar em casa com ele.

— Quero a joia que está contigo! Agora, se não, mato o bebê! — ordenou o homem, sem paciência, apontando uma arma de fogo para o bebê.

— De que joia está falando? — questionou Ninna, nervosa.

— Não se faça de idiota! Quero o *Ikihatsunukishi*.

Ninna se lembrou das ameaças que seu avô falava. Ela tentou manter o controle.

— Tudo bem! Vou lhe entregar. Venha comigo que vou lhe mostrar onde está.

O homem se afastou do bebê e sem ele perceber, Ninna pegou o *Ikihatsunukishi* da bolsa, ativou-o rapidamente e cortou o homem ao meio. Ele começou a se liquefazer e um pequeno *crystal* alaranjado ficou à mostra, mas logo em seguida virou pó.

Ninna estava tentando ficar calma, mas o desespero a dominou. As coisas que o avô contava para ela pareciam ser reais.

Depois de muito pensar, ela percebeu que não poderia arriscar mais a vida do filho, enquanto estivesse com o *Ikihatsunukishi*, mas também não poderia deixar o poder da arma cair em mãos erradas.

Ninna pensou em deixar o filho com sua amiga que lhe ajudou muito, mas não seria inteligente deixar Kairell com alguém que ela tenha tido contato, principalmente com quem já se relacionava há tanto tempo, porque seria o primeiro lugar onde procurariam. Ela teve que tomar a decisão mais difícil da vida dela. Ninna deixou o filho com um casal que ela conhecia de longa data, mas que já estava há muito tempo sem ter contato. Um casal que ela sabia que poderia confiar seu maior bem. Com o coração partido, ela fez igual ao que acontece em filmes: deixou Kairell num cesto na porta do casal. Antes de partir ficou um tempo os acompanhando de longe para saber se iriam entregar a criança a alguma autoridade ou se o assumiriam. Foi deixada uma mensagem com o bebê, pedindo para o casal cuidá-lo como se fosse filho deles. Eles corresponderam às expectativas de Ninna e ela foi em busca de respostas sobre essas ameaças que o avô tanto falava.

— Com licença! Em que posso ajudá-la?

Ninna demorou a responder. Kairell se aproximou dela e viu que ela não parecia bem.

— Parece que a senhora precisa de um médico. Vamos que vou ajudá-la. A senhora não tem nenhum parente? Sozinha nesse estado a essa hora da noite.

— Você! Você é meu parente mais próximo. O único em quem posso confiar.

— O que a senhora quer dizer? Como assim sou seu parente? — questionou Kairell, confuso.

— Me perdoe por tudo que fiz! Não tive escolha. Perdoe-me por ter te abandonado. Sei que não mereço ser sua mãe, mas não tenho mais ninguém em quem confiar. Não posso deixar que caia em mãos erradas o que tenho e meus dias estão contados.

Ele ficou surpreso com a revelação. Kairell sentiu que a senhora falava a verdade. Ela se sentiu fraca e quase caiu. Ele a segurou a tempo e a levou para dentro de casa.

— O que a senhora tem? Preciso levá-la para um médico imediatamente.

Ninna pegou na mão do filho.

— Perdoe-me! Não tive escolha ao te abandonar. Tentei deixá-lo com quem poderia te dar o melhor. Você me parece bem. Então eles cuidaram bem de você — disse Ninna, tocando no rosto do filho.

Kairell se emocionou.

— Sim, eles cuidaram muito bem. Mas o que houve? Por que teve que me deixar com eles? Você não tinha dinheiro para cuidar de mim? O que a senhora quis dizer sobre o que tem e que não pode cair em mãos erradas?

Ninna pegou com dificuldade sua bolsa e tirou o *Ikihatsunukishi*.

— Tudo por causa desse *objeto*. Quase te perdi quando era apenas um bebê, porque *seres* malignos queriam esse poder.

Kairell segurou o *crystal*. Ninna concluiu definitivamente que o filho não carregava o mesmo poder que ela. Ele não acreditou que poderia ser algo que carregasse um poder.

— Como assim *seres* malignos? Que poder é esse? — questionou Kairell, confuso.

Ninna explicou o que podia para o filho. Ele relutava em acreditar.

— Preciso que fique com isso, mas tenha cuidado, pois esse *objeto* pode lhe trazer problemas — disse Ninna, muito fraca.

— Não consigo acreditar nisso tudo. Isso não pode ter o poder que está falando. Seja sincera comigo. O que está acontecendo? Me diga a verdade!

— Estou com câncer, meu filho. Não tenho muito tempo. Preciso que acredite em mim.

— Então é isso. Precisamos levá-la para um médico. Pode ser que ainda consiga tratá-la.

— Não, meu filho. Não tenho alternativas.

— Mas, mãe...

— Não, meu filho. Acabou para mim. Se cuide.

— Não vou permitir que desista! Vou levá-la para um médico nem que seja à força!

Ninna muito fraca, pegou o *Ikihatsunukishi* e com muito custo o ativou. A poderosa arma tirou o pouco de vida que ainda restava nela e desativou logo em seguida. O *Ikihatsunukishi* caiu da mão de Ninna e Kairell ficou sem reação, assustado e confuso. Ele ficou por um tempo em choque e demorou a perceber que sua mãe não respirava mais.



PÓS-CRÉDITOS 2

IVO PABLO

— Phillip não está seguindo os planos com critérios. Acho que ele está desconfiado de nós — disse Pablo.

— Tudo bem. Deixe-o achar que está no controle da sociedade. Temos uma ao nosso alcance e os dois que estão com ele. Como os planos mudaram, vou fazer com que se enfrentem e no melhor momento teremos todos os *Ikihatsunukishi* — disse Ivo, confiante.

— *Nirkkrikkarkirar* foi um tolo achando que poderia ser mais esperto e ter os *Ikihatsunukishi* à força. O que ele fez, invadindo aquela base, nos deu algumas respostas do que os americanos andam planejando. E temos que ter cautela, porque *Nirkkrikkarkirar* foi derrotado, mesmo na posse de um *Ikihatsunukishi*. Temos que ter certeza de que não existe mais nenhum outro escondido, tão poderoso que mesmo que tenhamos a posse de vários *Ikihatsunukishi*, ele venha a nos derrotar. Não podemos arriscar encontrar outro *Ikihatsunukishisen* tão poderoso quanto aquele que você matou em *Roswell* quando chegamos a esse planeta para reconhecimento.

— Você tem razão. Pelo que sabemos, são cinco que chegaram há muito tempo, mas essa informação recente de um *Ikihatsunukishisen da terra* me pegou desprevenido, mas isso vai ser resolvido — disse Ivo, enquanto caminhava.

Pablo recebeu uma notificação no seu *Tab Work*.

— É a Joy. Está precisando de alguma coisa. Ela está cismada. Ela quer conversar com o primo — disse Pablo.

— Ainda não é o momento... Hã? Não me escutou? Já disse que ainda não é o momento! — retrucou Ivo.

Pablo havia se transformado no primo de Joy e logo em seguida voltou à forma do motorista, depois da bronca de Ivo.

— Deixe Joy comigo — disse Ivo, sofrendo uma transformação.

Um *crystal* brilhou em seu peito e depois desapareceu dentro dele. Ele se transformou em Leanna e caminhou calmamente até o quarto onde Joy se recuperava dos ferimentos sofridos na luta contra Lando e os gêmeos *Ikihatsunukishisen*.



ALÉM DO TEMPO

MERLLINHIN

Há 1363 anos (660)

— Você se tornou um homem forte. Tenham muitos filhos! Estou muito feliz com o casamento de vocês! — disse, sentindo uma emoção diferente.

Liorran, filho de Landerran e Cateline que criei como um filho após a morte deles, veio até mim e me abraçou.

— Obrigado, pai. Agradeço-te por tudo — disse Liorran, parecendo emocionado.

A emoção diferente aumentou. Liorran acabara de casar com Mieredit. Até aqui tudo estava fluindo bem, mas ainda seria um longo caminho a percorrer. Minha existência nesse Universo já passara de muitos anos, mas tinha que ser paciente e esperar por muito mais tempo até o grande dia de encontrar Lando.

Há 17 anos (2006)

A cada século que passava eu alterava o disfarce humano. Apesar de o meu corpo ser formado por células modificadas que se autorregeneravam lentamente, eu tinha que ser cauteloso, pois poderia morrer como um humano caso fosse gravemente ferido. A regeneração das minhas células só evitava o envelhecimento.

A *tecnologia* humana evoluía. Fiquei tentando a acelerar o processo do desenvolvimento deles, mas minha missão era outra.

Por mais que soubesse que só Lando seria o próximo ativo do *Ikihatsunukishi*, eu testava em seus descendentes a compatibilidade com o poder. O teste só confirmava o que eu já sabia. Somente Lando poderia ativar o *Ikihatsunukishi*. Somente ele poderia tirá-lo da pedra.

Depois de muitos anos, na mansão de uma família que eu acompanhava fazia tempo, algo que eu esperava aconteceu. Fui fazer uma visita.

— Meus parabéns pelo bebê. Cuidem bem dele! — disse, satisfeito.

— Obrigada, Sr. George. Fico lisonjeada com a visita do senhor — disse Emma, sorrindo.

— Obrigado, Sr. George — disse Ethan, com olhar de felicidade.

Olhei para o pai de Emma e ele sorriu.

— Qual é o nome dele? — perguntei já sabendo a resposta.
— Lando — respondeu Emma, acariciando o rosto do bebê.
— Lindo nome — disse, sentindo algo como alívio. — Com licença. Precisando de algo, podem me contatar — disse, saindo.

O momento havia finalmente chegado. Na verdade, ainda tinha que esperar mais alguns anos, mas estava satisfeito e orgulhoso de mim mesmo por aguentar tanto tempo nesse planeta. Lando. Ele é a chave que reunirá todos.

Há alguns dias (2023)

— Merllinhin!
— Disse que ia te esperar! — disse me transformando em Merllinhin.
— Então era o senhor esse tempo todo. O senhor era a chave para me fazer voltar! Achava que era Cateline quem me prendia no *loop*. Achei isso porque toda vez que ela morria eu voltava no tempo, no *loop* alterado, mas acabei de perceber que voltava devido à da morte de Merllinhin. Voltava toda vez que ele, o senhor, morria.

Acenei com a cabeça, confirmando.

— Então o senhor descobriu. Realmente existem outros aqui nesse planeta.
— Sim! Encontre-os! Juntem-se! Só vocês podem enfrentar a ameaça que está por vir!

— Mas o senhor sabe se temos chance de vencer?

Abaixei a cabeça.

— Se preocupe em encontrar os outros. Preciso ir! Têm coisas que preciso verificar fora daqui. Só estava esperando esse momento para poder partir. Agora é com você!

— Vai voltar para sua *nave*? Para onde vai? Na *conexão* não consegui ver o que irá fazer.

Queria contar tudo para ele, o que pretendia fazer, mas nem eu mesmo sabia ao certo o melhor caminho para começar. Fiz um *salto entrelaçado* para minha *nave* que estava no lado oculto da lua.

— Momento esperado concluído. Seguiremos para Didrahirtt ou Plamplumpirh?
— perguntou Brewembifi.

— As Enerkry não são mais o objetivo principal. Precisamos ir atrás *dele*. Aquele que esteve aqui há muito tempo. Bem antes de nós. Sei que passou muito tempo, mas voltaremos em Krilargilfer. Ignoramos o fato de um deles ter passado por lá, pois estávamos centrados somente em encontrar fontes de Enerkry, mas voltaremos e investigaremos o caso. Precisamos encontrar *ele* a todo custo, isso se

ainda estiver vivo depois de tanto tempo, ou pelo menos, saber o último local por onde passou e o seu objetivo, já que deixou uma enorme fonte para trás.

— Coordenadas traçadas, na sua ordem — disse Brewembifi, preparando a *nave*.

Pensei em Lando e sobre a responsabilidade que deixei com ele. Não estava seguro da situação, mas resolvi confiar nele. Dei a ordem.

— Preparando para o *salto entrelaçado*. E... *Saltando*.



ALÉM DA TERRA

HMERLLINHRHIMH BREWEMBIFI

— *Salto* bem-sucedido. Tem algo estranho. Não estou conseguindo detectar nenhum sinal de vida dos Krilargilferianos. Espera! Encontrei um sinal bem fraco de *equipamentos eletrônicos* ativados, mas...

— Vamos até a coordenada do sinal — ordenou Hmerllinhrhimh.

Quando se aproximaram da superfície do planeta, só viram destruição.

— O sinal está desaparecendo.

— O sinal está fixo em um local, mesmo que desapareça, seguiremos até o local. Acelere — ordenou Hmerllinhrhimh, assustado com tamanha destruição.

Krilargilfer era um planeta bem mais desenvolvido do que a Terra, quando Hmerllinhrhimh chegou há muito tempo. Ele tinha suspeitas do que havia ocasionado tal destruição, mas não queria acreditar.

— Malditos *Specrenerkrihihz!* Se eles chegaram até aqui, a Terra não terá muito tempo — pensou Hmerllinhrhimh, preocupado.

Chegaram ao local de onde vinha o sinal. Detectaram que o mesmo, vinha de um local secreto. Como ele conhecia um pouco da *tecnologia* dos Krilargilferianos, não teve muita dificuldade para acessar o local. Eles se depararam com uma situação horrível.

— Lamento, estão todos mortos. Os equipamentos de hibernação falharam e eles não sobreviveram — disse Brewembifi, tentando simular sentimento de tristeza.

Ali estava a esperança dos Krilargilferianos de acordar do pesadelo que estavam vivendo, depois de muitos anos e acordar em uma Krilargilfer livre de sangue e morte.

— Devemos ir. Não podemos fazer nada...

— O que foi isso? — questionou Hmerllinhrhimh, ao perceber um chamado que haviam acabado de receber.

— É um pedido de ajuda. Pedido de ajuda de Didrahirtt.

Depois de muito tempo, Hmerllinhrhimh ficou sem reação. Tudo estava acontecendo muito rápido. Há muito tempo, a espécie dele quase foi extinta e por um momento ele acreditou que isso não seria evitado desta vez.

— Vamos voltar e atender ao chamado? Vamos? VAMOS? — disse Brewembifi empurrando Hmerllinhrhimh.

— Vamos!

Eles voltaram para a *nave* e *saltaram* para Didrahirtt.

— Vão nos detectar.

— Ativar camuflagem e levantar escudos — ordenou Hmerllinhrhimh.

— São os *Specrenerkrihihz*! Estão atacando!

— Estranho! Só tem uma *nave* deles! — observou Hmerllinhrhimh.

— Parece que estão em final de ataque. Os Didrahirttianos não nos respondem.

De repente uma resposta dos amigos Didrahirttianos. Eles passaram a coordenada exata do refúgio deles e somente Hmerllinhrhimh *saltou*.

— Tempo grande desde sua partida, amigo Hmerllinhrhimh. Aconteceu tudo muito depressa e não conseguimos reagir. Detectamos que eles estão deixando nosso planeta, mas temos receio que voltem. Preciso que nos ajude a retirá-los desse lugar que carrega a morte. Precisamos da sua *tecnologia de salto*.

O refúgio estava repleto de jovens e crianças sobreviventes. Havia poucos adultos e anciãos. Hmerllinhrhimh primeiramente queria ajudá-los, mas algo estava estranho.

— Sim, ajudarei, mas vou averiguar a situação lá fora.

— Nos ajude mais rápido! Nos dê sua *tecnologia de salto*! — solicitou mais ríspidamente o amigo Didrahirttiano.

— Sim, eu ajudarei. Só um instante — disse Hmerllinhrhimh *saltando* para o lado de fora do refúgio.

A situação estava muito estranha. Ele estava suspeitando dos companheiros Didrahirttianos. Algo lhe dizia que eles eram os *Specrenerkrihihz* que tomaram o corpo deles, mas o estranho era que o seu sensor não detectou a assinatura das *criaturas*. De repente o sensor de presença *Specrenerkrihihz* dele ativou e algo saiu do chão atacando-o. Hmerllinhrhimh usou sua *arma*, o cajado feito de Enerkry, e se defendeu. Eram pequenos *Specrenerkrihihz*. Ele os destruiu facilmente. Hmerllinhrhimh ficou com receio de aparecerem maiores. Ele não tinha poder para enfrentar tantos, sozinho.

Hmerllinhrhimh viu seu amigo Didrahirttiano se aproximando e de repente o amigo começou a brilhar e se transformou em um *Specrenerkrihihz*.

— Nos entregue a *tecnologia de salto*, noohtoriano |--\--|--|/—| — disse a *criatura*.

— Como suspeitava. Vocês estão evoluindo. Não os detectei. O que vocês...

Quando Hmerllinhrrhimh ia questioná-lo sobre a destruição do planeta, Brewembifi o notificou:

— Lamento, mas os *Specrenerkrihihz* tomaram a *nave*. Cuidado! Eles estão mais inteligentes. Autorização para executar o protocolo Boomvartytly.

— Você sabe que para isso não precisa de autorização. A nossa *tecnologia* não pode cair nas mãos deles — disse Hmerllinhrrhimh com raiva.

— Protocolo Boomvartytly ativado! Adeus, meu amigo! — disse Brewembifi, parecendo demonstrar, pela primeira vez, emoção.

Um pequeno clarão pôde ser visto do céu.

— Maldito! Vou eliminá-los com toda minha ira, por me fazerem destruir minha *nave* e meu amigo — disse Hmerllinhrrhimh, sedento de ódio.

— Noohtoriano inútil. Não tem para onde fugir! Estamos na sua cola. Tomaremos seu corpo e seu conhecimento.

Hmerllinhrrhimh se viu sem alternativas. O *salto* que ele poderia fazer com seu dispositivo portátil era limitado, no máximo seria para uma das luas do planeta em que ele se encontrava.

— Posso morrer, mas jamais terão o conhecimento da minha mente. Tenho um dispositivo no cérebro que destruirá tudo se acontecer algo sério comigo. Estou preparado contra vocês — disse Hmerllinhrrhimh, tentando demonstrar confiança.

— Vocês são uma espécie resistente, mas a hora de vocês chegará novamente. Nada nesse Universo escapará ao nosso domínio! — disse a *criatura* que desapareceu logo em seguida como se tivesse dado um *salto entrelaçado*.

— Esses malditos já conseguem *saltar*. Eles querem a minha *tecnologia* para ampliar o *salto* — pensou Hmerllinhrrhimh, revoltado e assustado.

Ele viu a *nave* dos *Specrenerkrihihz* se aproximando. Ele esperou que um exército das *criaturas* aparecesse para massacrá-lo, mas a *nave* saiu da atmosfera, sendo que antes lançou algo como um dispositivo de destruição em massa. Era uma mega bomba. Uma arma com um dispositivo que perfuraria até o núcleo do planeta e se ativaria transformando tudo em pó.

Hmerllinhrrhimh tinha menos de quinze segundos e mesmo que ele *saltasse* até uma das luas não escaparia da destruição.



PÓS-CRÉDITOS 3

MITSUAKI

Precisava encontrar o meu avô a todo custo.

— Onde aquele velho se meteu? — pensei, irritado.

Eu devia estar louco, pois estava indo para o *Tibet*. Ainda mais depois das coisas que passei e das ameaças que enfrentei. Meu avô estava certo e confiar em alguém era difícil, mas o Sr. Donovan e os gêmeos pareciam pessoas em quem eu poderia acreditar.

Minha ida ao *Tibet* era porque encontrei uma mensagem com uma coordenada para lá. Era um tipo de mensagem que só meu avô deixaria e que somente eu descobriria.

Após horas de voo e muito tempo de caminhada encontrei uma pessoa. Um monge que disse que meu avô estava à minha espera. Não acreditei no início, mas depois que ele me mostrou um objeto eu o segui. Era um objeto que meu avô não confiaria a ninguém.

Continuamos caminhando até um local bem isolado. Estava cansado e de repente pensei em algo que devia ter pensado antes.

Pensei que *criaturas* iguais a que enfrentei, podem ter sequestrado meu avô e tomado o corpo dele e aparência. Devia ter me tocado antes, mas já era tarde. Chegamos a um templo.

Fiquei preparado para reagir caso fosse preciso. Vi muitos outros monges e imediatamente pensei que todos poderiam ser *criaturas* demoníacas. Se eles fossem como a *criatura* que enfrentei nos *Estados Unidos*, talvez não tivesse chance, pois seriam muitos.

Estava ficando nervoso, mas algo me aliviou por um momento. Contudo, logo em seguida, fiquei nervoso novamente.

Meu avô apareceu e se aproximou com outros monges.

— Por um momento acreditei que não viria — disse meu avô Kensuke.

Peguei o *Ikihatsunukishi* e esperei que eles se transformassem e me atacassem.

— Pode ficar calmo! Sou eu mesmo, seu avô.

— Como posso ter certeza? — questionei, preocupado.

Meu avô foi se aproximando. Sem alternativas ativei o *Ikihatsunukishi*.

— Afaste-se! — ordenei, nervoso.

Monges tiraram minha atenção e meu avô aproveitou para me atacar. Ele me derrubou e tomou o *Ikihatsunukishi* de mim. O mesmo desativou. Ele ativou e o apontou para mim.

— Agora acredita que sou eu? — disse ele, parecendo sem fôlego.

O *Ikihatsunukishi* assumiu a forma que já conhecia, de uma katana com lâmina dupla, quando ele ativava. O alívio tomou conta de mim e me levantei.

— O que é tudo isso? Por que me atraiu até aqui, vovô?

— Você precisa acelerar o seu treinamento. Você treinará aqui. Estamos ficando sem tempo. Você precisa ter o poder que eu não consegui ter.

— Hã? Por que isso agora? O senhor sempre falou para não confiar em ninguém e agora vem com essa história de treinar aqui. Por que aqui? O que o senhor está escondendo? Por que está mentindo para mim há tanto tempo? — questionei, irritado.

— Posso ter não sido sincero, mas preciso que fique mais forte. Contudo...

— Contudo?

— Contudo ninguém neste planeta será capaz de enfrentar o que está por vir. Nem mesmo os *Ikihatsunukishisen*.

A JOIA
REAL



©Enerkry®, 2018-2023. Todos os direitos reservados.

#23/01/23